A HISTÓRIA DA IGREJA



Em Marcha

A História da Igreja

A HISTÓRIA DA IGREJA

Copyright- Imprensa Metodista

V- edição: 1988
2S edição: 1993

Todos os direitos reservados pela Lei 5988 de 14/12/73

Redator: Duncan A. Reily

1993

Imprensa Metodista

INTRODUÇÃO

Não é fácil combinar pesquisa erudita com uma apresentação simples e prática. O rev. Dr. Duncan Alexander Reily conseguiu unir as duas coisas nestes estudos sobre a História da Igreja.

Com estes dados históricos e um rico embasamento bíblico, seu grupo pode acompanhar o desenrolar da história da Igreja Cristã. E este estudo não deixará seu grupo com os olhos voltados apenas para o passado. Estas lições do passado abrirão nossos olhos para a missão presente para a qual o Senhor da História está nos chamando **aqui** e **agora.**

Esta coordenadoria preparou os testes e o material pedagógico que aparece no final de cada parte dos estudos.

Ao Dr. Duncan Alexander Reily, professor na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, nossos profundos agradecimentos.

Warren C. Wofford

ÍNDICE

I - Forças Dominadoras 06

II - Pentecostes 11

III - "Os Sete" 16

IV - Concilio de Jerusalém 21

V - A Igreja Perseguida 25

VI - A Estruturação Interna da Igreja 31

VII - A Oficialização da Igreja 36

VIII - Os Concílios - Enfrentando as Divergências 41

IX - Concílios - O que Estava em Jogo? 45

X - Concílios - O que é que conseguiram Fazer? 49

XI - O Poder Eclesiástico e o Poder Temporal 53

XII- A Cristandade e o Declínio da Igreja; as Cruzadas 58

XIII - A Igreja Exige uma Reforma 65

XIV - A Reforma 70

XV - Metodismo na Inglaterra, nos Estados Unidos e no Brasil 75

XVI - O Metodismo no Novo Mundo 80

XVII - O Metodismo Brasileiro 85

Nos finais de cada estudo 90

Glossário - breve explicação de termos que podem não ser muito familiares aos leitores..... 92

I - FORÇAS DOMINADORAS

A História dos Hebreus – Uma Longa Série de Dominações

A Igreja Cristã surgiu num mundo politicamente dominado por Roma e culturalmente pelo Helenismo. Neste capítulo, vamos tratar brevemente de dois momentos na história: o primeiro dos judeus (o período dos Macabeus), e o segundo dos cristãos (o Império Romano). Vamos tentar perceber um pouco o sentido de dominação e como reage o povo frente a tal dominação. Mas, para uma melhor perspectiva, vamos recordar o que foi a história dos Hebreus desde os primórdios, a saber: uma longa sucessão de dominações e correspondentes libertações. Aliás, um dos temas mais constantes da Bíblia é a libertação do povo hebreu da sua quase escravidão no Egito, na qual Moisés serviu Deus como agente desta libertação.

Nenhuma compreensão do Antigo Testamento pode ser considerada adequada sem que se perceba como pano de fundo o surgimento e a queda dos impérios do chamado Crescente Fértil — a área dos rios Tigre e Eufrates. Assim, sucessivamente se levantam Assíria (à qual Israel, o Reinado do Norte, sucumbia em 722 a.C), a Babilônia (que, sob Nabucodonosor, destrói Jerusalém e leva a nata do seu povo ao exílio 597-581), a Pérsia (a qual permite a volta dos exilados e o restabelecimento de sua vida religiosa e política). A Pérsia é então dominada por Alexandre Magno, que estabelece hegemonia desde a Grécia até a índia, naturalmente incluindo a Palestina. Uma política de Alexandre, aluno do filósofo Aristóteles, era a imposição da cultura grega (helênica) nas vastas terras por ele conquistadas, uma prática seguida pelos seus sucessores. Para simplificar, poucos anos depois da morte de Alexandre em Babilônia (323 a.C), seus generais dividiram o império entre si, um deles assumindo controle da Síria (o que incluía os judeus).

Agora, para o "primeiro momento" de nossas considerações para hoje, Antíoco IV, da linha dos Selêucidos, passa a ser o Rei da Síria. Muito antes dele, pela lógica da dominação cultural helênica*, a língua e o pensamento grego (especialmente a filosofia) já se faziam sentir em muitos níveis. As Escrituras Sagradas do povo hebraico, escritas em hebraico, já não eram mais inteligíveis aos judeus da diáspora (espalhados pelos diversos cantos do mundo), tornando necessário traduzirem-se para o Grego. Assim surgiu a LXX (a Septuaginta)* traduzida em Alexandria, Egito. Muito mais tarde, na mesma cidade, Filon interpretaria estas mesmas Escrituras à luz da filosofia grega (platônica). A cultura grega, fortemente aprovada pela corte da Síria, ganhou muitos adeptos entre os judeus, especialmente das classes altas, aos quais a cultura grega parecia muito mais desenvolvida que a hebraica.

Antíoco IV, chamado Epifânio, tentou em dezembro de 168 a.C. extirpar a cultura judaica e destruir sua religião. Portanto, ele tomou o templo de Jerusalém e ofereceu um porco sobre o altar-mor, ato considerado abominável pelos judeus (cf. Daniel 11.31). No afã de acabar com a religião dos judeus, o Rei Antíoco proibiu, sob pena de morte, a obediência à lei de Moisés, como a guarda do sábado e a circuncisão. Confiscou e queimou as Escrituras. Depois mandou erguer altares a deuses gregos por toda parte, e tornou obrigatória a sua adoração.

Havia três níveis de reação a estas novidades:
1) Havia um grupo, principalmente das classes altas, já helenizado*, que,

basicamente, aceitou a nova situação e, no processo, abandonou sua antiga fé.

2) Um segundo grupo, os Hasidim ou Piedosos, ofereceram resistência passiva. O melhor comentário sobre a situação deste grupo é o comportamento de Daniel e seus companheiros frente às ordens de Nabucodonosor de adorar uma imagem de ouro. Daniel sempre pratica quietamente sua fé e se arrisca à fornalha e à cova de leões. Seria melhor do que contrariar suas convicções religiosas.

3) Uma terceira alternativa se apresenta quando Matatias, o velho sacerdote (Modin), recusou-se a oferecer o sacrifício exigido e matou um judeu apóstata que quis oferecer sacrifício.

O Período dos Macabeus

Surge assim o período chamado dos Macabeus, pois Matatias e seus filhos foram forçados à ação de guerrilha. O primeiro filho, Judas, liderou o povo nesta sua luta contra um helenismo imposto. Seu sucesso contra os destacamentos sírios lhe deu o apelido de Macabeu (MAKKABI), o "martelador". Ele e seus seguidores investiram contra Jerusalém, onde, a 25 de dezembro de 165 a.C, ele purificou o Templo e reinstituiu os sacrifícios diários, onde durante os 3 anos anteriores queimavam-se sacrifícios a Zeus, o chefe do panteão grego.

A purificação do templo deu ocasião à festa chamada HANUKKAH ou da Dedicação (cf. João 10.22). Ele havia conseguido a liberdade religiosa, mas quis conquistar também a independência política. Morto em batalha, Judas foi sucedido por seu irmão, Jônatas, e este por Simão. Simão conseguiu pela diplomacia (142 a.C.) o que seus irmãos buscavam pelas armas, a independência da sua pátria.

Talvez como transição podemos destacar os fariseus. No período dos Macabeus, os fariseus eram vistos com muito bons olhos; eram tidos como um partido *do povo,* ou seja, essencialmente democráticos. Sua insistência na observação minuciosa da lei era vista como resistência ao inimigo, o governo sírio que quisera forçar o helenismo* e destruir o judaísmo. A guarda do sábado, a recusa de comer porco, a circuncisão do filho ao oitavo dia — tudo isso era rebelião contra a imposição do inimigo. Eram vistos como homens de convicção, de fibra e de caráter a toda prova.

Mas, no tempo de Jesus — que é nosso próximo momento o fariseu já projetava uma outra imagem. Ele não era mais visto como *do povo* e nem *amigo do povo.* Não era da classe mais alta (esta era reservada aos saduceus), mas sua longa tradição de uma observação meticulosa da lei o havia transformado em um rancoroso desprezador de todos aqueles que não quiseram ou não puderam guardá-la com igual rigor. Os galileus, em geral mais atrasados e muito menos rigorosos na observação da lei, eram objetos de seu desdém (cf. Jo. 1.46).

O Império Romano

Que projeto tinha Jesus para libertar Israel do jugo romano? Não creio que seja fácil dizer isso com muita clareza. Nós podemos, talvez, responder a uma outra pergunta menor ou pelo menos a um outro nível. O que podemos afirmar com razoável certeza? Creio que podemos afirmar o seguinte: Jesus percebeu sua função como *essencialmente profética.* Ele iniciou seu ministério no espírito de João Batista, reconhecido por todos como profeta e tido como o precursor do próprio Jesus (Mt 3; Mc 1.1; Lc 3.1-22). Conforme Mateus, Jesus iniciou sua pregação com palavras idênticas às de João Batista (Mt 3.2, 4.17; Mc 1.4, 15).

"Arrependei-vos porque está próximo o reino dos Céus". Em Lucas, que diverge de Mateus e Marcos aqui, a nota profética não é menos presente. Não só Jesus se associa a João Batista na sua pregação de arrependimento (cf. 3.2), mas Jesus inaugura sua missão em Nazaré com a mensagem libertadora de Isaías 61.1, 2 (Lc 4.18-19).

O povo que escutava a pregação e acompanhava o seu ministério era unânime em ver em Jesus o modelo do profeta João Batista, Elias, Jeremias (Mt 16.14; Mc 8.28; Lc 9.19), cf. o reconhecimento de Jesus como profeta quando da ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc 7.16), o qual dificilmente poderia deixar de lembrar a ressurreição do filho de Sarepta (Zarefate) por Elias (I Rs. 17.17-24).

Há muitas evidências que a Igreja apostólica via Jesus morto e ressurreto como essencialmente um profeta, não raro nos moldes do Servo Sofredor do projeta Isaías do Exílio. Lucas preservou a palavra de Jesus que "não se espera que um profeta morra fora de Jerusalém" (13.33-34). Assim, o Cristo ressurreto abre as Escrituras aos discípulos de Emaús (Lc 24.44-46; Is. 53.1-12 e Lc 24.19). Ou é Filipe que, começando com Is 53.7-8, anunciou Jesus ao Eunuco da Etiópia (At 8.32, 35). Assim, Estevão argumentou no Sinédrio que Jesus seria aquele profeta semelhante a Moisés (At
7.37), certamente não apenas um legislador, mas essencialmente um libertador!

Nas passagens e nas afirmações acima, não apenas se tem a certeza de que Jesus aceitou o papel de profeta, mas percebe-se também o tipo de profeta que ele pretendia ser. Seus temas estavam relacionados com o Reino de Deus, de justiça e paz, de libertação e abundância.

Jesus deixou claro sua divergência aos conceitos comuns dos seus dias. Seria um reino onde crianças, na sua simplicidade e fraqueza, forneciam o modelo. Onde mulheres tinham tanto lugar como homens. Onde o pobre tem o mesmo direito que o rico (Tg 2.1-9). Onde a riqueza de uns e a miséria de outros é impensável (Lc 16.19-31). Onde há lugar à mesa do banquete do Reino para os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos (Lc 1421).

Qual é o preparo para este tipo de Reino que Jesus tinha em mira? A resposta está na mudança de mente e de coração que Jesus exigiu desde o início de seu ministério: "Arrependei-vos e crede no Evangelho" (Mc 1.15).

Se Jesus tinha um projeto para derrubar o Império Romano, isto não é evidente.

— Ele não organizou nenhum exército ou guerrilha.

— Na noite da sua prisão, seu arsenal de guerra possuía 2 espadas, o que ele considerou adequado (Lc 22.38).

— O povo comum, os pobres, o ouviam com prazer (Mc 12.37) e, pelo menos na ocasião da Entrada Triunfal, houve uma manifestação pública que poderia ter sido transformada em um exército popular para tentar assumir poder em Jerusalém (cf. Mc 11.10). Neste momento, tudo indica que Jesus poderia, se quisesse, iniciar uma revolta que, possivelmente, teria libertado Israel do jugo romano.

O Evangelho de João diz que, por ocasião da multiplicação dos pães, a multidão quis "arrebatar para o proclamar rei", mas Jesus percebendo isto "retirou-se sozinho para o monte" (Jo 6.15).

É o mesmo Evangelho que relata esta palavra de Jesus: "O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam para que não fosse eu entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui" (Jo 18.36).

Porém, há evidência bastante clara que Jesus foi executado pelo poderio romano como revolucionário. Ele foi crucificado, punição comum para revolucionários, e a inscrição rezava "Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus". Antes ele fora atormentado pelos soldados, fazendo uma paródia dele como rei.

Por que não tomou este caminho? A resposta não é fácil, mas parece que o projeto dele era outro. Ele traria a redenção para todos, mediante assunção pessoal do papel do servo sofredor. A libertação viria mediante a identificação com este projeto.

EXERCÍCIO

Escolha a melhor resposta

1 - Os judeus:
a) como "O POVO ESCOLHIDO DE DEUS" nunca sofreram.
b) têm uma longa história de sofrimentos e dominação.
c) sofreram por serem aqueles que mataram Jesus.
d) com sua astúcia em assuntos financeiros, conseguiram sempre dominar os outros.

2 - Antíoco IV, chamado Epifânio:
a) foi um soldado romano condecorado por bravura na conquista da Palestina.
b) foi um soldado romano que se converteu ao judaísmo.
c) tentou extirpar a cultura hebraica e destruir sua religião. Chegou ao ponto de mandar sacrificar um porco no altar principal do Templo de Jerusalém.
d) foi um governador romano que instalou muitas obras públicas para favorecer a fé hebraica.

3 - Os macabeus:
a) queriam tanto a liberdade religiosa quanto a liberdade política para os judeus.
b) queriam apenas a liberdade religiosa para os judeus.
c) queriam só a liberdade política para os judeus.
d) queriam uma reforma agrária bem abrangente para os judeus.

Qual palavra melhor descreve como Jesus percebeu sua missão terrena?
a) Guerrilheiro b) Ditador c) Sacerdote d) Profeta

4 - Para se aprofundar mais.

Com os (as) companheiros (as) de grupo, completar o quadro comparativo com base nos estudos:

Modelo dos reinos deste mundo	Modelo do Reino que Jesus tinha em mira
.....	.....
.....	.....
.....	.....

Como sinalizar hoje o reino que Jesus tinha em mira?

II – PENTECOSTES

Do Páscoa dos Judeus ao Pentecostes do Cristão

Todos os valores da religião judaica — e não são pequenos — foram retomados e realçados em Cristo. A Páscoa dos Judeus era sua festa de libertação, lembrando-lhes que Deus os havia libertado da sua opressão no Egito. Deus, pela ressurreição, poderosamente manifestou Jesus como seu filho, e fez da Páscoa o símbolo da libertação universal. O Pentecoste, sete semanas após, lembrava aos Judeus que Deus estabelecera com eles uma aliança e havia lhes dado a sua Lei. Ex 20.2 sugere a ligação íntima entre os dois eventos. O Pentecoste Cristão, assinalado pela manifestação do Espírito de Deus, foi a renovação da aliança entre Deus e seu novo povo, não mais apenas de Judeus, mas "de todas as nações que estão debaixo do céu" (At 2.5) e no meio do qual não só filhos como filhas profetizam (proclamam) e a idade cronológica não constitui mais uma camisa de força, pois nele "os jovens terão visões" e os "velhos terão sonhos" (At 2.17).

A narrativa do acontecimento ocupa um capítulo inteiro no livro de Atos (At 2147), incluindo a pregação de Pedro, que constitui sua explicação e "aplicação" do evento.

Que é o sentido duradouro de Pentecoste?

Certamente alguns elementos ou fatores desse sentido são os que seguem:

1) O povo de Jesus não seria limitado pelas mesmas restrições dos Judeus. Seria aberto a todos que seriamente se dispunham a ser povo de Jesus. Isto não significava, evidentemente, que de repente tornara-se fácil ser discípulo de Jesus! O mês mo Jesus que havia advertido: "as raposas têm covis e as aves têm ninhos, mas o filho do homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mt 8.20) também havia declarado: "se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me" (Mt 16.24).

A dura realidade disso logo apareceria na forma de perseguição, prisão e até morte dos discípulos do crucificado.

Significava, sim, que um centurião romano Cornélio, "temente a Deus", não seria barrado por causa da sua raça e nacionalidade (At 10). Significava que um etíope não seria excluído por causa da cor da sua pele (At 8). Significava que as mesmas atitudes de Jesus — que aceitava livremente as expressões de amor e devoção de mulheres (Lc 7.36-50), que discutia teologia com elas e ouvia delas as mais sublimes afirmações (Jo 11.27) e que aceitava alegremente a colaboração de discípulas, as quais não apenas o serviam na Galiléia, como o acompanharam mais de perto que os discípulos (homens) na sua Paixão (Mt 27.55-61) e a quem ele primeiro se manifestou após a ressurreição (Mt 28.9; Mc 16.9; Jo 20.16), haveriam de ser determinantes na Igreja.

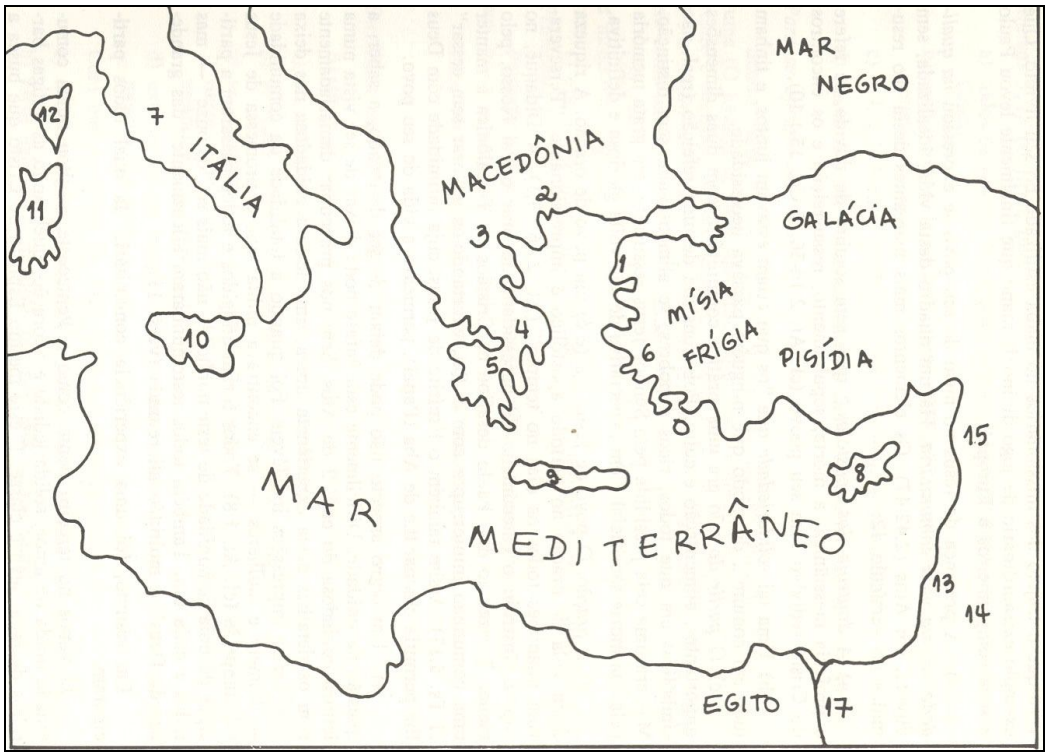
Os preconceitos não seriam mais fáceis de serem vencidos naquele tempo do que no nosso! Pedro só iria compartilhar as boas novas com o gentio Cornélio depois de uma revelação de Deus; só assim ele poderia dizer: "Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas, mas que lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e obra o que é justo" (At 10.34, 35). Paulo custou muito até reconhecer que todos são um em Cristo; daí, entre seu povo "não há nem judeu, nem grego, não há servo nem livre, não há

macho nem fêmea" (Gl 3.28). Mas quando percebeu esta verdade, o ministério (serviço) de mulheres floresceu nas Igrejas de Paulo (como a Epístola aos Romanos, capítulo 16, abundantemente demonstra). Entre nove colaboradores de Paulo mencionados especificamente, uma (Júnia) ele destaca como apóstola (Rm 16.7). E a Igreja hoje parece relutar em aceitar as conseqüências óbvias do cumprimento da profecia de Joel (Jl 2.28-29) — que o ministério de proclamação é compartilhado por homens e mulheres indistintamente!

2) O povo de Jesus não seria privado de sua presença, da sua orientação e de seu poder. Aliás, Jesus havia prometido exatamente isto a seus discípulos ainda em vida. Isto é o sentido da chamada "Grande Comissão" de (Mt 28). Esta Comissão ou ordem é, antes de ordem, uma recitação e promessa: "É me dado todo o poder no céu e na terra. Eis que estou convosco todos os dias". É nesse contexto de declaração e promessa que Jesus ordena o "ide". Este é o sentido do "portanto". É paralelo a Êxodo 20 (Dt 5) onde, antes de ordenar "Não terás outros deuses diante de mim", Deus lembra ao povo que ele havia tirado Israel da escravidão no Egito. Portanto, "Não tereis outros deuses".

Parece-me que é isto que Lucas está dizendo em Atos capítulo 1 e versículo 1, onde diz. "Fiz o primeiro tratado, ó Teófilo, acerca de tudo que Jesus começou, não só a fazer, mas a ensinar." Lucas sugere que o segundo volume de sua obra, o livro de Atos (o primeiro volume, naturalmente é o Evangelho de Lucas), vai contar o que Jesus *continuou* a fazer entre o seu povo após sua morte, ressurreição e ascensão. Isto, porém, ele fará por meio do Espírito que fará dos discípulos de Jesus suas testemunhas e apóstolos (Atos 1.8). Jesus havia deixado claro que ele não abandonaria seu povo: "Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós (Jo 14.18). "Rogarei ao Pai e ele vos dará outro consolador, para que fique convosco para sempre" (Jo 14.16).

Uma das evidências de mais importância desta presença de Jesus se encontra no seu acompanhamento e orientação da Igreja. Ora, é o "anjo do Senhor" que ordena Felipe caminhar pelo caminho que descia de Jerusalém a Gaza e o Espírito que lhe diz a ajuntar-se ao carro do mordomo-mor da rainha da Etiópia, resultando na conversão do homem e, quiçá, por ele, na evangelização dos etíopes! Ora, é a nação do Espírito que de tal forma dirige Paulo e Lucas que levem o Evangelho à Europa. Estilizando, simplificando o trajeto, o que aconteceu pode ser visto neste mapa:



Leia com cuidado os versículos de 6 a 10 do capítulo 16 de Atos, e verifique o trajeto dos missionários no mapa estilizado no seu livreto. Que exemplo extraordinário de jogo divino/humano que finalmente levou Paulo e seus companheiros à Europa!

3) A presença de Jesus no meio do seu povo se expressou *na qualidade da sua vida comunitária.* Há um quadro desta vida, idealizada, sem dúvida, em Atos (2.42-47). Os elementos mais marcantes desta são resumidos no versículo 42:

a) *A doutrina dos apóstolos** que, sem sombra de dúvida, se refere à profecia messiânica, a morte, sepultamento, ressurreição e os encontros do Cristo redivivo com seu povo (cf. At 2.16-36, I Co. 15.1-10).

b) Uma tal *solidariedade* que "os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum", de modo que ninguém passava necessidade.

c) *O partir do pão* era uma prática comunitária com duas dimensões importantes, alimentação e culto. Pois consistia de uma refeição (real, não simbólica) em que todos, ricos e pobres, se alimentavam, sem distinção. Mas era uma ceia presidida pelo Senhor Jesus ressurreto, em grata memória pela sua morte sacrificial e em expectativa de sua volta gloriosa e definitiva.

d) *E oração.* O povo de Jesus era (e é) um povo de oração. A riqueza desta vida de oração no período apostólico é impressionante. "Perseveravam unânimes todos os dias no templo" (At 2.46; 3.1). A Didaquê, no capítulo 8, instruiu o catecúmeno da necessidade de orar o Pai Nosso, pelo menos 3 vezes ao dia. Paulo desafiou os Cristãos de Tessalônica a manter uma comunhão ininterrupta com o Pai, exortando-os a "orar sem cessar" (I Ts. 5.17). Assim também o Espírito de Jesus, cuja intimidade com Deus lhe permitia chamar-lhe de Aba (Papai), permeava a vida do seu povo.

4) Um outro aspecto não pode deixar de ser destacado, a saber: a questão da unidade. Dificilmente esta ênfase pode deixar de ser vista numa leitura cuidadosa do cap. 2 de Atos. Sem nos preocupar demasiadamente com os detalhes desta experiência única, uma leitura cuidadosa nos deixa com certas impressões indeléveis. Foi quando a totalidade da comunidade — homem e mulheres — se encontrava unida, que a promessa de Jesus foi cumprida (cf. At 1.8). Todos foram atingidos e todos passaram a participar de uma comunidade de testemunho — não mais só "os onze" — mas todos e cada um. Também todos testemunharam eficazmente "das grandezas de Deus" à multidão ali reunida (versículo 11).

Em resumo, foi uma experiência comunitária da qual todos participaram. Já vimos no terceiro ponto como o Pentecoste resultou numa comunidade unida de amor, solidariedade e adoração, quebrando as antigas barreiras de raça, sexo e classe. Ê este mesmo Espírito de Cristo que busca a unidade do Povo de Deus e ainda a unidade da raça humana. Este é o desafio do Pentecoste para o Cristo de hoje.

EXERCÍCIO

Escolha a melhor resposta:

1 - Mateus 5.17 confirma que:

a) todos os valores da religião judaica foram retomados e realçados em Cristo.
b) com a vinda de Cristo, foram cancelados e anulados os valores da religião judaica.
c) a Lei Judaica é irrelevante para os tempos modernos.
d) Jesus nem tomava conhecimento da lei contida no Antigo Testamento.

2 - At 16.6-10 nos leva à conclusão que os desígnios de Deus:

a) se realizam exclusivamente por ação divina.
b) se realizam exclusivamente através da ação humana.
c) se realizam dentro de um jogo humano/divino em uma extraordinária combinação de impulsos divinos e respostas humanas na concretização da vontade divina.
d) existem só na imaginação humana, sendo que os acontecimentos nascem por acaso.

3 - Com base no livro de Atos, podemos observar que:

a) o Cristo Ressurreto continua aquilo que começou no seu ministério.
b) Deus agiu até o Século I mas não está agindo mais.
c) Deus continua a agir, mas apenas por um grupo pequeno e seleto de santos especialmente destacados para realizar seu trabalho.
d) Deus tinha espaço para operar dentro de uma sociedade simples e pacata como a dos tempos bíblicos, mas sua ação é muito difícil em uma sociedade moderna com todos os avanços científicos e tecnológicos.

4 - Resumindo, no significado de Pentecoste, conforme os registros em Atos, podemos destacar que:

a) a igreja se dividiu entre aqueles que falavam em línguas estranhas e aqueles que não conseguiam esta façanha.
b) a igreja se uniu em torno da missão em uma rica experiência comunitária.
c) a igreja conseguiu se livrar de alguns maus elementos que comprometeram o nome de "cristão".
d) a igreja descobriu uma forma correta e indiscutível de organização eclesiástica para

consolidar e fortalecer sua presença na sociedade.

5 - *Para se aprofundar mais*

Sendo válida a observação de que Lucas registrou no seu primeiro volume (o Evangelho de Lucas) tudo que Jesus começou a fazer na vida terrestre e registrou no seu segundo volume (Atos dos Apóstolos) aquilo que Jesus continuou a fazer após sua morte, ressurreição e ascensão, Jesus estaria continuando seu trabalho ainda hoje? Como? Por intermédio de quem?

6 - Colocar os seguintes dizeres em papel de metro ou em quadro de giz e incentivar o grupo a completar:

O que nossa igreja local faz de mais significativo para comemorar o Pentecoste é .....

Pentecoste poderia ser mais significativo para nós se fizéssemos assim em nossa igreja local: .....

Para nós, o significado duradouro de Pentecoste .....

III - "OS SETE"

Surge um Problema

Um momento de conflito e de aparente injustiça ameaçou perturbar a paz da Igreja em Jerusalém. Não se tratava de diferença teológica ou doutrinária, mas pode ter tido sua base num preconceito tão profundo que nem era reconhecido por aqueles que o nutriam. Em todo o caso, o resultado era injustiça e prejuízo para as viúvas gregas.

1 – Dar pão a quem tem fome

Antes de entrar numa tentativa de análise do problema e sua solução, vale a pena notar a questão da "distribuição diária". Havia uma notável preocupação na Igreja de Jerusalém de que ninguém passasse necessidades, preocupação essa que ganha mais importância pelo fato de que muitos dos discípulos eram pobres. Viúvas encontraram na comunhão da Igreja não apenas acolhida, respeito e comunidade, mas também amparo material. Tudo isso refletia a atitude do Deus dos cristãos, o qual "Faz justiça aos oprimidos, dá pão ao que tem fome, o Senhor liberta os encarcerados, o Senhor guarda o peregrino, ampara o órfão e a viúva"... (Sl 146.7-9; Tg 1.27).

Pois bem: nesta distribuição diária, as viúvas dos gregos estavam sendo discriminadas, provavelmente de maneiras sutis. Talvez tenham sido atendidas depois dos outros, ou nem sempre sobrava para elas. Eram tratadas como pessoas de segunda classe. Eram "esquecidas". Talvez a coisa pior que pode acontecer a alguém — simplesmente não eram vistas como pessoas importantes. E o resultado era que não recebiam ò que deveriam receber na distribuição.

Mas as viúvas, na Igreja, não eram aquelas figuras desamparadas da sociedade comum; havia alguém que, percebendo sua situação, "pôs a boca no mundo" até que se tomasse uma medida satisfatória.

Eis então o problema: a distribuição diária, que visava cuidar das viúvas desamparadas pela sociedade, de maneira bem concreta e de todas elas, independente de sua origem nacional ou racial, não estava atendendo às viúvas gregas.

2 - Caminhando para uma solução:

A primeira coisa a ser notada quanto à busca de solução do problema é que a liderança da comunidade — no caso, os apóstolos* — estava atenta para ouvir o que a comunidade estava dizendo. Os apóstolos* eram pessoas com uma aguda consciência da sua tarefa; eram, antes de mais nada, testemunhas da ressurreição de Jesus (At 1.8, 22; At 2.32, etc), pela qual Deus poderosamente manifestou-O como Filho de Deus (Rm 1.4).

Tendo assim sentido a insatisfação e detectado a injustiça, os apóstolos* se mobilizaram. Tudo indica que tomaram ação logo que perceberam o problema e sentiram as suas dimensões. Não deixaram o problema criar raízes; agiram logo, mas não agiram sozinhos e nem precipitadamente. O problema não era meramente das viúvas, era problema da comunidade que sofre quando apenas um dos seus membros sofre.Portanto, os apóstolos, ou seja, a liderança da Igreja — não um indivíduo, mas a liderança coletiva —

convocou não apenas as viúvas e os que até faziam a distribuição. Não, eles convocaram a *comunidade* para que houvesse uma solução *comunitária* e *global!*

Interessante que os Doze não fizeram intervenção, como muito bem poderia ter acontecido. Eles não perderam sua confiança na capacidade dos discípulos de acharem soluções satisfatórias para seus problemas.

Surge uma Solução

Os apóstolos* propõem à comunidade da fé: "Escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios de Espírito e de Sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço" (At 6.3). A Congregação concordou com a proposta, que não foi simplesmente imposta pelos doze. E foram eles que escolheram os sete; pessoas da confiança da Igreja toda. Gostaríamos que tivessem ido um passo além nesse processo de democratização, incluindo algumas das próprias viúvas, mas isto não aconteceu!

Pouco sabemos sobre as pessoas escolhidas para esse serviço. Mas os critérios para sua escolha merecem pelo menos breve menção.

Eram homens de *boa reputação,* isto é, eram pessoas cuja vivência cristã convencia a todos. Os nomes são essencialmente gregos, o que mostra a maturidade e a sabedoria da comunidade na sua escolha. Gregos seriam mais sensíveis às necessidades das viúvas gregas, presumivelmente as hebréias que, por serem da maioria, não precisariam de proteção na mesma proporção. Os sete nomes escolhidos tiveram, portanto, a confiança da Comunidade como um todo.

Eram homens *cheios do Espírito Santo;* sua fé era mais do que meramente formal, pois estava fundamentada em um relacionamento pessoal com Deus em Jesus Cristo e a consciência da sua presença e direção.

Eram também pessoas *sábias* — talvez não muito letrados — mas tementes a Deus, experimentados na vivência da "fé que atua pelo amor" (Gl 5.6). A Igreja não raciocinou: estes homens vão estar fazendo um serviço essencialmente secular ou material, de modo que o que precisamos é de bons técnicos, gente entendida em questões de contabilidade, etc. Não! Embora reconhecendo a necessidade da "sabedoria", as qualificações eram especialmente "espirituais".

É verdade que os Doze pareciam colocar a distribuição diária num plano inferior ao seu próprio. "Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir as mesas" (At 6.2). Como já mencionamos acima, os apóstolos viam como sua função principal testemunhar a ressurreição de Jesus. Em certo sentido, era uma coisa insubstituível. Historicamente, havia apenas um número limitado que havia seguido Jesus desde suas andanças na Galiléia, acompanhando-o também até Jerusalém onde Ele foi crucificado e haviam visto Jesus depois de sua ressurreição. Mas a experiência posterior da Igreja mostra que ambas as pressuposições chegaram a ser seriamente questionadas. Hoje Saulo de Tarso, ou Paulo, é universalmente reconhecido como apóstolo, apesar de nunca ter sido discípulo de Jesus em vida deste e apesar de ter perseguido ferozmente a Igreja. Paulo também teve um autêntico encontro com o Cristo redivivo e passou a ser o maior missionário e teólogo da Igreja apostólica*. É Paulo que também nos dá notícia de uma mulher apóstola*, que ele qualifica de notável entre os apóstolos* (Rm 16.7 — veja especialmente na Bíblia de Jerusalém). Estes dois exemplos e outros que o espaço não permite comentar (cf. At 14.14) deixam claro que, na prática, a Igreja não limitava os

apóstolos* a 12 e nem entendeu que a tarefa de testemunhar a ressurreição era exclusivamente dos doze. Não, isto veio a ser função da Igreja como um todo, passando a própria Igreja a ser chamada de "apostólica"*.

Também no próprio texto de Atos, dois dos Sete se destacaram no ministério da proclamação. Estêvão, descrito como cheio de fé e do Espírito Santo, de graça e de poder (6.5, 8), se destacou nas suas pregações perante a chamada Sinagoga dos Libertos e perante o Sinédrio; tão corajosamente pregou Jesus como o cumprimento das profecias que foi apedrejado, tornando-se o primeiro mártir Cristão. A pregação de Filipe em Samaria se acompanhou de sinais e curas (8.6, 7); é ele, através da conversão do eunuco também, o evangelista indireto da Etiópia (8.26-39). Não sabemos dos outros cinco, mas não somos obrigados a pensar que eles se dedicaram exclusivamente à distribuição de alimentos.

Finalmente, a importância desta obra, que se assemelha aos "Atos de misericórdia" no Plano Vida e Missão, é tão evidente que os apóstolos* formalizaram a eleição dos sete com um ato pleno de solenidade: "orando, lhes impuseram as mãos" (6.6), É este ato solene de imposição de mãos, julgado como uma espécie de ordenação, que tem convencido muitos estudiosos no decorrer dos anos que Atos (6.1-7) efetivamente narra a instituição da ordenação de diáconos. Outros argumentam, por causa da ausência do termo Diácono no trecho todo e, deveras, em todo o livro de Atos, que a ordem teria surgido depois, embora não haja nenhum consenso sobre onde e quando. Não é nosso propósito tentar desvendar este mistério, nem é necessário, pois podemos tirar algumas conclusões importantes do acontecimento sem dar a Estêvão, Filipe e os outros nenhuma designação mais precisa que "Os Sete". Já terá sido notado o seguinte:

a) A Igreja apostólica* buscava socorrer os oprimidos e, em particular, as viúvas;

b) Neste sentido, diariamente ela distribuía comida e outras coisas necessárias à sustentação dos necessitados;

c) Quando surgiram práticas discriminatórias na distribuição, ela procurou, através de processos comunitários, chegar a uma solução satisfatória para todos;

e) Nesse processo, formalizou-se um grupo dentro da Igreja de Jerusalém que teria a responsabilidade desta distribuição diária;

f) Na *prática,* isto não resultou em uma dicotomia de funções "espirituais" e "materiais-sociais", e nem os Sete se restringiram à função da distribuição!

Falta colocar a seguinte questão:

"Os Sete" representam uma instituição permanente na Igreja de Cristo? A resposta definitiva gira em torno da questão se realmente a ordenação dos Sete constitui o estabelecimento da ordem dos diáconos, uma ordem que veio a ser considerada como paralela aos Levitas entre os Judeus (sendo os presbíteros e bispos como equivalentes aos sacerdotes e sumo-sacerdotes, respectivamente). Mas a opinião dos peritos sobre isto está dividida, e não convém sermos dogmáticos.

Mesmo sem decidir sobre esta questão maior e genérica, a maneira que a Igreja de Jerusalém agiu na solução de um problema existencial pode nos fornecer "dicas" hoje. Face a um problema que seriamente ameaçava a paz da Igreja e que mostrava uma falha na sua prática de amor (Atos de Misericórdia), a Igreja como um todo agiu de modo sério,

responsável, ponderado, democrático e comprometido. Como comunidade, sob a direção do Espírito, a Igreja nem ignorou o problema e nem tentou escondê-lo ou subestimar sua importância. Pelo contrário, enfrentou o problema aberta e inteligentemente e buscou uma solução que lhe fosse adequada.

EXERCÍCIO

Escolha a melhor resposta

1 - Atos 6.1-7 nos leva a concluir que a Igreja Primitiva:
a) abandonou a "Ação Social" e se dedicou exclusivamente à evangelização.
b) conseguiu se entender em torno de questões espirituais, mas nunca chegou a um acordo em torno de assuntos sociais.
c) teve a notável preocupação em atender às necessidades da comunidade de fé — sejam necessidades materiais, sejam espirituais.
d) distribuiu alimentos como "isca" para atrair estranhos para o seio da igreja.

2 - Atos 6.1-7 nos indica:
a) que os apóstolos deram tempo ao tempo, deixando o problema em "banho maria" até desaparecer por si mesmo.
b) que o problema da distribuição diária foi resolvido por uma intervenção da parte dos DOZE que agiram como colegiado.
c) que o problema da distribuição diária foi resolvido por uma palavra forte e autoritária do Chefe da Igreja.
d) que a solução do problema da distribuição diária foi resultado de ação comunitária e global envolvendo a liderança da igreja, as viúvas que se sentiram injustiçadas, os que faziam a distribuição e a comunidade dos fiéis em geral.
]
3 - Atos 6.2 parece indicar que os DOZE colocaram a distribuição diária num plano inferior ao seu próprio serviço de proclamar a palavra. Mais tarde:
a) esta divisão se confirmou mais ainda e a Igreja aceitou como verdadeiros apóstolos somente aqueles que pregaram a palavra. Os diáconos que serviram as mesas foram cortados da comunidade.
b) a Igreja não limitava a tarefa de testemunhar aos DOZE. Todos eram desafiados a testemunharem do Cristo Vivo em palavras e ações. De fato, dois dos Sete se destacaram no ministério da proclamação.
c) a Igreja ampliou mais esta divisão e deu um modelo para a sociedade secular onde trabalho braçal e prestação de serviço são inferiores e recebem salários mais baixos.
d) os diáconos tomaram o poder e passaram a mandar na Igreja.

4 - Para se aprofundar mais

a) Vocês se lembram de um desentendimento que ocorreu em uma congregação local? Como o grupo enfrentou o problema? A solução foi individual? Legalista? Jurídica? Comunitária? Cristã?

b) Como pode a Igreja proclamar a Cristo hoje — por Atos e Piedade ou Atos de Misericórdia ou por intermédio de ambos estes atos?

c) Comparar a ênfase dos Dons e Ministérios com o modelo da igreja que encontramos em Atos 6.1-7.

IV - CONCILIO DE JERUSALÉM

Duas Versões do Mesmo Acontecimento

Provavelmente este momento na história da Igreja apostólica* seja um dos mais difíceis para harmonizar à luz dos textos do Novo Testamento. Na verdade, muitas explicações são dadas, mas nenhuma que pareça tão convincente como a seguinte: realmente temos duas versões do mesmo acontecimento, de dois pontos de vista bem diferentes, a saber: Atos 15.1-29 e Gálatas 2.1-10. Sem dúvida, há diferenças em detalhes que parecem até contradições, pelo menos quanto a certos detalhes dos dois trechos. Mas, se olharmos para o sentido geral das decisões, vamos perceber que realmente há uma grande concordância quanto aos pontos principais.

Que é que temos?

1) Temos o clímax de vários acontecimentos que mostram que as Boas Novas do Reino não se destinam apenas aos judeus. A própria experiência de Pentecoste ocorreu quando se encontravam em Jerusalém Judeus prosélitos "de todas as nações debaixo do céu" (At 2.5, 11). Mas, no entender de Lucas, o autor de Atos, a perseguição dos discípulos após a morte de Estêvão e a pressão do próprio Deus levaram ao questionamento da idéia de que o Evangelho pertencia exclusivamente aos judeus, e os acontecimentos mostram que os discípulos pouco a pouco deixaram esta idéia de lado na sua atuação dia a dia. Filipe vai à desprezada Samaria e "anuncia-lhes a Cristo" e "as multidões atendiam unânimes" (At 8.4, 5). O mesmo batiza o oficial de Etiópia, provavelmente temente a Deus (gentio* adepto do Judaísmo) mediante sua fé em Jesus como Filho de Deus (At 8.37). O próprio Pedro é "empurrado" por Deus através da visão dos animais puros e imundos (At 10.9-16) para oferecer Cristo ao "temente a Deus" Cornélio, centurião romano. Deus prova a aceitação de Cornélio e sua família por lhes derramar o Espírito Santo, e Pedro se sentiu obrigado a batizá-los (At 10.44-48). Entrementes, discípulos, fugindo da perseguição, pregaram Cristo a "gregos" (gentios* em Antioquia). "A mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram ao Senhor" (At 11.21). E finalmente, o Espírito separa Barnabé e Paulo para a proclamação no mundo gentílico (At 13.2-3). Quando voltaram a Antioquia após a "primeira viagem missionária", "relataram quantas coisas fizera Deus com eles, e como abrira aos gentios* a porta da fé" (At 14.27).

2) Mas nem todos concordaram com esta nova abertura; relutantemente aceitavam o fato que Deus estava realmente abrindo a porta da fé aos gentios*. Mas criam que, antes de os gentios* se tornarem cristãos, tinham que ser judeus, isto é, tinham que se submeter à circuncisão e a totalidade da lei judaica. Eis o sentido de At 15.1: "Se não vos circuncidardes segundo os costumes de Moisés, não podeis ser salvos".

Esta declaração, não autorizada pelos apóstolos* em Jerusalém, mas aparentemente representando o pensamento de muitos cristãos da Palestina, teria posto em cheque toda a missão de Paulo e ainda a autenticidade da conversão dos cristãos gentílicos, ou seja, teria negado toda a missão de Paulo. Neste momento de crise, o que é que foi feito?

3) Como agiu a Igreja frente à crise?

a) A primeira coisa foi que houve "contenda e não pequena discussão" (At 15.2). Paulo descreve a mesma coisa em Gálatas (2.11-14), onde percebemos que a "contenda"

envolveu o próprio apóstolo Pedro, o mesmo que Deus havia empurrado para proclamar Cristo a um soldado romano. Pois Pedro havia revertido à velha exclusividade judaica de não comer com gentios*, mesmo quando estes fossem seus irmãos em Cristo! Paulo o resistira cara a cara!

Sim, ocorriam, às vezes, diferenças entre pessoas na liderança da Igreja nos tempos apostólicos!*

b) Mas a Igreja agiu rapidamente para resolver o problema. Crise havia, mas ela não imobilizou a Igreja como muitas vezes ocorre hoje. Também nada de "panos quentes". O essencial era um diálogo franco de parte a parte, com boa representação de todos os lados. E não só de liderança! Da Antioquia foram Paulo e Barnabé (notem a ordem!) e "alguns outros" (At 15.2); conforme o texto, reuniram-se com os apóstolos e presbíteros de Jerusalém. Houve franca discussão, em que ficou cristalino que a unidade da Igreja se encontrava em Cristo e que todos, gentios* e judeus, foram "salvos pela graça do Senhor Jesus" (At 15.11). Seria impensável frente a este fato deixar qualquer diferença dividir a Igreja.

c) A conclusão pode parecer, à primeira vista, um tanto legalista e até mesquinha, isto é, se atentarmos demais para os detalhes conforme a epístola enviada aos cristãos em Antioquia:

"Que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos, bem como de sangue, da carne de animais sufocados e da incontinência" (15.29). Na realidade, parece-me que há uma outra leitura possível, uma leitura que vai além da letra para o cerne das coisas:

d) Os cristãos gentílicos* estavam sendo aceitos como irmãos em Cristo com o absoluto mínimo de legalismo. A circuncisão não seria exigida nem o sábado era imposto e nem era proibido comer carne de porco (e nem as outras proibições da lei cerimonial). Isto significa, então, não mesquinhez, mas uma notável abertura por parte dos cristãos de origem judaica. Em outras palavras, era uma declaração de autonomia, um reconhecimento que o Cristão é Cristão não em função da sua raça, mas unicamente pela sua fé em Jesus Cristo. Que extraordinária fundamentação para a ação missionária da Igreja!

4) Mas o cristão, embora livre dos detalhes da lei, aliás já questionados no próprio judaísmo (SI 51.16-17; Mq 6.8, etc), expressa sua liberdade através do seu compromisso com o Reino de Deus e Sua Justiça. Como o próprio Paulo disse na sua epístola mais veemente em favor da liberdade cristã, a de Gálatas, "… fostes chamados à liberdade, porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede antes servos uns dos outros, pelo amor" (5.13). Lutero entendeu bem o que Paulo estava dizendo, por isso no seu magnífico tratado sobre a liberdade ele insistiu que o cristão é, a uma vez, o ser humano mais livre do mundo e o mais preso, pois ele passa a ser o servo de todos!

5) Por que destacar idolatria, abstenção do sangue e impureza sexual? Quer me parecer que há aqui uma maneira, bem prática, bem dentro da compreensão até de cristãos novos a insistir em três valores duradouros, a saber:

a) O cristianismo, como o judaísmo, não admite divisão de lealdades.O judeu se lembrava sempre: "...o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás pois o Senhor teu

Deus de todo o coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força" (Dt 6.4-5), aliás, muito relacionado aos primeiros dois mandamentos (Dt 5.7-9). Assim, o cristão confessava *unicamente* Jesus como o Senhor da sua vida (Rm 10.9; I Co 12.3).

b) Abster-se de comer carne com sangue era uma proibição muito antiga e pode ser vista simbolicamente com reverência pela vida (cf. Dt 12.23). É provável que poucos cristãos hoje se preocupem literalmente com esta proibição, mas qual de nós seres humanos não se importa se formos cristãos ou não, não se rebela contra o desprezo do valor humano tão evidente em nossos dias, o genocídio dos índios do Brasil, os "desaparecidos" da Argentina e das Filipinas calculados por alguns como talvez semelhantes em número aos da Argentina, e a transformação do nosso planeta Terra tão pródigo de vida natural em um deserto que poderá vir a ser nosso sepulcro? (No momento em que escrevia estas linhas, uma nuvem radioativa de um grande reator atômico russo ameaça vida e saúde de milhares, quiçá milhões, na Europa).

c) E finalmente, pureza sexual, que tem tantas implicações no sentido de vida familiar responsável, estável e saudável; relacionamento entre homem e mulher baseado em igualdade e respeito mútuo e não exploração. Ou, no conjunto, há o lembrete de que ser cristão significa ter liberdade — do pecado, da mediocridade, da inutilidade, e liberdade para viver plenamente para os outros, sem cair nos erros tão comuns do ser humano. Pois como Tiago disse, a verdadeira religião consiste em visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo (Tg 1.27).

EXERCÍCIO:

Escolha a melhor resposta

1 - Os dois textos, Atos 15.1-29 e Gálatas 2.1-10, relatam o Concilio de Jerusalém.

a) estes dois relatos são idênticos.
b) os dois relatos se divergem em alguns detalhes mas existem uma grande concordância quanto aos pontos principais e à ação tomada.
c) os dois relatos se divergem não somente em detalhes mas em pontos fundamentais sobre a ação tomada.
d) os dois relatos são contraditórios e não é possível determinar o que aconteceu no conclave.

2 - A respeito dos dois textos (Atos 15.1-29 e Gálatas 2.1-10), os entendidos:
a) sugerem que os dois textos bíblicos são duas versões do mesmo acontecimento.
b) afirmam que, na realidade, são dois concílios diferentes.
c) preferem não considerar o fato de um texto bíblico estar em contradição com o outro e se calam sobre os detalhes divergentes.
d) consideram Atos 15.1-29 como sendo totalmente correto e Gálatas 2.1-10 como sendo totalmente falho.

3 - O Concilio de Jerusalém é o clímax de vários acontecimentos que mostram:
a) que a Boas Novas do Reino não se destinam apenas aos judeus.
a) que Jerusalém é a Cidade Santa, portanto sede incontestável do cristianismo.
b) que os judeus, de fato, são o povo escolhido.
c) a superioridade da religião judaica.

4 - Após o Concilio de Jerusalém:

a) todos aceitaram pacificamente as resoluções do conclave.
b) houve a rejeição maciça das decisões tomadas.
c) nem todos concordavam plenamente com a nova abertura. Aceitavam o fato que Deus estava realmente abrindo a porta da fé aos gentios. Todavia, criam que, antes de se tornarem cristãos, os gentios tinham que se submeter à circuncisão e à totalidade da lei judaica.
d) os gentios convertidos tinham que ser dizimistas.

5 - Quanto às resoluções do Concilio de Jerusalém:

a) Pedro e Paulo se divergiram. Pedro tinha uma posição mais fechada e Paulo o enfrentou cara a cara.
b) Pedro e Paulo lutaram juntos para a implantação imediata e plena das mesmas.
c) Pedro queria a implementação imediata das resoluções, mas Paulo resistiu.
d) nem Pedro nem Paulo se entusiasmaram com as mesmas.

6 - *Para aprofundar mais e trocar idéias em grupos*

Hoje colocamos pesos desnecessários sobre os candidatos à conversão? Apresentamos as Boas Novas do Evangelho com seu espírito libertador ou colocamos obstáculos de legalismos e dificuldades mesquinhas perante os interessados?

Como encontrar um equilíbrio entre uma disciplina eclesiástica necessária e prudente para garantir à unidade da igreja e contribuir para a edificação dos fiéis, sem cair no legalismo mortificante?

Comparar alguns costumes de disciplina eclesiástica de outros grupos religiosos com os da nossa igreja. Quais costumes aproximam mais o modelo dado pelo Concilio de Jerusalém?

V – A IGREJA PERSEGUIDA

Quando se trata da questão da perseguição, há diversos aspectos que devem ser considerados, tais como:

- Quem perseguiu a Igreja? Por que a perseguiram?
- De que consistiu a perseguição; qual a duração e a intensidade das perseguições?
- Como os cristãos encaravam a perseguição e como se portaram mediante ela(s)?

Talvez, para fins de clarificação, devemos fazer algumas breves declarações sobre as perseguições, a fim de responder, de forma sucinta, o tipo de pergunta que nos propusemos acima.

A Igreja nasceu sob a nuvem de suspeita; seu fundador fora crucificado ostensivamente como revolucionário pelo governo romano, instigado a isto pela liderança judaica de Jerusalém a qual viu Jesus como ameaça a seus privilégios e à própria religião judaica como eles a entendiam. Aquilo que fora feito com o líder facilmente aconteceria aos discípulos. Aliás, o próprio Jesus, à medida que havia advertido seus discípulos sobre sua paixão e morte, não deixava de falar-lhes sobre o que lhes esperava (cf. Mt 20.17-28; Lc 21.12; Jo. 15.20; Mc 5.11, 12). Então, quando Jesus foi levado preso, ".. .os discípulos todos, deixando-o, fugiram" (Mt 26.56).

Escondidos e imobilizados pelo medo quando Jesus foi crucificado, os discípulos foram transformados em testemunhas por seu encontro com o Cristo redivivo e pela apropriação do Espírito Santo no dia de Pentecoste. O espaço de tempo mencionado em Atos 2.47 em que os irmãos contavam "com a simpatia de todo povo" foi de curtíssima duração. Pois imediatamente na narrativa de Lucas vem o episódio da cura do coxo por Pedro e João. O povo, de fato, aceita seu testemunho e dois mil se convertem; os sacerdotes e os saduceus, "ressentidos por ensinarem eles o povo e anunciarem em Jesus a ressurreição dentre os mortos" (os saduceus não admitem a possibilidade da ressurreição), prenderam os apóstolos* e os proibiram, sob ameaça, a pregar em nome de Jesus (o que se recusaram a fazer). Mas é apenas o prelúdio de perseguições, sempre às mãos dos judeus (não o governo romano), em escala cada vez mais geral e violenta.

Os apóstolos* todos são presos, açoitados e ameaçados pelos principais sacerdotes (5.40). Estevão, pregando Jesus na Sinagoga dos Libertos, irritou os anciãos, os quais o levaram perante o Sinédrio*, onde ele tentou provar que Jesus fora o profeta prometido por Moisés (7.37), mas eles se enfureceram contra ele e o apedrejaram. "Naquele dia, levantou-se grande perseguição contra a Igreja em Jerusalém; e todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria" (At 8.1).

Saulo (que depois adotará a forma judaica Paulo), o grande perseguidor da Igreja, se converte a caminho de Damasco onde pretendia prender os cristãos, homens e mulheres, que se haviam refugiado ali (anos mais tarde na própria cidade de Damasco, Paulo tentou convencer os judeus que Jesus era o Cristo, mas o resultado foi que eles deliberaram matá-lo e ele teve que fugir de noite, cf At 9.22-25).

O Rei Herodes matou o apóstolo Tiago à espada e prendeu Pedro, o qual escapou (At 12.2-3). Paulo, após um considerável período, presumivelmente de retiro espiritual e reflexão (Gl 2.17-18), parte de Antioquia na companhia de Barnabé na famosa primeira viagem missionária. Eles encontram perseguições em quase todo lugar que vão; em Antioquia de Psídia, são expulsos (At 13.50); em Icônio têm que fugir para escapar do

apedrejamento (At 14.5, 6); mas são apedrejados em Listra e arrastados para fora da cidade como mortos (At 14.19), tudo isso instigado pelos judeus. Para encurtar a longa história da perseguição da Igreja no Novo TeStamento, podemos lembrar que Paulo, após sua terceira viagem missionária, resolveu ir a Jerusalém, onde foi falsamente acusado de pregar contra a religião judaica e ainda de introduzir um grego (ilegalmente) no templo. Teria sido linchado pelos judeus se não fosse a pronta ação dos soldados e centuriões romanos. Ficou preso por muito tempo e, mediante sua própria escolha, foi levado, ainda preso, à Roma. Mas a real perseguição que sofreu, sofreu-a nas mãos dos judeus e não dos romanos.

Mas o que a Igreja apostólica* sofreu de perseguição às mãos dos judeus ela sofreu ainda em maior escala em Roma. Mesmo no primeiro século d.C, houve duas sangrentas perseguições instigadas por Roma. A primeira foi a de Nero, na década dos 60, em que Nero chegou a iluminar uma corrida de carros com tochas vivas, os corpos cobertos de piche dos cristãos que preferiram a morte à renúncia da sua fé em Nome de Jesus. A segunda foi a do Imperador Domiciano, perto do primeiro século da era cristã. Esta é descrita no livro do Apocalipse, no qual os cristãos são encorajados com palavras como "Sê fiel até a morte e dar-te-ei a coroa da vida" (At 2.1). Esses mártires também nutriam a certeza de que Jesus logo venceria todos os seus inimigos, pois ele era o alfa e o ômega, o Senhor da história. Só ele era digno de abrir o livro do futuro e desatar seus selos At (5.1).

Já no segundo século, o cristianismo havia se estabelecido firmemente na Ásia Menor (moderna Turquia), no Egito (Alexandria), Síria (Antioquia), Roma, África do Norte e Alhures. Em alguns lugares, como Bitúnia, já no início do segundo século, o cristianismo de tal forma atraía a população que os templos pagãos se esvaziavam, o que poderia trazer sobre a cidade a vingança dos deuses desprezados.

Pelo menos, assim pensavam os não cristãos, especialmente aqueles que se viam prejudicados pela vitória cristã. Um exemplo destes seriam os açougueiros que funcionavam nos templos (dos animais imolados, só parte era usada nos sacrifícios, a carne boa era vendida a bom preço!)

Daí o governador Plínio persegue ferrenhamente a Igreja. Qualquer cristão que persistia na sua fidelidade a Cristo pelo mero fato de ser cristão era condenado à morte; aliás, até o tempo de Constantino, no início do quarto século (por volta de 311-313 d.C.), ser cristão era tido como crime digno de morte!

Há muitos exemplos de cristãos que enfrentaram a morte corajosamente, apesar de ameaças e a mais feroz tortura. Deveras, o martírio como a mais perfeita imitação de Cristo era o modelo para os cristãos e as cristãs durante o segundo e terceiro séculos (e começo do quarto, quando desabou a mais cruel e generalizada perseguição de todos). Vejamos alguns breves trechos que nos foram preservados deste período heróico:

1) Inácio, Bispo de Antioquia, foi levado para o martírio em Roma no começo do segundo século. Na própria viagem, ele escreveu 7 cartas. Na carta à Igreja em Roma, ele implorou à Igreja a não usar sua influência para libertá-lo. Ele escreve:

"Sou trigo de Deus e sou moído pelos dentes das feras, para encontrar-se como puro pão de Cristo. Acariciai antes as feras, para que se tornem meu túmulo e não deixem sobrar nada do meu corpo, para que na minha morte não me torne peso para ninguém. *Então de fato serei discípulo de Jesus Cristo."*

2) Em 155 a.C, o venerável Policarpo, Bispo de Esmirna, foi levado ao martírio

no estádio da sua própria cidade. Os guardas tentaram persuadi-lo a escapar da morte por uma renúncia apenas formal da sua fé:

- "Ora, que mal há em dizer — 'César é Senhor!' e em sacrificar aos deuses como de costume, e assim salvar a SUA vida?"

Após a recusa de Policarpo, os guardas o levaram ao estádio, onde o procônsul também tentou persuadi-lo a apostatar-se para salvar a vida.

- "Considera tua idade... Jura pelo espírito de César, retrata-te; grita 'Abaixo os ateus!' (os cristãos, que adoravam um Deus invisível, do qual não faziam imagens, eram considerados ateus).

Policarpo, muito gravemente olhando para os pagãos que enchiam as escadarias do estádio e acenando para eles, suspirou e exclamou:

- “Abaixo os ateus!”

O procônsul insistiu:

- “Jura, e eu te soltarei. Insulta a Cristo”.

Policarpo respondeu:

- “Oitenta e seis anos há que sirvo a Cristo. Cristo nunca me fez mal. Como blasfemar contra meu Rei e Salvador?”

Policarpo foi queimado vivo.

Era por causa de testemunhas como Policarpo que Tertuliano declarou:

- "O sangue dos mártires é semente".

3) Em Leão e Viena, Gália (atual França), houve uma severa perseguição no ano de 177. Nessa ocasião, a população, enfurecida pelo falso testemunho de que cristãos comiam seus próprios filhos e tinham relações sexuais com as próprias mães, maltrataram e até lincharam cristãos. Estes crimes alegados eram, na realidade, uma má interpretação dos sacramentos cristãos, ao que só os batizados assistiam. Na sua Eucaristia, os cristãos comiam o corpo e bebiam o sangue do seu Senhor". Isto cheirava canibalismo! Também participavam de "festas de amor" — o que, à imaginação paga, só poderia significar orgias sexuais!

Entre as vítimas da perseguição foi o velho Bispo Potino, com seus 90 anos. Foi preso e torturado.

"... todo o seu corpo estava gasto, mas reconfortava-o o sopro do Espírito e o desejo do martírio. Então empurrado, sem nenhuma humanidade, foi vítima de muitos ferimentos. Os que conseguiram aproximar-se, injuriosamente precipitaram-se sobre ele com pancadas e golpes, sem levar em conta a sua idade; os que estavam mais longe atiravam nele tudo quanto tinham à mão; todos se teriam considerados réus de impiedade e de grave delito se não ultrajassem ao infeliz. Criam que desse modo vingavam a injúria feita a seus deuses. *Daí, apenas respirando, foi levado ao cárcere, onde entregou a alma dois dias depois.. "*

Portanto, em tempos de perseguição, que não eram constantes e nem aconteciam em todo o lugar, os cristãos e as cristãs — dos quais havia muitos que não sofriam apenas às mãos dos magistrados, muitos eram virtualmente linchados, como no caso do velho Potino, pela população irada por causa das calúnias levantadas sobre os cristãos.

Na mesma perseguição, foi martirizada a jovem escrava Blandina, à qual os próprios cristãos temiam que lhe faltasse a firmeza para confessar a fé. Mas, *"ela se mostrou tão corajosa, a ponto de cansar e desencorajar os carrascos.* Desde pela manhã tiveram estes que se revezar para torturá-la cada vez mais. À tarde confessaram-se vencidos, pois não tinham mais nada a fazer-lhe. Espantavam-se que ela tivesse ainda um sopro de vida, tanto seu corpo estava despedaçado e transpassado; e afirmavam que um só destes suplícios seria suficiente para causar-lhe a morte. Mas a bem-aventurada, como uma valorosa atleta, renovava as forças ao confessar a fé. Esta lhe era um conforto em seus sofrimentos, era-lhe um alívio o dizer: 'eu sou cristã e entre nós não há nada de mal'".

EXERCÍCIO:

Escolha a melhor resposta

1 - A Igreja Cristã:

a) sofreu nas mãos dos judeus e mais ainda nas mãos do Império Romano.
c) sofreu nas mãos dos judeus, mas não nas mãos do Império Romano.
d) sofreu nas mãos do Império Romano, mas não nas mãos dos judeus.
e) sofreu só nas mãos dos pagãos e hereges.

2 - Inácio, Bispo de Antioquia, foi levado para o martírio em Roma no começo do segundo século. No caminho:

a) enviou uma carta à igreja em Roma pedindo que os líderes usassem sua influência para salvá-lo da morte.
b) escreveu uma carta amaldiçoando seus inimigos.
c) enviou uma carta à igreja em Roma implorando aos fiéis a não tentar libertá-lo, pois com este martírio então seria, de fato, um discípulo de Jesus.
d) escreveu uma carta perdoando seus malfeitores.

3 - O venerável Policarpo, Bispo de Esmirna, aos 86 anos de idade:

a) teve sua pena de morte transformada em sentença de prisão perpétua em deferência à sua idade avançada.
b) aceitou a sugestão do procônsul e fingiu que insultava a Cristo e por isso foi solto da prisão.
c) afirmou: "oitenta e seis anos há que sirvo a Cristo. Cristo nunca me fez mal. Como blasfemar contra meu Rei e Salvador?"
d) pediu aposentadoria e assim ficou isento das torturas e perseguições.

4 - A jovem escrava, Blandina:

a) mostrou-se tão corajosa nas perseguições que conseguiu até desencorajar e cansar os carrascos.
b) se converteu à fé cristã mas negou a Cristo mediante perseguições e torturas intoleráveis.
c) se prontificou a seguir a Cristo como discípula se seu dono lhe concedesse a liberdade.
d) fugiu da casa do seu dono para escapar das terríveis perseguições dirigidas aos cristãos.

5 - *Para se aprofundar mais*

Trocar idéias sobre estes pontos com seus companheiros e suas companheiras de grupo:

- Há lugares no mundo hoje onde a Igreja Cristã enfrenta perseguições semelhantes às dos primeiros dois séculos? Se responder SIM, onde? Se responder NÃO, por que não há perseguições assim hoje?

- O cristianismo floresce maio dentro das perseguições ou quando há completa liberdade para se desenvolver?

VI - A ESTRUTURAÇÃO INTERNA DA IGREJA

(Hierarquia X Carisma)

Todas as grandes Igrejas (ou denominações) hoje em dia possuem sua hierarquia. O bispo de Roma, ou seja, o Papa, preside sobre uma vasta hierarquia de cardeais, de arcebispos, de bispos etc, como é sabido por todos. No cristianismo oriental (ou Ortodoxo), diversos Patriarcas presidem sobre os fiéis de países inteiros ou de vastas regiões, tendo abaixo deles toda uma hierarquia bem como sacerdotes, monges e monjas em grande número. Obviamente, a Igreja Metodista também tem uma hierarquia bem estabelecida. No Brasil, os sete bispos, individualmente e como Colégio, reúnem muito prestígio, influência e poder entre os metodistas do país.

Isto é bom ou mau? Será uma aberração? Não é tão fácil responder a essa pergunta!

Vejamos o que podemos descobrir através de um exame da Igreja nos tempos apostólicos* e pós-apostólicos.

UMA TAREFA

I — Sugiro para o nosso estudo hoje o seguinte exercício: que o aluno coloque, numa folha de papel ofício, no sentido vertical, ou no quadro-de-giz, uma lista de dons, ministérios e serviços nas seguintes passagens bíblicas (e na ordem sugerida):

Texto Bíblico — Ministério — serviço relatado

a) Romanos 12.6-8
b) I Coríntios 12.8-10
c) I Coríntios 12.28
d) Efésios 4.11
e) Filipenses 1.1
f) I Timóteo 3.1-16 e I Timóteo 5.3-20

Depois de estudar o quadro, algumas coisas começam a ficar evidentes. Entre outras coisas, provavelmente serão notadas as seguintes:

1) Nestas 6 passagens, algumas apresentam uma situação de muita variedade e de variação de dons e ministérios. Representa o período "carismático" da Igreja antiga (coluna 1 a 3). Efésios 4.11 representa um estágio de transição entre um ministério estritamente carismático e um mais hierarquicamente estruturado. As últimas duas colunas mostram o processo para um estágio de ordens fixas e mais ou menos hierarquicamente estruturadas.

2) Apesar da *variedade* de dons e ministérios nas primeiras três colunas, há também elementos em comum; Profetas e profecia fazem parte das três listas, e ainda a de Efésios. Ainda com palavras diferentes, o ministério de ensino aparece nas três colunas e em Efésios (Doutores). Serviço à comunidade aparece em todas as colunas sob diversos títulos. Em

Romanos, aparecem *ministério, serviço* (DIACONIA) e o *repartir* (METADIDOMI) e ainda o exercício da *misericórdia* (ELEOS), e "socorros" aparece na terceira coluna.

Nas listas de I Coríntios "Dons de curar" e "milagres" aparecem. É claro que a cura de pessoas doentes é um serviço inestimável; julga-se que as "maravilhas" e "milagres" não seriam simples demonstrações de poder, mas o uso da energia divina em servir à comunidade da fé e outros. Assim foram os milagres de Jesus, não é verdade?

3) Uma terceira coisa é que certos dons que são muito valorizados hoje não se encontram em todas as listas e, quando encontrados, acham-se nos últimos lugares nas listas. É o caso de falar e interpretar línguas. £ também o caso de presidência/governo. Embora não haja identidade e nem semelhança no grego dos termos, há evidência que bispos foram também chamados presidentes (o termo "presidente" é empregado por Justino Mártir, por exemplo, na sua descrição detalhada da Santa Ceia na sua primeira Apologia (capítulo 66. cf. Gomes, *Antologia dos Santos Padres,* SP, Paulinas, p. 66).

OS MINISTÉRIOS NO NOVO TESTAMENTO

Mesmo dentro do Novo Testamento, como vimos, há evidência de uma considerável evolução nos conceitos de ministérios, e especialmente nos títulos dados aos diversos ministérios.

Dissemos acima que Ef 4.11 marca a transição. Nesse versículo, duas fases de ministérios podem ser distinguidas: apóstolos*, profetas e evangelistas representam a fase missionária, itinerante, carismática. Pastores e doutores são servos especialmente na igreja local. A Didaquê, antigo manual para catecúmenos (candidatos ao batismo), também ilustra esta transição. Didaquê, capítulo 15: "Elegei, então, para vós mesmos, bispos e diáconos, dignos do Senhor, varões mansos e não amantes de dinheiro, verdadeiros e aprovados, porque também eles vos ministram os serviços dos profetas e mestres".

4) Há uma coisa final a notar. Não há distinção de sexo entre aqueles que exercem dons e ministérios na Igreja de Cristo (Gl 3.28). A única passagem que examinamos que de qualquer forma se refere ao sexo menciona especialmente dois tipos de ministérios femininos, a saber, as *diaconisas* (I Tm 3.11) e a importante *ordem das viúvas* (I Tm 5.3-16), cuja descrição ocupa duas vezes mais espaço do que a do bispo. É provável que encontraríamos exemplos de todos os dons e ministérios exercidos especificamente por mulheres, o que também pode ser assunto para a discussão da classe. Podemos citar rapidamente alguns exemplos. Nas listas mais formais de ministérios, apóstolos sempre vêm em primeiro lugar: pois Paulo identifica Júnia como apóstola com distinção (Rm 16.7). Seguem os profetas (e profetizas): o evangelista Filipe, por exemplo, teve "quatro filhas donzelas, que profetizavam" (At 21.9; cf. At 2.17).

Mulheres *ensinavam* e *exortavam,* a exemplo de Priscila, à qual, junto com seu marido Áquila, cuidava (pastoreava?) da comunidade cristã em Éfeso, onde também ensinou a Apoio "mais pontualmente o caminho de Deus" (At 18.26). E o que dizer de Dorcas, cujas *caridades* tanto comoveram a comunidade de Jope (At 9.36-41)? Marta representa aquelas mulheres teólogas (doutoras) que tiveram a sensibilidade de perceber quem era Jesus, muito antes da sua morte e ressurreição: "Creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus" (Jo. 11.28; Jo. 4.30-42). A lista já vai se tornando longa... Os caps. 11 e 12 da Didaquê tratam especialmente desse ministério local (de bispos e diáconos) lado a lado (embora aparentemente de menor importância para o autor desconhecido do Didaquê) com

o carismático. Para evitar delongas, não citaremos uma passagem de mártir Inácio de Antioquia, o qual insistia na necessidade de um ministério em três ordens, bispo, presbítero, diácono. I Timóteo já assume, no entanto, esta hierarquia, mas interessantemente menciona também *diaconisas* e descreve detalhadamente a *ordem das viúvas,* deixando muito evidente a importância dos ministérios femininos na Igreja antiga.

Qual é o sentido dessa transição e eventual (quase) substituição do ministério de dons e ministérios pelo ministério de ordens e hierarquia? As respostas não são tão fáceis, mas algumas respostas podem ser pensadas.

1) Certas funções essenciais tinham que ser exercidas na igreja pela sua própria natureza. Para o exercício destas funções, pessoas tinham que ser encontradas. A função da proclamação, a do ensino, a presidência do culto e sacramento, do serviço à comunidade da fé e à comunidade maior eram indispensáveis, de modo que pouco a pouco assumiram formas mais definidas e institucionalizadas.

2) É provável que alguns dos ministérios que surgiram na Igreja tenham tido modelos na sinagoga judaica. Alguns estudiosos encontram no HYPERÉTES (At 4.20, onde ele é chamado de "ministro") o bispo; outros o vêem como o modelo do diácono. O ancião ou "presbítero" era figura importante na vida pública e religiosa de Israel, como o era em Roma (o Senado era a assembléia dos anciãos etc). Curiosamente, nosso termo *senil* vem da mesma raiz. A necessidade sentida de se ter um ministério estável para a Igreja local resultou na adoção de um ministério em três ordens: bispo, presbítero e diácono, bem como de diaconisas e viúvas. É bem possível, porém, que estas "ordens" tenham tomado como modelos respectivamente o sumo sacerdote, o sacerdote, e o levita.

3) Especialmente a partir do meado do segundo século, a Igreja foi perturbada pelas novidades doutrinárias* dos gnósticos*. Nesse ambiente de confusão doutrinária* o bispo (que era o pastor da igreja local) assumiu a função de defensor da fé (preservador da pura doutrina*) e símbolo da unidade da Igreja. No mesmo período, em meio à perseguição romana, o bispo, como chefe da Igreja local, era também o alvo da mais feroz opressão. O martírio corajoso de pessoas como Policarpo, o bispo de Esmirna, Inácio, bispo de Antioquia, e o velho Potino, bispo de Leão, reforçou o prestígio do bispo.

Uma observação final

Nós usamos muito na Igreja e na sociedade a categoria de "líder". Promovemos cursos para o "treinamento de líderes" etc. Mas, curiosamente, não se encontra o conceito na Bíblia; simplesmente não é uma das categorias em que biblicamente se discute a questão de dons e ministérios! "Liderança" cheira um pouco aos discípulos que disseram a Jesus: "Concede-nos que na tua glória nos assentemos, um à tua direita, e outro à tua esquerda" (Mc 10.37), ou o desejo de ser grande. Mas, a estes últimos Jesus falou: "Se alguém quiser ser o primeiro, será o derradeiro de todos e o servo de todos" (Mc 9.35). Parece que nas passagens bíblicas examinadas, as posses das pessoas, geralmente tão valorizadas hoje, e que podem sutilmente influenciar na escolha de pessoas para os diversos ministérios da Igreja, não pesavam. A Didaquê, por sua vez, vê no dinheiro um possível empecilho ao verdadeiro serviço: nenhum "amante ao dinheiro" servia para ser eleito Bispo ou Diácono!

Não, a categoria bíblica é outra — é *servo.* E tinha que ser assim. Já no Antigo Testamento, aparece a figura de *Servo sofredor* que a igreja desde cedo reconheceu como tipo de Cristo (Lc 24.25-27; At 8.32-35). Jesus também disse:

"Porque o Filho do Homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate de muitos" (Mc 10.45; cf. sua exortação também no versículo 44).

Escolha a melhor resposta

1 - No Novo Testamento:
a) há evidência de uma considerável evolução nos conceitos de ministérios e especialmente nos títulos dados aos diversos ministérios.
b) há um organograma claro e fixo para a estruturação da igreja — é só seguir.
c) há uma recomendação explícita de não se preocupar com a estruturação da igreja, dedicando as energias exclusivamente para a missão.
d) há uma preocupação preponderante com estruturas internas da igreja e organizações das congregações para a missão. Esta preocupação ocupa grande parte do Novo Testamento.

2 - Na descrição dos ministérios na Igreja de Cristo:
a) mulheres não aparecem como participantes.
b) ambos os sexos exercem os dons e ministérios.
c) o Espírito proíbe a participação de mulheres explicitamente.
d) as mulheres tiveram oportunidades de exercer os ministérios mas não quiseram, preferindo as prendas domésticas.

3 - Pode-se traçar no Novo Testamento:
a) uma eventual transição e quase substituição de dons e ministérios pelo ministério de ordens e hierarquia.
b) a presença constante de dons e ministérios e a completa ausência de ordens e hierarquia.
c) uma hierarquia começando com Cristo e descendo até todas as congregações locais com autoridades intermediárias, conforme o tamanho e a importância da comunidade local.
d) o costume constante de admitir na igreja somente os ministérios de ordens e hierarquia.

4 - Para se aprofundar mais
a) Trocando idéias em grupos sobre estes pontos:
Considere que, em meados do segundo século, o pastor (ou bispo) assumiu a função de defensor da fé e preservador da doutrina. Era o símbolo da unidade da Igreja. Na opinião do seu grupo, esta função é válida hoje? Como funciona na prática? Pastores hoje são considerados como símbolos da unidade da Igreja e aqueles que zelam pela doutrina? São considerados administradores? Organizadores? Gerentes? Fiscais da máquina eclesiástica? Financistas? Animadores? Gerentes de Marketing e Promoções? Construtores?

b) Possível exercício
- Distribuir papel e canetas.
- Solicitar que todos escrevam no papel as cinco funções mais importantes de pastor (observação: Deve ser a opinião pessoal). Tabular os resultados e conferir com os estudos em curso.
- Trocar idéias sobre a idéia de LIDERANÇA e a idéia do SERVO no Novo Testamento.

c) Considerar estes pontos sobre sua igreja local e trocar idéias em grupos sobre os mesmos:

- Sua igreja local está bem estruturada para a missão? Falta algo? Existem peças inúteis ou supérfluas? Alguém está fora da estrutura que poderia ser arregimentado para a missão? Alguém tem poder demais ou além do necessário para a missão?
- Que mudanças faria seu grupo na estrutura da igreja local?

d) Responder:

- Os pontos mais fortes do funcionamento da nossa igreja local são:

- Os pontos mais fracos do funcionamento da nossa igreja local são :

VII - A OFICIALIZAÇÃO DA IGREJA

A história da Igreja, grosso modo, até o tempo de Constantino, foi uma luta contínua pela sua própria sobrevivência e integridade. A despeito disso, porém, a Igreja se havia espalhado largamente. Os inimigos da Igreja eram tanto de dentro como de fora. De dentro, surgiram modos de interpretar o ensino cristão que simplesmente não atendiam ao ensino bíblico tradicional (ou seja, do Antigo Testamento) e nem interpretavam adequadamente a natureza e a obra de Jesus Cristo.

Os historiadores chamam o conjunto destas novas interpretações de "gnosticismo* pelo fato que ensinavam que a salvação depende de conhecimento (que na língua grega é ***gnosis***). Todos os sistemas desprezavam a matéria como má (portanto negavam a doutrina* bíblica da criação e da verdadeira humanidade de Jesus Cristo). Os melhores pensadores da Igreja combateram estas heresias*, as quais ameaçavam a integridade da fé. Entrementes, o governo romano se sentia ameaçado pelo crescimento da Igreja e especialmente sua recusa de participar da religião estatal, o que lhe parecia falta de patriotismo e até deslealdade à pátria.

Diante da recusa dos cristãos sacrificarem a César (como Deus e como símbolo de Roma), cristãos chegaram a sofrer severa perseguição e até morte às mãos do governo e, às vezes, foram vítimas da violência do povo que, excluído dos "ministérios" (especialmente a Santa Ceia) chegavam a suspeitar que os cristãos praticassem horrores nos seus esconderijos. Afinal, não diziam que lá comiam o corpo de Cristo e bebiam seu sangue? Não estariam escondidos, praticando o sacrifício humano e o canibalismo? Nas suas "festas de amor" não estariam tendo verdadeiras orgias sexuais?

Por vezes, o próprio povo se levantava contra os cristãos, maltratando uns, matando outros. As maiores perseguições foram as do Imperador Décio (por volta de 250 d.C.) que, no clímax da euforia da celebração do milésimo aniversário da fundação de Roma, desfechou uma terrível perseguição visando forçar os cristãos a abandonar sua fé e voltar à religião tradicional do povo romano. E na verdade, muitos membros da Igreja preferiam ceder que sofrer. Mas um número impressionante sofreu prisão, tortura e morte, sem abandonar o seu Cristo.

Após um período de aproximadamente 40 anos de relativa paz (260 a 303 d.C), o imperador Diocleciano iniciou a mais severa perseguição de todas, na qual ele procurou derrotar o cristianismo, visto por ele como ameaça ao Império, o qual já não apresentava o seu antigo vigor e prosperidade. Por sucessivos decretos ele tentou forçar os bispos (ou seja, os pastores) a renunciar sua fé (ou então morrer), confiscou as Bíblias e destruiu os templos cristãos (construídos no período da paz acima mencionada) e finalmente forçar os cristãos individualmente a renunciar sua fé ou sofrer punição e até a morte. Após 10 anos da mais severa perseguição, menos severo no Ocidente onde reinava Constâncio Cloro (o pa de Constantino), o então Imperador Galério, enfermo, convocou seus colegas do governo imperial para decretar tolerância aos cristãos em troca da; suas orações em favor da sua saúde abalada (311 d.C).

Esteve presente Constantino, governante do ocidente depois da morte do seu pai, e já simpático à causa dos Cristãos, e Licínio. Não estiveram presentes os governantes da parte oriental, os quais não concordavam com esta nova posição. Posteriormente, após a morte do velho Imperador Galério, Constantino se convenceu que não seria possível vencer os cristãos à força. Aliás, como Tertuliano havia declarado bem antes, no meio de perseguição

"o sangue dos mártires é semente". Não se mata a semente plantando-a; deste sangue floresce a Igreja! Sua resistência parecia indicar a proteção de Deus sobre os cristãos. Constantino arrazoava que os cristãos, *favorecidos* e não mais perseguidos, poderiam ser uma base firme para a renovação e a unidade do Império!

Sem dúvida, seu tratamento com a Igreja tinha no seu bojo esta convicção política.



Maxêncio de maneira alguma concordava com esta tolerância e ele marchou contra Roma, onde estava Constantino com um exército numericamente inferior. Num sonho, na noite anterior à batalha, Constantino viu as iniciais do nome de Cristo na língua grega e as palavras "Por este sinal vencerás". No dia seguinte (dia 28 de outubro daquele longínquo ano de 312 d.C), na Ponte Múlvia sobre o rio Tibre, Constantino usando o símbolo cristão (figura ao lado) enfrentou (portanto em certo sentido como cristão e, como ele entendia, na força do Deus dos Cristãos), e derrotou Maxêncío, que morreu em batalha.

Pouco depois da vitória de Constantino, Maxêncio e Licínio, em Milão, concordaram em tolerar os cristãos no seu território, parando a perseguição e permitindo a reconstrução dos tempos, etc, (começando 313 d.C). Porém os governantes do Oriente continuaram a perseguição dos cristãos até que aqueles fossem vencidos em batalha.

Maximino Daia ainda persistia na perseguição do cristão e se constituíra em inimigo de Constantino e Licínio. Licínio enfrentou Maximino Daia perto de Adrianópolis e o derrotou definitivamente (Abril de 313). Posteriormente (314) Constantino enfrentou também Licínio e se estabeleceu senhor de 75% do Império. Novamente Constantino enfrentou Licínio em 323, se tornou o único Imperador do vasto Império Romano.

É comumente dito que Constantino oficializou o Cristianismo como religião do Império. Isto não é exato; a oficialização veio depois, sob o Imperador Teodósio I (em 395 d.C), o qual chegou a ordenar a destruição dos templos das religiões não cristãs. Mas já havia começado uma situação radicalmente nova sob Constantino, especialmente de 323 d.C em diante.

Qual foi a reação dos cristãos? A atitude dos cristãos, refletida nas histórias da Igreja Antiga, mostra uma *euforia total*! Dificilmente poderia ser outra a sua atitude. Afinal, enquanto Maxêncio e Maximino Daia (e por um período, também Licínio) haviam feito tudo para arrancar a fé dos cristãos e destruir suas igrejas e matar seus pastores, agora Constantino restaura-lhes a paz. Não apenas ele permite a reconstrução dos templos cristãos destruídos. Ele próprio emprega fundos do governo para construir grandes basílicas (templos) nas principais cidades, como nos lugares sagrados a Jesus na Terra Santa. Ele facilita a participação dos fiéis aos cultos semanais no dia do Senhor (o dia principal do culto cristão desde o início), tornando o domingo em dia de descanso. Ele dispensou o clero do serviço militar etc. Tornou a Igreja em pessoa jurídica com a possibilidade de receber legados e doações. E em contrapartida ele dificultou a situação dos não cristãos, fechando seus templos, não permitindo a reforma deles etc. Em tudo agia como se fosse cristão e, na realidade, chegou a presidir como chefe da Igreja, embora só aceitasse o batismo no seu leito de morte, em 337 d.C.

Hoje em dia costuma se ver a questão com olhos diferentes daqueles do povo e até

de historiadores como Eusébio de Cesaréia, o qual foi testemunha ocular das últimas perseguições. Quem não ficaria eufórico se, depois de uma década de feroz perseguição, voltasse a paz à Igreja? Quem não veria em Constantino, o instrumento desta paz, quase como um salvador? Quem iria suspeitar, como pensam alguns hoje, que com Constantino teria se iniciado a "queda da Igreja"?

Quais eram as conseqüências da nova situação?

Já vimos a parte positiva, o que não deve ser desprezado. Com a paz, vem também crescimento e expansão da Igreja. Mesmo no tempo de Constantino, discussão doutrinária, antes um assunto só da Igreja — e certamente assunto que pertence à Igreja e não ao Estado! — passava a ser assunto político.

Deveras, quando, após 320 d.C, veio à tona a questão da heresia ariana (promovida por Teodoro Ário) e na qual os teólogos da Igreja já tomavam posição, a importância da questão parecia ameaçar a unidade do Império. O cristianismo parecia ser, então, um elemento para dividir e não unificar o Império. Daí, não a Igreja (na qual, na verdade, não existia nenhuma autoridade suprema para pessoalmente assumir a liderança nessa emergência) e, sim, o Imperador Constantino, convoca um Concílio dos bispos para decidir a questão.

O Concilio, o de Nicéia (325 d.C) foi também presidido não pelos bispos, mas pelo Imperador. Esta situação significava que decisões que deveriam ser livres decisões da Igreja passam a sofrer influência e até controle imperial, com os óbvios perigos disso.

Uma outra novidade aparece. A Igreja sempre lutava em favor daquilo que julgou ser a verdade e contra o que julgava ser erro, até expulsando da Igreja aqueles cujos erros ou desvios eram grandes demais para serem tolerados. Mas com a oficialização da Igreja, heresia passa a ser *crime,* punível não tanto pela Igreja como pelo Estado.

Ainda uma outra consideração. Se era verdade que o Império, agora favorável à Igreja e não mais o seu perseguidor, trazia positivos benefícios, o mesmo Império facilmente poderia privar a Igreja da sua liberdade e frustrá-la no desempenho da sua missão ao mundo. O Império defendia e controlava a Igreja, e a Igreja passou a defender e legitimar o Império e suas políticas, deixando de ser profética e passando a ser aliada. A cruz e a espada estavam juntas pro bem, e infelizmente, pro mal também.

EXERCÍCIO

1 - Assim nascem uma série de perguntas:

a) Qual é a função da Igreja Unida ao Estado?
b) Como é que a Igreja pode manter sua integridade e conseguir autonomia suficiente para o desempenho da sua missão?
c) Que faz a Igreja mediante a manifesta injustiça de um rei ou imperador?
d) Pode a Igreja ao mesmo tempo receber benefícios do Estado ç condenar seus erros?
e) A Igreja estatal tem funções políticas? Quais?

Sugestão:

O professor faria bem em consultar uma boa história da Igreja, como Williston Walker, *História da Igreja Cristã,* ou a de Justo González, *Uma História*

Ilustrada do Cristianismo, sobre momentos como:

a) o confronto de Ambrósio e Imperador Teodoro I, após o massacre da Tessalônica;
b) a luta de Atanásio em favor da fé ortodoxa, e seu sofrimento (de 5 banimentos) às mãos de sucessivos imperadores.

2 - Colocar as dez afirmações perante o grupo. Cada pessoa coloca “concordo” ou “não concordo” ou “depende” ao lado ou abaixo das afirmações abaixo:

a) A política é só sujeira. Cristão não entra nesta.

b) Com cristãos em cargos públicos, a comunidade evangélica fica mais atenta a abusos da moral (pornografia, drogas, jogo de azar, corrupção etc).

c) Cristãos devem votar mas não devem concorrer para cargos públicos.

d) Com cristãos nos cargos governamentais, é mais fácil realizar campanhas que visem uma legislação mais humana, melhor saúde pública, melhores escolas e mais obras sociais.

e) Evangélicos devem concorrer aos cargos públicos para poder conseguir mais verbas para instituições evangélicas e igrejas.

f) Devemos pregar a separação da Igreja do Estado, portanto, o cristão não deve se meter na política.

g) Cristãos na política podem participar de uma maneira significativa na luta em prol dos direitos humanos, uma distribuição mais justa da renda dos bens da nação, a proteção dos verdadeiros interesses nacionais e a preservação dos recursos naturais e o equilíbrio ecológico.

h) Cristãos tendem a ser ingênuos e inocentes em questões de política, portanto sua influência nunca chega a ser uma força no cenário nacional.

i) Pastores, padres e sacerdotes não devem concorrer às eleições.

j) Desde o tempo de Constantino, a participação da Igreja na vida política (e vice-versa) só tem causado dificuldades. Por isso, é preciso lutar pela completa separação entre Igreja-Estado.

3 - Comparar as respostas e trocar idéias sobre os resultados, especialmente as divergências.

VIII - OS CONCÍLIOS - I

- Enfrentando as Divergências

Vimos na lição sobre o Concilio de Jerusalém (cf. At 15) que a Igreja já se valeu antes de um concilio para evitar que uma diferença a nível de doutrina* e prática dividisse a Igreja. Mas entre o Concilio de Jerusalém e os chamados Concílios Ecumênicos*, a partir do quarto século, muitas mudanças haviam ocorrido.

A Igreja já se encontrava arraigada desde a Pérsia até Bretanha e Espanha e estava no processo de se tornar a religião oficial do Império Romano.

Na luta contra os Gnósticos*, ela havia percebido o ensino apostólico* como o centro da sua crença, e podia lançar mão com relativa facilidade de instrumentos que exibiam tal ensino. O Credo chamado de "Apostólico"* marcava claramente a posição "ortodoxa"* ou "católica*", enquanto o Cânon do Novo Testamento pretendia explicitar mais o conteúdo desse ensino. Os bispos, tidos como os sucessores legítimos dos apóstolos* e as tradições das igrejas fundadas pelos apóstolos, eram como curadores ou guardas do depósito da fé apostólica. E por fim, Cipriano havia estabelecido o episcopado como depositário da fé e, no caso de haver disputa entre bispos, um sínodo (ou Concilio) de bispos haveria de apurar a mente coletiva do episcopado, o que representaria a verdade.

Como se Faziam Decisões

O que foi escrito até aqui mostra que uma maneira para se decidir questões doutrinárias é o consenso da Igreja. Pelo uso ou pela prática, chega-se a consenso. Pois nada que mencionamos no parágrafo acima foi decidido em Concílio. Na realidade, muitas destas decisões alcançam tão perfeito consenso que passam a ser ponto pacífico. Vamos explicitar apenas um exemplo disso.

Falamos do "ensino apostólico*" como a regra da fé. Quando Irineu primeiro anunciou este princípio, ele o fez no combate ao gnosticismo*. Provou ser um o pensamento e prática do cristianismo majoritário que até foi incorporado ao mais ecumênico* dos credos da Igreja, o Credo Niceno, que define a própria Igreja como "apostólica". O mesmo Irineu, muito envolvido na luta contra os gnósticos*, que queriam abolir o Antigo Testamento, percebeu o elemento permanente e o temporário no Antigo Testamento. Ele contém, dizia Irineu, lei permanente (que geralmente chamamos de "lei moral") ao lado de leis transitórias, ou seja, a lei cerimonial. A Igreja poderá e deverá manter o Antigo Testamento por causa da lei moral que é permanente sem ser obrigada a observar as partes cerimoniais, mesmo coisas tão arraigadas como o sábado!

Julga-se que o processo de diálogo levando a consenso seria a melhor maneira de se conseguir o estabelecimento de doutrinas* na Igreja. Talvez uma outra ilustração estaria em ordem. Uma das grandes disputas que afligiu a Igreja depois da questão gnóstica foi o que se chamava de MONARQUIANISMO* ou, em termos mais simples, a insistência da unidade de Deus.

Havia realmente duas fases desta controvérsia que podem ser tratadas separadamente. Mas há certo valor em vê-las como um todo. O ponto em comum realmente tem que ver com a questão: "Quem é Jesus Cristo"?

A primeira forma do monarquianismo* tende a ver Jesus como mero homem, e tem dificuldade em vê-lo como Deus. É baseado em passagens bíblicas como de Marcos 1.9-11, onde na hora de batismo o Espírito de Deus desce sobre Jesus "como pomba" e uma voz do céu declara: "Tu és o meu filho amado em quem me comprazo" — o que eles interpretavam como se Jesus recebia a divindade naquele momento (pela descida sobre ele do Espírito Santo) e que Deus estava adotando o homem Jesus naquele momento como seu filho. Deus (o Pai) continua sendo único, uma vez que o Filho é apenas adotivo, não essencialmente divino.

Mas a outra forma é exatamente o contrário. Esta forma enfatiza tanto a divindade que só pode ver a união de Jesus com o Pai. É baseado especialmente em João onde se lê: "No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus" (Jo 1:1); "quem me vê a mim, vê o Pai" (Jo 14.9); "Eu estou no Pai e o Pai está em mim" (Jo 14.14); "Para que todos sejam um como tu, ó* Pai, o és em mim, e eu em ti..." (Jo 17.21). Esta forma de monarquianismo* admitia que Deus é essencialmente um só. Jesus, que também é Deus, é apenas uma manifestação temporária do único Deus. Alguns que advogavam esta posição usavam a figura de uma peça teatral em que Deus, como o único ator, entra em cena três vezes, usando máscaras (papéis) diferentes. Na primeira cena (o tempo do Antigo Testamento), ele aparece como o Pai. Depois ele aparece com a máscara de Jesus Cristo e, por fim, com a do Espírito Santo, mas na realidade o ator é um só!

Estas idéias foram combatidas na sua maioria por Tertuliano, o qual conseguiu estabelecer de maneira clara e convincente que:

1) Jesus Cristo, de acordo com a revelação e a experiência cristã, é uma só pessoa na qual se reúnem duas naturezas íntegras, a humana e a divina.

2) O Deus dos Cristãos — ou seja, o único verdadeiro Deus — é uma substância ou natureza (a divina), mas consiste eternamente de três pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo.

O importante para nossa consideração hoje é que, sem o recurso de um Concilio Geral, a Igreja do Ocidente como um todo aceitou estas idéias como formulação adequada da revelação e da experiência da comunidade da fé. Não aconteceu imediatamente, mas, em relativamente pouco tempo a Igreja Ocidental, que passava a usar o Latim (Tertuliano foi o primeiro teólogo a escrever em Latim), que não era de índole especulativa, adquirira a formulação mais fundamental da sua fé, não sem luta (pois o próprio Tertuliano havia elaborado sua posição em polêmica com os Monarquianos*), mas na convicção de que Tertuliano havia formulado, de maneira adequada, estes artigos de fé.

De resto, esta formulação é aceita por consentimento da Igreja e sem ser declarado "dogma*" (definição oficial e única de determinada doutrina*) e sem ser sancionada por nenhum concílio ou governo (é claro que Tertuliano escrevia por volta de 200 d.C, em período de perseguição, bem antes da "era de Constantino").

Mas a Igreja Oriental, dominada pela herança da cultura grega (helenista*), tinha um espírito mais especulativo e filosófico. Não se satisfazia facilmente com o fato; desejava saber também "como". João havia declarado no Prólogo do seu Evangelho (João 1.14 — "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai"). A mente grega não se satisfazia com tão maravilhosa revelação — indagava a *maneira* da união das duas naturezas em uma só pessoa, Jesus Cristo! *Como* ocorreu a encarnação*? Como poderá o Verbo de Deus tornar-se carne?

Liam no mesmo Evangelho declarações de Jesus: "Eu (Jesus Cristo, o Filho) rogarei ao Pai e ele vos dará outro Consolador" (Jo14.16). Sem mencionar o vocábulo "Trindade", esta palavra de Jesus continha a substância dela. Ademais, Tertuliano já havia explicitado a doutrina*. Mas a mente grega, aguda e especulativa, persistia em indagar: mas *como* pode o único Deus ser, ao mesmo tempo, *um* e *três?*

Estas são as perguntas básicas que iriam agitar a mente da Igreja, principalmente a Oriental (pois a Ocidental geralmente aceitava como adequada a exposição de Tertuliano) por alguns séculos; porém, só iremos considerar os quatro primeiros: Nicéia (325 d.C), Constantinopla (381 d.C), Éfeso (431 d.C.) e Calcedônia (451 d.C).

Um fator que complicava a situação era que havia dois principais centros de pensamento cristão no Oriente que abordavam diferentemente as questões:

- Antioquia, grande escola exegética, e que partia do aspecto humano em Jesus, e
- Alexandria, cuja teologia estava fortemente dosada de filosofia platônica, e que sempre enfatizava mais a divindade de Jesus que sua humanidade.

Os debates entre representantes destas duas escolas constituem a dinâmica dos Concílios, que vamos estudar nos próximos domingos.

Pela leitura desta lição, deve ter ficado claro que as grandes questões teológicas giravam em torno de Jesus Cristo. A grosso modo, elas se reduzem a duas só:

— Quem é Jesus Cristo? ou, que significa a Encarnação*? Esta é a questão chamada Cristológica.

— Como é que Jesus Cristo se relaciona com Deus Pai? Esta é a questão Trinitária.

Estas questões são consideradas importantes pelos Metodistas? (confira nos *Cânones* especialmente nos "Artigos de Religião".)

EXERCÍCIO

Escolha a melhor resposta

1) Entre o Concilio de Jerusalém, mencionado em At 15 e Gl 2.1-10, e os chamados Concílios Ecumênicos, a partir do quarto século:

a) muitas mudanças ocorreram.
b) nenhuma mudança ocorreu.
c) ocorreram muitas mudanças na vida política mas poucas na vida religiosa.
d) ocorreram muitas mudanças na vida religiosa mas poucas na vida política.

2) Qual processo melhor descreve a maneira pela qual a Igreja decidia as questões de doutrina?

a) Pela palavra autoritária de um líder forte.
b) Consultas nas leis canônicas.
c) Meditação e contemplação.
d) A busca de consenso à luz das Escrituras e da prática da oração.

3) Tertuliano colocou de forma clara e convincente que Jesus Cristo é uma só pessoa na qual se reúnem duas naturezas íntegras: a humana e a divina; e Deus é uma substância ou natureza, mas consiste eternamente de três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. A posição de Tertuliano teve aceitação:

a) por consentimento geral, sem ser declarado dogma e sem ser sancionado por nenhum concilio ou governo.

b) porque o então papa transformou esta opinião em dogma.

c) porque um Concílio aprovou por unanimidade esta opinião e publicou essa doutrina como parte da lei canônica.

d) porque o Império Romano deu o apoio político necessário.

4) As grandes questões que a Igreja enfrentava nos chamados Concílios Ecumênicos, a partir do quarto século, eram estas:

a) quem controlará as propriedades da igreja? Quem administrará os bens e as riquezas da Igreja?

b) qual a missão fundamental da Igreja — a ação social ou evangelização? Quem cumprirá a missão?

c) quem é Jesus Cristo? Qual o seu relacionamento com o Pai? O que significa a Encarnação?

d) quem tem o direito de ser ordenado ministro? Quem é credenciado para ministrar os sacramentos? Quem fala em nome da Igreja?

5 - *Para se aprofundar mais*

- Fazer uma lista das GRANDES QUESTÕES da Igreja hoje e discuti-las em grupos.
- Na opinião de cada grupo, como a Igreja deve enfrentar essas GRANDES QUESTÕES?
- As questões vão desaparecer com o tempo se não forem enfrentadas? Elas clamam para uma atenção imediata?

IX – CONCÍLIOS

- O que Estava em Jogo?

Vimos na última lição que a Igreja necessitou descobrir meios para estabelecer claramente os pontos principais da sua crença. Vimos também que o assunto que mais preocupou a Igreja nos tempos passados foi sobre Deus e, ainda mais, sobre Jesus Cristo. Se quisermos ir um passo além, podemos examinar o Credo Apostólico. A Igreja sentiu a necessidade de ter um pequeno compêndio da fé, pelo que o Catecúmeno poderia confessar sua crença ou o mártir testemunhar aos próprios algozes a substância da sua fé. Para nós, fica evidente que os antigos cristãos tinham fé em Deus (Pai), em Jesus Cristo (Filho) e no Espírito Santo. Criam na Igreja, na remissão de pecados e na vitória do cristão sobre a morte. Mas só achavam necessário elaborar sua doutrina de Deus e de Cristo. Certamente, entre outras coisas, isto significa que havia uma larga área de fé e prática na qual uma variedade de costumes existia lado a lado.

O primeiro dos Concílios* chamados Ecumênicos* (ou seja, mundiais, pois teoricamente consistem de todos os bispos da Igreja; na realidade os bispos do Ocidente estavam quase totalmente ausentes) foi o Concílio de Nicéia. Nicéia era uma cidade perto de Constantinopla, recém estabelecida como a sede do governo de Constantino.

O que estava em jogo? A resposta à pergunta depende de quem a propõe. Para o Imperador estava em jogo a tranqüilidade de seu Império, pois a disputa se alastrava e cristãos se dividiam sobre a questão! A princípio, parecia ser um assunto de interesse local, isto é, das redondeza de Alexandria, no Egito. O Bispo da cidade, Alexandre, convocou Ário (um homem com seus mais ou menos 64 anos) para expor sua doutrina perante um Concílio local, e o Concílio condenou a posição do velho Ário.

Mas a disputa não terminou aí, pois Ário não estava só na sua opinião. Na realidade, ficou evidente depois de algum tempo que existia duas maneiras diversas de interpretar o cristianismo e a Encarnação de Jesus. Antioquia (na Síria) e Alexandria (no Egito), representavam duas posições não fáceis de se reconciliarem. Antioquia partia da exegese, isto é, partia do texto da Bíblia para chegar às suas conclusões. Consoante aos Evangelhos, enfatizavam que Jesus havia vivido uma vida humana, sem negar sua divindade. Já os pensadores da escola de Alexandria, de índole greco-filosófica, embora empregassem a Bíblia, prosavam nela o sentido "espiritual" através de interpretação alegórica*. Assim, em relação a Jesus, eles sempre enfatizavam o divino na sua pessoa mais que o humano.

Muitas vezes, quando pessoas sinceras discordam, basta um diálogo franco e honesto para diminuir a diferença das posições e até chegar a um acordo. Assim pensava o Imperador Constantino, pois ele mandou o Bispo Hósio de Córdoba (Espanha) como intermediário para buscar uma reconciliação entre as partes em disputa, mas infelizmente isso não aconteceu.

Frustrado nesta primeira tentativa, o próprio Imperador Constantino convocou os bispos da Igreja universal para se reunirem, principalmente para buscarem uma solução adequada à questão em disputa. O Concílio (aproximadamente 300 bispos) se reuniu em Nicéia, próximo a Constantinopla (por isso chamou-se Concílio de Nicéia). Os bispos que sustentavam a posição de Ário logo expuseram sua idéia, e na exposição tornou-se claro que consideravam Jesus Cristo como algo mais que um mero homem — ele era acima dos demais seres humanos — mas não era igual a Deus (que é um só).

Especificamente, diziam que houve um tempo quando Jesus não existiu — que ele fora criado por Deus em determinado tempo, criado antes de todo o restante da criação, etc. O que aconteceu então foi bastante simples — a grande maioria dos bispos presentes, mesmo os que tinham chegado ao Concilio indecisos, condenou a posição de Ário — e ali adotou um credo que, além de estabelecer a plena divindade de Jesus Cristo, deixou claríssimo aquilo que criam ser os pontos errados na posição ariana, pois acrescentou "anátemas" ou condenações àqueles que diziam de Jesus que "antes de nascer, Ele não era" ou que "foi feito do nada", — ou a qualquer um que dizia do Filho de Deus que fosse "de outra substância" diferente do pai, ou que fosse "feito", "mutável", "alterável" — "A todos estes a Igreja anatematiza."

Que podemos dizer sobre este acontecimento hoje, mais de mil e seis centos anos depois? Valeu a pena a luta, antes, durante e depois do Concílio de Nicéia (325 d.C.)?

Talvez devemos mencionar que, embora tivesse havido a aceitação *formal* do credo (Credo de Nicéia!) por quase todos os bispos presentes, na realidade o debate continuou depois, pois muitos não ficaram satisfeitos com a formulação do credo proposto. Posteriormente, até o fim do século, a posição de Atanásio (o campeão da cristologia de Nicéia) tornou-se em grande parte vitoriosa.

Que foi que animou Atanásio na sua luta?

Estava em jogo muito mais que terminologias teológicas. Quando Atanásio insistia em dizer que Jesus Cristo era *da mesma substância de Deus* — ou seja, quando dizia o que cristãos tinham dito muito antes, "Jesus é Deus" (aliás o credo cristão mais antigo, "Jesus é Senhor" também igualava Jesus a Deus) — ele cria que esse fato era essencial à salvação. Pois ele cria, em comum com a maioria da Igreja Oriental, que Deus se fizera homem para que o homem fosse feito divino. Mas se Deus não se havia feito homem em Cristo — se a encarnação* não fosse uma realidade — então o ser humano não seria feito divino.

Acreditar que Jesus tão somente tivesse sido adotado na hora do seu batismo ou que fosse apenas uma importante criatura de Deus, negando a plena divindade a Jesus Cristo, seria pôr em perigo todo o processo da salvação.

Isto estava em jogo, pensava Atanásio, e qualquer sacrifício pessoal seria pequeno para garantir a aceitação dessa posição (e, de fato, Atanásio sofreu grandemente por causa das suas convicções, inclusive foi exilado 5 vezes).

Em que é que o partido de Ário queria insistir? Entre outras coisas, eles queriam insistir que há um só Deus — não dois ou três. É a crença mais preciosa dos Judeus e a própria substância de seu credo: "Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor" (Dt 6:4). Nada deveria ofuscar esta preciosa herança.

Mas a Igreja cria intuitivamente que havia algo mais que se devia dizer sobre Deus, e sentiam que a chave deste "algo mais" estava em Jesus Cristo. Desde há séculos a Igreja batizava os que criam "em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28:19). Eram abençoados na linguagem apostólica*: "A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus e a Comunhão do Espírito Santo..." (2Co 13:13). As promessas de Jesus vinham em termos trinitários, embora sem usar o vocábulo "trindade"; "E eu (o Filho) rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador..." (Jo 14:16).

O sentido da decisão do Concilio de Nicéia foi então um longo passo na direção de se estabelecer a Trindade como a melhor maneira de se pensar em Deus. Jesus havia ensinado a Igreja a orar a Deus como Pai (Mt 6:9), e, no ato da adoração como filhos de Deus, os cristãos passavam a usar o idêntico vocábulo empregado por Jesus, *Abba* (Pai — Rm 8:15-16). No seu credo declaravam sua fé "em Deus *Pai* todo poderoso". Portanto, nunca esteve em dúvida a crença na primeira pessoa da Trindade.

A decisão de Nicéia deixou claro que Jesus Cristo, ou seja, o Filho, também é plenamente divino, ou em palavras ainda mais claras: Jesus Cristo também é Deus.

Não estava ainda em pauta — mas viria a ser — a questão do Espírito Santo. Os versículos citados acima (Mt 28:19; 2Co 13:13; Jo 14:16; Rm 8:16) falam de Jesus Cristo, mas também falam do Espírito Santo na vida da Igreja e na vivência cristã. O credo também afirmava a crença no Espírito Santo.

Mas era o Espírito Santo apenas um nome que significava o poder, a força, a influência de Deus — uma força misteriosa e impessoal? Não, a experiência da Igreja era bem outra. (Veja a qualidade pessoal do Espírito Santo em Atos 16: 6-10.) O próximo grande Concilio, o de Constantinopla (381 d.C), deixaria estabelecido não apenas o fato do Espírito Santo como Deus, mas que Ele é a terceira pessoa da Santíssima Trindade.

PARA PENSAR:

a) Que diferença faz se Jesus é plenamente Deus ou não?
b) Que diferença faz na questão da revelação, por exemplo? (Hb 1:1-3; Jo 1:14).
c) Que diferença faz em relação à nossa salvação? (Jo 3:16).
d) Que diferença faz se Deus é uma substância em três pessoas? Ou, em outras palavras, que significa o fato que Deus é essencialmente uma comunidade (trindade) de Amor?
e) Que diz isso sobre nós, seres humanos, feitos à sua imagem?
f) Que diz sobre nossa vida cristã: é solitária ou solidária?

ESCOLHA A MELHOR RESPOSTA

Com respeito aos chamados Concílios Ecumênicos, podemos afirmar que;

1) na realidade, eles não tinham muita função e serviam mais como oportunidade de confraternização entre os ministros e líderes da Igreja.
2) eram momentos importantes — para o imperador que sentia a tranqüilidade do império abalada e para os líderes da Igreja que sentiam a urgência de buscar uma solução adequada para o problema cristológico que ameaçava dividir a Igreja.
3) eram grandes oportunidades de promover o cristianismo através das reuniões públicas, que chamavam muita atenção pela pompa e cerimônia.
4) nada de concreto se registrou nestes encontros.

PARA SE APROFUNDAR MAIS

Tente formular em seu grupo um CREDO.

Concentre naquilo que o grupo pensa sobre Jesus Cristo — sua pessoa, sua natureza, seu relacionamento com o Pai e sua importância para nossa caminhada de fé hoje.

Verifique se seu grupo tem a capacidade de elaborar um credo que seja satisfatório a todos.

O credo mais antigo e mais simples da Igreja Primitiva era JESUS É SENHOR.

Trabalhe no seu grupo para elaborar um credo em torno destas palavras.

O que significa afirmar que JESUS É SENHOR em nossos dias?

X – CONCÍLIOS:

- O que é que Conseguiram Fazer?

A importante decisão do Concílio de Nicéia afirmando que Jesus Cristo é plenamente Deus, como vimos, foi o primeiro passo na formulação da doutrina — ou melhor, do dogma* da Trindade. Doutrina* significa "ensino", dogma é ensino oficial e obrigatório aos membros da Igreja.

Mas não foi apenas o primeiro passo formal em direção ao estabelecimento da doutrina* (dogma*) da Trindade — também tem implicações cristológicas. E também estabeleceu um precedente que ainda vigora na Igreja de Roma — o de submeter as mais importantes questões doutrinárias e propostas de reforma da Igreja à apreciação e decisão de um Concílio Geral ou Ecumênico.

Os mais importantes Concílios Gerais da Igreja antiga foram, além de Nicéia (325), os de:

- Constantinopla (no ano 381),
- Éfeso (em 431) e
- Calcedônia (em 451).

Curiosamente, todas estas cidades caberiam num círculo de raio de 200 km.

Dizíamos que o Concílio de Nicéia, embora primariamente ligada à questão Trinitária, também fez uma contribuição fundamental à Cristologia, pois a doutrina* da Trindade procura responder à questão: “Quem é Deus?”. E a resposta de Nicéia foi: Deus é uma só substância, na qual subsistem eternamente o Pai, o Filho, e o Espírito Santo. A doutrina da Cristologia (ou da Pessoa de Cristo) pergunta: “Quem é Jesus Cristo? Qual é o sentido da sua Encarnação?*”

A piedade cristã vai muito além de Nicéia (que afirmava "Jesus Cristo é Deus"). A piedade cristã, consoante João 1:14, afirma que "O Verbo se fez carne e habitou entre nós". Sim, a piedade cristã assume a realidade da Encarnação*. Mas a fé da Igreja procura explicitação, e a Igreja Oriental começou a lutar com a difícil pergunta: "Como pode o infinito Deus unir-se com o ser humano finito em uma só pessoa histórica chamada Jesus Cristo?" A grosso modo, é isso que está envolvido na questão da Cristologia.

Como tivemos ocasiões de vermos em uma lição anterior, a Igreja Ocidental, menos especulativa, em geral se satisfez com a afirmação formulada por Tertuliano: “Jesus Cristo é uma única pessoa com duas naturezas completas, a humana e a divina”. No Oriente, porém, as melhores mentes da Igreja buscaram, por alguns séculos, uma resposta adequada à pergunta: como?

Os três Concílios trataram de aspectos da questão. Não será possível — e nem me parece necessário — tratar dos concílios em detalhe. Tentaremos ver o essencial de cada um para procurar ver o progresso que se fazia.

1) Apolinário de Laodicéia foi o primeiro pensador importante a tentar uma resposta à pergunta: "Como Deus podia se unir à humanidade na pessoa de Jesus Cristo?”. E ele propôs uma fórmula (explicação) que parecia resolver as dificuldades inerentes na

pergunta. Sua "fórmula" era mais ou menos a seguinte:

Jesus Cristo é um ser que tem um corpo e alma animal *(alma animal significa "a força que anima o corpo: a vida")* humanos: sua mente e o Logos Divino, ou seja, o Filho de Deus. Assim Jesus seria uma só pessoa, composta de elementos divinos e humanos.

Mas no Concilio de Constantinopla, no ano 381, a posição de Apolinário foi condenada; ele foi acusado de docetismo* (ou seja, de negar a plena humanidade de Jesus). Mas por quê? Porque na formulação de Apolinário, o elemento humano em Jesus não possui mente humana — e certamente ninguém poderia ser considerado plenamente humano sem possuir uma mente humana! Só um corpo, mesmo um corpo com vida, não é uma pessoa! Portanto, como dissemos, a posição de Apolinário foi rejeitada. Implicitamente, o Concilio de Constantinopla estava insistindo: Jesus Cristo não é só Deus: ele é realmente homem também! Ele é plenamente humano e plenamente divino!

Passaram-se alguns anos e surgiu o grande pregador Nestório, da linha cristã de Antioquia. Por causa de seus dons de oratória, ele foi trazido à Constantinopla como Arcebispo ou Patriarca. Por influência do pensamento dos cristãos de Alexandria, já se usava na Igreja o termo "Mãe de Deus" referente a Maria, mãe de Jesus. Nestório não achava o termo próprio, preferindo "Mãe de Cristo", e, como Patriarca, ele chegou a proibir o uso da expressão "Mãe de Deus" (ou seja, no grego *teotokos).* Atrás da proibição de Nestório estava o mesmo tipo de dificuldade que Apolinário havia enfrentado. Como pode Deus se unir ao homem em uma só pessoa? Esta união não resulta, na verdade, em dois Filhos, o Filho Divino que é gerado por Deus (o "unigênito") e um filho humano que é apenas filho adotivo? E se é assim, Maria não é Mãe de Deus — ou seja, ela não é mãe do Filho Divino, mas apenas de Jesus, o filho adotivo.

Mas Cirilo de Alexandria e seus simpatizantes, no Concilio de Éfeso (431), insistiram que o fruto do ventre de Maria era a única pessoa, Jesus Cristo, "concebido, por obra do Espírito Santo"; portanto, Deus é homem, desde o momento da sua concepção.

Muitas coisas aconteceram neste Concilio — como também em outros — que nos deixam profundamente chocados. Cirilo e sua turma chegaram primeiro e se apressaram a iniciar o Concilio e condenar Nestório antes de chegar muitos dos simpatizantes dele. Mas da minha maneira de ver a questão, é inegável que o Cristo de Nestório não é a pessoa unificada e íntegra dos Evangelhos.

Assim, Éfeso acrescenta um novo elemento ao pensamento cristológico.
— Nicéia havia insistido: Jesus Cristo é Deus.
— Constantinopla havia dito: Ele também é plenamente homem.
— Éfeso diz: Ele é plenamente Deus e plenamente homem, estas duas naturezas integradas em *uma só pessoa,* Jesus Cristo.

3) A tendência de Alexandria era sempre no sentido de enfatizar a divindade de Jesus, assim minimizando sua humanidade. Assim surge, nas redondezas de Constantinopla, o monge EUTIQUES, o qual representa a tendência de Alexandria. Ele aceitou formalmente a decisão de Éfeso mas quis interpretá-la no espírito de Alexandria.

Assim Eutiques ponderou: a encarnação de Jesus certamente *é de duas naturezas.* Isto é, *antes* da encarnação* havia duas naturezas completas, a divina e a humana, que se combinaram na pessoa Jesus Cristo. Mas *depois* da encarnação, existiu na pessoa de Jesus Cristo apenas uma natureza que Eutiques chamava *teantrópica* (ou seja, divina-humana).

A posição de Eutiques chegou a ser temporariamente vitoriosa. Num Concílio convocado pelo Imperador Teodoro II, em 449, a posição de Eutiques prevaleceu. Mas no ano seguinte, o imperador morreu num acidente eqüestre. Sua irmã, Pulquéria, a qual assumiu as rédeas do Império, convocou um novo Concílio em Calcedônia (451). Estranhamente, em Calcedônia, certamente em parte pela influência da soberana, a posição de Roma (que pela primeira vez se fez sentir fortemente num Concílio Ecumênico, através do "Tomo de Leão I", então bispo de Roma, ou seja, Papa), desprezado em 449, passou a determinar a decisão de Calcedônia. A grosso modo, Calcedônia estabeleceu que Jesus Cristo é plenamente Deus e plenamente homem, em uma só pessoa, estas naturezas permanecendo unidas eternamente e eternamente íntegras, isto é, sem mistura. A natureza divina permanece integralmente divina, a humana integralmente humana, sem passar a ser qualquer mistura ou terceira substância.

PARA PENSAR:

- É importante insistir na Cristologia hoje?
- Que diferença faz se Jesus foi realmente e integralmente homem? (consideramos a implicação da sua divindade em uma lição anterior, mas a classe poderá, se o tempo permitir, rever esta parte).
- Que implicações percebe para a ética cristã e os "atos de misericórdia" tão destacados no Plano Vida e Missão?
- Que conseqüências haveria para a vivência cristã se Jesus não fosse realmente humano?

ESCOLHA A MELHOR RESPOSTA

1) Aparentemente, a intenção de Apolinário no Concílio de Constantinopla foi a seguinte:

a) salvaguardar, sobretudo, a divindade de Cristo.
b) salvaguardar, sobretudo, a humanidade de Cristo.
c) salvaguardar, sobretudo, sua posição de liderança na Igreja.
d) salvaguardar, sobretudo, o poderio do Império Romano.

2) Qual foi a principal preocupação de Nestório no Concílio de Constantinopla?

a) salvaguardar, sobretudo, a divindade de Cristo.
b) salvaguardar, sobretudo, a humanidade de Cristo.
c) salvaguardar, sobretudo, sua posição de liderança na Igreja.
d) salvaguardar, sobretudo, o poderio do Império Romano.

3) Podemos afirmar o seguinte sobre os Grandes Concílios acontecidos nos anos de 431, 449 e 451:

a) suas decisões nada têm a ver com nossos credos de hoje.
a) os nossos credos de hoje refletem uma larga aceitação dos trabalhos destes Concílios e ficaram totalmente livres de quaisquer influências históricas e ações políticas da época.
b) os nossos credos de hoje refletem uma larga aceitação destes Concílios; contudo, a intervenção do estado, as ações políticas e os acidentes da história tiveram sua parte, deixando as doutrinas e dogmas com boa dose do elemento humano.
c) as doutrinas formuladas nestes grandes Concílios foram totalmente derrubadas por estudos modernos e a atualização teológica.

4) A grande questão dos Concílios de 431, 449 e 451 foi a questão da Cristologia. Podemos afirmar que:

a) esta questão foi de grande importância para os tempos antigos mas de pouca relevância hoje.

b) hoje a Igreja deve definir a divindade de Cristo mas pode ignorar a questão da sua humanidade por ser este um assunto secundário.

c) hoje a Igreja deve definir a humanidade de Cristo mas pode ignorar a questão da sua divindade por ser este um assunto secundário.

d) hoje, como nos Séculos IV e V, é fundamental para o cristianismo insistir na humanidade/divindade de Cristo, conforme nossos Artigos de Religião e a nossa herança espiritual dos Concílios de 431, 449 e 451.

Colocar as duas colunas na correspondência correta

(Observação: seu grupo deve aproveitar apenas seis da coluna à direita para corresponder com as seis da esquerda. Indicar com o número a correspondência correta.)

1. Apolinário de Laodicéia
2. Nestório
3. A posição do Concílio de Nicéia
4. A posição do Concilio de Constantinopla
5. A posição do Concilio de Éfeso
6. A tendência do centro de Alexandria

( ) Jesus Cristo é Deus
( ) Nega a divina inspiração das Escrituras
( ) Preocupação em salvaguardar a humanidade de Jesus. Preferiu a expressão "Mãe de Cristo" e rejeitou a expressão "Mãe de Deus".
( ) Preocupação em salvaguardar a divindade de Jesus. Admitiu que Jesus tinha corpo humano mas sua mente não era humana.
( ) Confirma a inspiração divina das Escrituras
( ) Jesus Cristo é também plenamente homem
( ) Jesus Cristo é plenamente Deus e plenamente homem; estas duas naturezas integradas em uma só pessoa.
( ) Enfatizar a divindade de Jesus assim diminuindo sua humanidade.

XI - O PODER ECLESIÁSTICO E O PODER TEMPORAL

(Igreja e Estado)

Nesta lição, nós nos achamos em plena Idade Média. Quanto à situação geral da Igreja, é o período do Sacro Império Romano, estabelecido em 962 d.C, com a coroação de Otto I como Imperador. Desde 1054 d.C. a própria cristandade (os cristãos) se encontrava dividida em duas Igrejas — a Católica*, com centro em Roma, e a Ortodoxa*, com centro em Constantinopla. Esta última correspondendo ao Império Bizantino.

Quanto à situação sócio-econômica, dominava o feudalismo*. Para completar o nosso pano de fundo, temos que lembrar que o padrão do cristianismo mais apreciado no tempo era o dos monges e monjas, a vida monástica*, pois eram homens e mulheres que abraçavam uma vida de pobreza evangélica e renunciavam ao privilégio de construir sua própria família, colocando-se ao inteiro dispor de Deus e da Igreja.

Nos séculos XI e XII que nós vamos considerar nesta lição, os mosteiros estavam em fase de franca renovação e exerciam larga influência na Igreja, notadamente no clero e no próprio papado. Pode-se dizer que o ideal monástico* era o elemento mais evidente no período.

Mas, no Ocidente — ou seja, Europa ocidental — desde há muito tempo a Igreja estava na realidade subserviente ao Estado, apesar de teorias em contrário. (Por exemplo, em 751 d.C. o Papa Zacarias havia tirado Childerico do trono francês para coroar Pepino, o Breve, precedente que supostamente dava ao papa o direito de fazer e desfazer monarcas).

É bom lembrar que quase sempre os conflitos são *ocasionados* por uma coisa específica, que age como estopim para produzir a explosão. Mas o estopim só causa uma explosão quando ligado a um barril de pólvora. Pois bem, o que aconteceu nos séculos em apreço tem o seu estopim, mas o barril de pólvora é tudo que descrevemos acima. Vamos, então, contar a história de "investidura leiga"*.

No feudalismo*, os reis e grandes nobres eram tidos como os verdadeiros donos das terras; abaixo deles estavam seus vassalos. Um barão, por exemplo, poderia ter debaixo dele diversos vassalos, que ocupavam e usavam grandes terras que constituíam seu feudo. Havia obrigações mútuas, principalmente proteção da parte do barão, lealdade e tributo do vassalo. Havia também uma cerimônia na qual o senhor investia o vassalo com seu feudo. Pois bem, esta prática também envolvia a Igreja, pois os mosteiros e os bispados também eram importantes donos de terras na Idade Média. De acordo com o sistema, o abade e o bispo também recebiam os símbolos da sua autoridade de um barão ou rei. Só assim tinham plenos direitos de usar o seu feudo. Isto é o que se chama de INVESTIDURA LEIGA*. O resultado óbvio, para nós hoje, era subserviência da Igreja ao Estado. Vamos examinar brevemente três momentos, que representam um crescente questionamento e redimensionamento da questão.

OS TRÊS MOMENTOS DA QUESTÃO

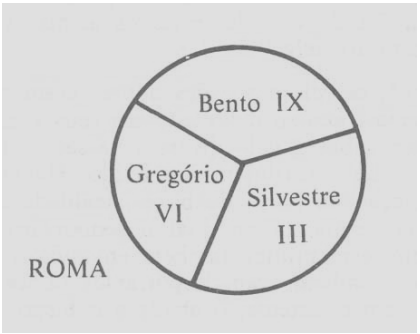
I — O Primeiro Momento: Um Imperador que faz e desfaz papas.

Na nova linha histórica da Igreja, realmente houve poucos papas que sobressaíram como figuras proeminentes por causa do seu caráter, poder e influência. Leão I (meados do século V) se destaca como aquele que persuadiu Átila, o Huno, a não saquear Roma e cujo "Tomo" definiu a decisão cristológica no Concílio de Calcedônia (no ano de 451). Gregório Magno (papa 590-604) assumiu as funções não apenas de chefia da Igreja como também agiu como virtual chefe de estado, na inexistência de um imperador residente no Ocidente. Há outros também que poderiam ser destacados, mas a regra é de papas que pouco brilham.

No império de Carlos Magno e sob o Sacro Império Romano, o real domínio pelo Estado sobre a Igreja é a regra. Freqüentemente o papa é, na realidade, apenas o preposto (um representante) da facção política mais poderosa de Roma. O nosso primeiro momento pressupõe esta situação acima descrita. O Imperador deste momento foi o alemão Henrique III (1039-1056).

Curiosamente, Henrique estava muito em simpatia com o movimento de reforma monástica centrada em Cluny, na França, que iria opor-se fortemente à Investidura leiga. Mas Henrique veio a Roma para resolver uma situação impossível. O Bispo de Roma (Papa) era Bento IX (do partido Tusculano); ele fora expulso pelos Crescênzio, os quais estabeleceram seu candidato, Silvestre III. Mas Bento consegue voltar a Roma e insiste nos seus direitos — que posteriormente ele *vende* a um reformador, o qual assume o título de Gregório VI. Durante um curto espaço de tempo, três papas, cada um controlando uma das principais igrejas em Roma, disputavam o Papado!

A situação pode ser representada esquematicamente assim:



Nesta situação calamitosa, que poderia um Imperador Cristão fazer? O Imperador Henrique III tomou os passos para depor os papas e colocar um outro mais digno, um alemão, que assumiu o título de Clemente II. Na realidade, o imperador chegou a nomear os próximos três papas. O primeiro momento é o caso de um Imperador (Henrique III) que faz e desfaz papas, visando, em geral, o bem da Igreja! É claro que ele também indica e investe bispos e arcebispos.

II — O segundo Momento: Reação e conflito.

O último dos papas nomeados por Henrique foi seu primo, Bruno, o qual passou a

ser papa Leão IX (1049-1054), um papa reformador e homem que ressentia a interferência leiga do Imperador nos afazeres papais. Mas o conflito vem alguns anos depois entre Hildebrando (Papa Gregório VII, anos de 1073 a 1085) e Imperador Henrique IV (de 1065 a 1106).

O papa Gregório VII procurou evitar o controle da eleição papal pelas facções políticas, fazendo com que, doravante, os cardeais escolhessem o papa, sendo a eleição homologada depois pelo clero e o povo de Roma. Também, no espírito da Reforma de Cluny, se opôs à Investidura Leiga.

O Imperador Henrique III escolheu e nomeou homens dignos para bispo ou papa. Mas se essas nomeações continuassem nas mãos do Imperador, o que poderia acontecer com a Igreja se subisse ao trono um imperador ruim, mais interessado no seu próprio prestígio e poder? E em qualquer caso, um imperador ou nobre certamente estaria mais interessado em ter como bispo ou papa alguém da sua confiança do que alguém que trabalhasse pelos interesses de Deus e da Igreja. Aliás, fora publicado um curioso documento no tempo do Papa Gregório VII, chamado o Dictatus, que condenava a Investidura Leiga e que fazia o Imperador responsável ao Papa e o Papa responsável só a Deus!

Neste segundo momento, Henrique IV contrariou esta nova orientação. Morreu o arcebispo de Milão, e Henrique IV imediatamente nomeou um homem da sua confiança lá. Papa Gregório VII protestou e finalmente excomungou o imperador e lhe tirou sua autoridade sobre a Alemanha e Itália (1076). Para conseguir o perdão do papa, Henrique IV teve que se humilhar perante o papa, descalço, no meio do inverno italiano de 1077, perante o castelo de Canossa. O papa teve que perdoar o penitente, é claro. E, ironicamente, Henrique IV de tal forma se fortaleceu na Alemanha, que pôde também investir contra Roma, chegando a ameaçar (mas não capturar) seu inimigo, o Papa Gregório VII.

Este segundo momento é um de confronto aberto, em que o Estado ainda insiste no seu direito de Investidura Leiga — e a Igreja reclama este direito para si. O resultado é briga entre Papa e Imperador, briga não só de palavras, mas até conflito armado.

III — O terceiro Momento: compromisso e acordo.

Separação de Igreja e Estado era aparentemente impensável na Idade Média. Mas a idéia de um Estado que dominava a Igreja também havia se tornado impensável a partir do Papa Gregório VII. O estado, porém, não iria, de forma alguma, aceitar submissão à Igreja, a despeito das pretensões do DICTATUS (documento mencionado acima).

Henrique V (1106-1125) quase conseguiu uma solução ao conflito quando ele investiu Roma e propôs ao Papa Pascoal II o seguinte:

a) O papa cederia ao Imperador todas as suas propriedades;

b) O imperador abriria mão da investidura leiga. Chegaram a firmar um acordo nesse sentido (no ano de 1111) — mas quando a Igreja na Alemanha percebeu as conseqüências — a saber, que a Igreja perderia suas propriedades e se tornaria pobre — ela repudiou o acordo.

Dez anos mais tarde, Henrique V firmou um outro acordo, menos radical, com o Papa Calixto II: a famosa *Concordata de Worms* (1122). Pela Concordata, o Estado investiria o bispo com sua autoridade secular (sua autoridade sobre o feudo) e a Igreja lhe daria os símbolos da sua autoridade eclesiástica (anel e báculo ou o cajado de pastor). Na prática

isto tendia a garantir que, doravante, arcebispo e bispo teriam que ter da confiança tanto do Papa como do Imperador o que contribuiria à tranqüilidade, e podaria qualquer candidato mais radical.

Este terceiro momento não chegou a evitar futuras desavenças entre Imperador e reis e os respectivos papas, mas reconheceria direitos mútuos, e talvez tenha sido o melhor arranjo possível numa situação medieval onde a união de Igreja e Estado parecia natural e correta.

PERGUNTAS

a) Que teria acontecido se o ideal do Dictatus fosse aceito pelo Estado?

b) Que mudanças teriam resultados na própria Igreja nas relações Igreja-Estado se o acordo entre Henrique IV e Pascoal II tivesse "vingado"?

c) Que acha sobre as vantagens e desvantagens de união de Igreja e Estado?

d) Quando, e em que circunstâncias, a separação da Igreja e Estado foi fortemente advogada? Um exemplo é na reforma, pelos anabatistas. Na revolução norte-americana, o princípio foi incorporado na própria constituição dos EUA. Que outros exemplos pode lembrar?

e) Que diz a Constituição do Brasil sobre a separação da Igreja e Estado?

Escolha a melhor resposta

1) *A* investidura leiga:
a) deu aos leigos uma participação bem mais significativa na vida da Igreja.
b) era um programa dentro do qual a Igreja fazia grandes investimentos visando a capacitação dos leigos para a missão.
c) era um sistema dentro do qual os bispos e abades recebiam os símbolos da sua autoridade das mãos de um barão ou rei.
d) era um projeto em que os leigos poderiam investir recursos financeiros em projetos em benefício da Igreja.

2) Henrique III era um imperador que:
a) fazia e desfazia papas.
b) nem tomava conhecimento da Igreja, pois acreditava na absoluta separação de Igreja-Estado.
c) aceitava a autoridade da Igreja sobre o Estado, sendo serviente aos papas.
d) se conservava no poder graças ao apoio dos papas, e por isso lhes devia obrigações.

3) Henrique IV:
a) dominou e humilhou o então Papa Gregório VII (Hildebrando).
b) se humilhou diante do Papa Gregório VII (Hildebrando) comparecendo descalço em pleno inverno para pedir-lhe perdão.
c) manteve seu poder graças à fraqueza do então Papa Gregório VII.
d) nem tomou conhecimento do poder da Igreja e reinou como se nem existisse Papa.

4) Henrique IV e Gregório VII entraram em conflito em torno:
a) do direito de nomear e investir bispos.
b) da doutrina da Trindade.
c) do modo de batismo.
d) de verbas dos cofres públicos destinados às obras da Igreja.

5) O DICTATUS era um documento:
a) que fazia o Imperador responsável ao Papa e o Papa responsável somente a Deus.
b) que condenava as ditaduras.
c) que reunia provérbios e ditados importantes para o ensino na Igreja.
d) que reunia os pronunciamentos dos papas (os ditados).

Para se aprofundar mais

Que tipo de acordo o seu grupo proporia para regulamentar o relacionamento entre Igreja-Estado hoje?

XII - A CRISTANDADE E O DECLÍNIO DA IGREJA:

As Cruzadas

Como Entender e Avaliar as Cruzadas*

Uma das coisas curiosas da história da Igreja é a diferença entre a maneira em que determinado momento era encarado naquela época e a avaliação do mesmo momento em tempos modernos. O historiador Mosheim nos adverte contra a tendência do preconceito do tempo, exatamente esta tendência de julgar todos os acontecimentos pelos nossos tempos!

Eu entendo que é o dever do historiador descobrir, por meio de pesquisa bem feita, o que realmente aconteceu no passado, até onde é possível e porquê aconteceu assim, e as conseqüências imediatas e também a médio e longo prazos. Já chamamos a atenção para o fato que os historiadores do tempo de Constantino, e logo depois, o viam como um salvador, e dificilmente encontra-se uma idéia em contrário na Igreja antiga. Mas neste sentido devemos mencionar uma série de eventos que são considerados verdadeiros marcos na história missionária da Igreja. Por exemplo: Nina, a apóstola à Geórgia (país que já foi da antiga União Soviética). Esta mulher cristã vai à Geórgia onde sua oração resulta na cura do príncipe real e em seguida na conversão da rainha e do rei; e, através desta conversão da casa real, o estabelecimento do cristianismo como a religião oficial do povo. Ou o caso de Clóvis, rei dos Francos Sálicos, levado a aceitar o cristianismo pela sua esposa Clotilde. Depois de uma grande vitória em 496 d.C, ele aceita o cristianismo e, junto com 3.000 dos seus soldados, aceita o batismo no Natal do mesmo ano, o começo da conversão dos Francos ao cristianismo católico.

Um outro exemplo é a obra de Carlos Magno, o qual estendeu o Império Franco quase tanto quanto o velho Império Romano Ocidental. No processo, à força de armas, ele conquistou os Saxões, o que foi o primeiro passo em direção à conversão desse povo germânico ao cristianismo.

Estes fatos — e são fatos incontestes — não combinam bem com a idéia geral que hoje em dia temos de missões e é bem possível que muitos cristãos, incluindo muitos missionários, possam questionar esses métodos missionários no passado, que eram aceitos sem questionamento.

Isto nos traz à questão das Cruzadas. Para uma avaliação adequada, temos que entender o que aconteceu (o fato), por que aconteceu (a motivação), como os contemporâneos encararam o período e as conseqüências a curto e a médio prazo. Cabe-nos então, e só então, fazer o nosso questionamento.

As Cruzadas

As Cruzadas* podem ser vistas como a resposta da cristandade à ameaça muçulmana*. Durante toda a Idade Média e mesmo no período da Reforma, os muçulmanos* constituíam para a cristandade seu maior rival. No século VII, Maomé havia iniciado suas conquistas, e estas foram continuadas pelos seus sucessores. Jerusalém fora tomada em 638 e, após a conquista de todo o Norte da África, os seguidores do Profeta

Maomé invadiram a Península Ibérica (Espanha e Portugal) e até a França, onde Carlos Martelo parou seu avanço em 732.

Contrário a uma idéia generalizada, os Muçulmanos não insistiam, geralmente, em conversão ou morte; em muitos casos houve coexistência entre muçulmanos e cristãos. A Terra Santa, ocupada pelos muçulmanos, não foi vedada a peregrinos cristãos. Deveras, no período em apreço, peregrinações a Roma, a São Tiago de Compostela (Espanha), e a Jerusalém eram muito comuns e constituíam uma das formas favoritas de piedade cristã.

Mas os Turcos Selêucidas ganharam controle da Terra Santa, e eles, pela primeira vez, proibiram as peregrinações, frustrando as esperanças de muitos cristãos em visitar à Terra Santa. Ora, isto aconteceu numa época de tremenda instabilidade na Europa, produzida por anos de pouca produção agrícola e conseqüente fome e, portanto, insatisfação e o desejo de buscar vida nova em outro lugar. Aconteceu também num período de renovada vida religiosa, estimulada pelas reformas monásticas (conventos), também no tempo quando o Rei Fernando I, de Castela, estava efetivamente começando a reconquista da Espanha, expulsando dali os Muçulmanos*, o que criava a impressão que os muçulmanos não eram imbatíveis. Sem dúvida, em muitos, o simples desejo de aventura e lucro animou sua participação nas Cruzadas.

Pois bem: a nova atitude dos Muçulmanos* no Oriente leva o imperador Aleixo I a pedir ajuda para o papa Urbano II, face esta ameaça. E Urbano, num Concílio em Clermont, no Leste da França, em novembro de 1095, deu a resposta na hora: “— Os reunidos em Clermont gritaram a uma voz: "Deus o quer!".

O papa Urbano II pregou guerra santa contra os muçulmanos*, oferecendo indulgência plena a todos os participantes. Exércitos foram formados, especialmente na França e no Sul da Itália. Mas o fervor popular, estimulado pelas pregações de Pedro, o Eremita, resultou na formação de grupos populares liderados por Walter Sem Dinheiro, e pelo próprio Pedro. O que estes dois realmente fizeram foi desastroso. Na sua ida desordenada à Terra Santa, eles massacraram judeus no Reno e se sustentavam na viagem por roubo; razão pela qual foram atacados na Hungria e Alhures. Aqueles que chegaram à Constantinopla foram massacrados pelos turcos a caminho de Nicéia. Militarmente, esta cruzada popular nada significava, mas ela muito diz de um grande zelo religioso, embora sem ser canalizada para os devidos fins.

E a primeira Cruzada em si? Militarmente, alcançou seu objetivo. Os exércitos cristãos retomaram Jerusalém a 15 de junho de 1099 e estabeleceram na Palestina o que se chamou de “Reino Latino” (cristão), que durou pelo menos em parte até 1291. Abriu-se caminho de novo para os peregrinos cristãos visitarem os lugares onde Jesus andara e onde ele sofreu e morreu.

O fervor religioso que animava as Cruzadas, durou por quase dois séculos. Não será possível contar todas elas, a não ser no mais breve esforço, para tirar algumas conclusões no fim.

Segunda Cruzada (1147-1148): tentativa de retomar Edessa. Resultado: fracasso total.

Terceira Cruzada (1189-1192): Jerusalém caíra novamente nas mãos dos muçulmanos* — os reis da Inglaterra e França, e o Imperador Frederico Barbaroxa, não conseguiram retomar Jerusalém, mas firmaram tratado que permitia os peregrinos cristãos

visitarem a Cidade Santa (Jerusalém).

Quarta Cruzada (1202-1204): os Cruzados nem chegaram à Terra Santa; saquearam Constantinopla, capital do Império Cristão do Oriente, gerando ódio entre os cristãos do Leste e Oeste.

A Cruzada das Crianças (1212): uma tragédia, pois as milhares de crianças, animadas com o zelo cristão de retomar à Terra Santa, chegando à Itália foram vendidas como escravas. Foram levadas pro Egito.

Quinta Cruzada (1217-1221): atacou os muçulmanos* no Egito. Resultado: fracasso total.

Sexta Cruzada (1228-1229): liderada pelo Imperador Frederico II, ganhou por diplomacia (sem luta) os "Lugares Santos" novamente para os cristãos.

As Sétima (1248-1254) e Oitava (1270) Cruzadas: foram ambas lideradas por Luís IX, da França (São Luiz). Nestas Cruzadas, também no Egito, Luís foi capturado na Sétima e morreu na Oitava.

A Nona Cruzada (1291): liderada por Eduardo I, da Inglaterra, falhou, e aí o último reduto dos cristãos caiu definitivamente nas mãos dos muçulmanos*. Portanto, o “Reino Latino”, fundado na Primeira Cruzada e que durou, em parte, quase duzentos anos, acabou reabsorvido pelos muçulmanos*.

Creio que as perguntas com que iniciamos a discussão, foram mais ou menos respondidas, mas vamos retomá-las para uma resposta sucinta:

1) O que aconteceu?

- Só a Primeira Cruzada teve real êxito militar, a reconquista de Jerusalém e da Terra Santa.
- A Terceira ganhou o privilégio dos peregrinos visitarem Jerusalém
- e a Sexta, por diplomacia, obteve de novo, para os cristãos, acesso aos Lugares Santos.

As outras fracassaram. O que aconteceu? Durante quase duzentos anos, cristãos, aos milhares, foram animados com um zelo religioso a libertar a Terra Santa dos seguidores de Maomé, e isto incluía até crianças (1212) e o povo comum (1096). Foi a maior mobilização de cristãos e pelo período mais longo em toda a história da Igreja!

2) Por que aconteceu? Qual a motivação?

A mais forte motivação foi a religiosa. O desejo ardente de tirar os lugares sagrados à memória de Jesus, das mãos e domínios maometanos (mulçumanos, islâmicos). Em muitos casos, isto significava ódio religioso aos "inimigos de Jesus", como por exemplo, o massacre dos judeus no vale do Reno.

Atrás desta motivação específica, havia um fervor religioso incomum, gerado pelas reformas monásticas. É inegável que a inquietação gerada pela fome facilitava a ida de muitos em busca de uma vida melhor. A busca de novos mercados pelos mercadores, o amor à aventura e a simples avareza animaram outros. Mas o que, além de fervor religioso, explica a resposta unânime no Concílio de Clermont*, a ida espontânea de Pedro, Walter e Gotescalco, e a trágica "Cruzada das Crianças"?

3) Como é que os contemporâneos encararam o período?

O movimento animou os mais importantes teólogos e os eclesiásticos: Urbano II, o papa, pregou a primeira cruzada. Bernardo de Claraval, o mais influente pensador e asceta do seu tempo, pregou a segunda cruzada. O poderoso Inocêncio, a quarta Cruzada, etc. E envolveu poderosos imperadores e reis (como vimos, o Rei da França, Luís IX, liderou duas Cruzadas), e captou a imaginação de populares e até de crianças. A primeira reação durante o Concílio de Clermont, "Deus Vult" (ou seja, “Deus o quer”), talvez seria o melhor resumo da reação das pessoas daquele tempo.

5) Quais foram os resultados imediatos e a médio prazo?

Jerusalém foi tomada pelos cristãos em 1099, caiu novamente aos muçulmanos sob Saladin (ou Salazar), em 1187 (88 anos depois). A Terceira Cruzada e a Sexta, conseguiram para os Cristãos o privilégio de visitar a Terra Santa. A Primeira Cruzada estabeleceu o Reinado Latino, parcialmente destruído por Saladin, mas em alguma medida mantido até 1291, ou seja, por quase 200 anos. Surgiram as ordens militares dos Templários e Hospitalares, para protegerem os peregrinos etc.

A longo prazo, o esforço foi um fracasso porque nenhuma parte da Terra Santa ficou permanentemente com os Cristãos. Pior, a Quarta Cruzada aumentou ainda mais a divisão já formalizada em 1054 e a inimizade entre os dois grandes setores do cristianismo: a Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa.

Há outras conseqüências, é claro, não tanto religiosas:

- estimularam grandemente o comércio e o crescimento das cidades comerciais do norte da Itália;
- estimularam o renascimento intelectual da Europa, o nascimento das universidades, nova atividade teológica;
- estimulou a criação da arquitetura gótica etc;
- assinalou a presença francesa na Igreja e prenuncia um período de dominação francesa até de papado.

Perguntas:

a) O que é que o período das Cruzadas pode nos ensinar hoje?
b) Você percebe alguns ecos do espírito das Cruzadas em nossa vida litúrgica (hinos com a tônica: "Erga-se o Estandarte", etc)?
c) Como você avalia as Cruzadas, do ponto de vista de hoje?
d) Que alternativas para a canalização deste zelo (veja Francisco de Assis e Raimundo Lullo como exemplos destas alternativas; veja também a Sexta Cruzada)?

Escolha a melhor resposta

1) As cruzadas podem ser vistas como:
a) um grande avanço evangelístico-missionário.
b) a resposta do cristianismo à ameaça muçulmana.
c) uma aspiração de autodeterminação dos povos.
d) conflitos raciais.

2) Um acontecimento específico que contribuiu para provocar o movimento das cruzadas: os Turcos-Selêucidas ganharam controle da Terra Santa e:

a) proibiram as peregrinações à Terra Santa.
b) elevaram os preços dos turistas-peregrinos provocando revolta geral.
c) mataram alguns peregrinos cristãos.
d) profanaram o altar-mor do Templo.

Efetuar a correspondência correta

Dez itens estão na coluna da esquerda. Escolher entre as doze possibilidades da coluna direita e colocar o número correspondente no espaço.

1. Grupos populares liderados por Walter Sem Dinheiro e inspirados na pregação de Pedro, o Eremita.	( ) Liderada pelo Imperador Frederico II. Ganhou por diplomacia (sem luta) os lugares santos para os cristãos.
2. I.ª Cruzada	( ) O grito "Deus o quer" era a justificativa levantada para incentivar as Cruzadas.
3. 2.ª Cruzada	( ) Fracasso total. Atacou os muçulmanos no Egito.
4. 3.ª Cruzada	( ) Tentativa de retomar Edessa. Fracasso total.
5. 4.ª Cruzada	( ) Ida desordenada à Terra Santa com resultados desastrosos, mas esta ação representava o zelo religioso que incentivou as cruzadas.
6. 5.ª Cruzada	( ) Jerusalém caíra novamente nas mãos dos muçulmanos. Os reis da França e Barbaroxa não conseguem retomar Jerusalém, mas firmam tratados permitindo peregrinações.
7. 6.ª Cruzada	( ) Resultou na conversão em massa dos muçulmanos
8. 7.ª e 8.ª Cruzadas	( ) Liderada por Eduardo I da Inglaterra. Falhou, caindo assim o último reduto dos cristãos nas mãos dos muçulmanos.
9. 9.ª Cruzada	( ) Os cruzados nem chegaram à Terra Santa. Saquearam Constantinopla gerando ódio entre cristãos do Leste e do Oeste.
10. Concilio em Clermont (França)	( ) Ganhou para a França importantes terras.
	( ) Lideradas por Luiz IX, o qual foi capturado na 7ª e morreu na 8ª Cruzada.
	( ) Os cristãos tomaram Jerusalém abrindo de novo a possibilidade de peregrinações cristãs à Terra Santa.

Para o grupo pensar e aprofundar através de troca de idéias em grupos

No período das Cruzadas (aproximadamente do Século XII ao Século XIV), Jerusalém era o cenário de trágicos conflitos. Ainda hoje esta parte do mundo vive em constante estado de conflitos e tensões.

Fazer uma comparação entre os conflitos dos dois períodos.
- Há semelhanças? Há diferenças? Em que sentido?
- Existem "Guerras Santas" ou conflitos religiosos hoje? O que dizer dos conflitos na Irlanda onde se falam em atritos entre Protestantes e Católicos?
- As brigas entre o Irã e os Estados Unidos são questões religiosas ou não?
As Cruzadas e Guerras Santas têm lugar na fé cristã?

Certamente o cristão não aceita a violência, o derramamento de sangue e conquistas feitas por armas de guerra. Mas há muitos elementos numa "Cruzada" que valem a pena levar a sério: o envolvimento de muita gente de todas as idades mobilizando e somando esforços em torno de uma causa, desafiando todos a um espírito de dedicação, sacrifício e até a disposição de morrer pela causa se necessário for. A vida cristã significa dedicação e significa estar do lado do bem na luta contra o mal (confira Ef 6.12).

Examinar com o grupo e trocar idéias sobre os hinos que utilizam a imagem das Cruzadas. No Hinário Evangélico, quase todos os hinos entre números 401 e 437 usam palavras que fazem lembrar das Cruzadas: avante, lutai, soldados, estandarte, comandante, Rei, pelejai, armadura, marchai, no posto achado, combate, vencedor.

Estas palavras aparecem em um só hino — o de nº 401. Vejam em outros hinos deste setor imagens semelhantes.

Hino 206 (Castelo Forte) apresenta o próprio Deus em termos militares. Hino 182 coloca a dedicação em termos de ficar no lado do bom Salvador. A quarta estrofe apresenta uma imagem fortemente ligada ao espírito das Cruzadas. Trocar idéias sobre isto.

XIII - A IGREJA EXIGE UMA REFORMA

Os credos mais usados no mundo cristão são o Niceno e o Apostólico. Ambos contêm um artigo sobre a nossa fé na Igreja. O credo apostólico, na sua forma mais primitiva, diz apenas: "Creio na Santa Igreja" (Nós, Metodistas, afirmamos: "Creio na Santa Igreja de Cristo, na Comunhão dos Santos"). O credo chamado Niceno, aceito ainda pela Igreja Ortodoxa, diz: "Cremos na Igreja una, santa, católica e apostólica". Em ambos os casos, a Igreja é objeto de nossa fé. Ela é tida como algo mais do que um mero ajuntamento de homens, mulheres, jovens e crianças. Ainda que tenhamos dificuldade de definir o que pensamos, cremos que há um elemento divino na Igreja. Falamos em Igreja como "Corpo de Cristo" e "Povo de Deus", o que deixa clara a dimensão sobre-humana da Igreja.

Lemos no Evangelho que é Jesus quem edifica a Igreja e que nem as portas do inferno hão de prevalecer sobre ela (Mt 16.18). Na segunda lição desse caderno aventuramos a definição de Pentecoste como a renovação de aliança entre Deus e seu povo, sem as velhas limitações nacionais e raciais, entendendo "povo" como Igreja (cf. I Pe 2.9-10).

Mas o Novo Testamento deixa muito evidente que o elemento divino nem sempre domina. Paulo costuma endereçar suas epístolas aos santos em determinado lugar (Rm 1.7; I Co 1.2; II Co 1.1; Ef 1.1; Fp 1.1; Gl 1.1, etc), mas isto não o torna cego aos deslizes destes "santos".

Na sua primeira carta aos Coríntios, já no primeiro capítulo, ele condena suas dissensões e espírito sectário (I Co 1.2) e ele igualmente condena a impureza sexual (I Co 5.1), o litígio entre os irmãos (I Co 6.1 ss), desordem e desamor na Ceia do Senhor (I Co 11.17-22). Na sua Epístola aos Gálatas ele chama Cefas (Pedro) de "coluna da Igreja" (Gl 2.8) e logo em seguida conta que teve que resistir Pedro na cara, por causa da sua quebra de comunhão com os cristãos gentios (Gl 2.11-14). Um exame das Sete Igrejas da Ásia (caps. 2 e 3 de Apocalipse) logo revela que, ao lado das qualidades, todas as Sete, menos as de Esmirna e de Filadélfia, também apresentam graves defeitos e falhas. Tudo isso significa que nem mesmo nos tempos apostólicos a Igreja era tão perfeita como gostamos de pensar.

Ao longo da história, a Igreja tem que estar alerta para ouvir palavras como aquelas proferidas à Igreja de Éfeso: "... deixaste o teu primeiro amor. Lembra-te, pois, donde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras" (Ap 2.4-5).

Uma das coisas animadoras na história da Igreja é exatamente que ela tem freqüentemente atendido à voz do seu Senhor em profundo arrependimento e assim tem experimentado profunda renovação. Aliás, é provável que em cada época de profunda decadência tenha havido movimento paralelo de renovação.

Alguns destes momentos poderão ser mencionados com proveito. A Igreja sofreu muito nas mãos dos imperadores perseguidores dos primeiros séculos. Já nos referimos à feroz perseguição começada por Décio e que durou aproximadamente dez anos. Mas, depois, a Igreja experimentou 40 anos de paz, durante o que igrejas cristãs (templos) foram construídas e em que muitos aderiram à igreja, nem sempre com a devida preparação catequética. Ser cristão (tornar-se membro da Igreja) não era uma coisa especialmente heróica. O resultado foi que a qualidade geral da vida e devoção dos cristãos baixou sensivelmente. Frente a este cristianismo medíocre, surge um Antão e um Pacômio que aceitam o desafio de um cristianismo heróico, exigente — aceitam o desafio de Jesus ao

jovem rico, vendem tudo o que têm e, como eremita e monge, procuram dedicar-se integralmente a Cristo!

Mas o próprio sistema monástico*, que visa chamar homens e mulheres para uma devoção total a Cristo, carece de renovação de tempos em tempos — e no meio do sistema surgem reformas de longo alcance, como o de Cluny e o de Cister, que acabam não apenas trazendo nova vida ao mosteiro e convento mas para a Igreja toda (veja lição número XI dessa caderno sobre o Poder Eclesiástico e o Poder Temporal, ou seja, a relação entre a Igreja e o Estado).

Mas nós Protestantes quando pensamos na Reforma, pensamos imediatamente em Lutero e na Reforma Protestante do Século XVI. Certamente há justiça nessa maneira de pensar. Mas antes de chegarmos lá, vamos considerar um bom período da história, que é geralmente considerada o período da Pré-Reforma.

Já vimos em outras lições como o Bispo de Roma, ou seja, o Papa, reclamava para si autoridade superior à do Imperador. Mais importante é o fato de que a Igreja — Povo de Deus — vinha sendo substituída pela Igreja Papal ao ponto de "Igreja" praticamente significar "hierarquia" ou simplesmente "Papa". Este fato em si já é significativo, mas ele passava quase despercebido no século XIV, que é a época que desejamos focalizar primeiro.

O fim do século XIII e começo do XIV foram marcados por uma briga entre o rei Filipe, o Belo, da França e o Papa Bonifácio VIII, durante o que o Papa emitiu sua famosa bula* UNAM SANCTAM, em 1302. Nesta bula*, Bonifácio reafirmou a superioridade da Igreja ao Estado e concluiu: "declaramos, afirmamos, definimos e prenunciamos de que é absolutamente necessário para a salvação de cada criatura humana que ela (o rei, o estado, a monarquia, etc) esteja sujeita ao pontífice romano". Isto marca o auge das pretensões papais na Idade Média.

Mas o que aconteceu depois foi como um golpe às pretensões e ao prestígio papal. Não apenas o Rei da França reagiu e conseguiu prender o Papa Bonifácio, mas não muito depois o papado passou a estar debaixo do domínio francês por um período de quase 70 anos (1309-1377), o período chamado de "o Cativeiro Babilônico do Papado". Os cardeais escolheram Bertrand (Clemente V), um francês, em 1305, como o novo papa. Dominado por Filipe, ele transferiu o papado de Roma a Avinhão, encravado em território francês, e lá permaneceu a sede papal por quase 70 anos. Para se manterem, os papas de Avinhão inventaram uma série de novos impostos e taxas, em geral dando a impressão de avareza, isto num período quando o ideal da Igreja era de pobreza apostólica!

Não é de se admirar que pensadores como João Wiclif citavam como modelo do papado homens simples e pobres como o Apóstolo Pedro, uma óbvia comparação com a pompa e riqueza dos chefes da Igreja em Avinhão. Também é compreensível que, em plena Guerra dos Cem Anos (entre Inglaterra e França), Wiclif, um patriótico inglês, tivesse pouca simpatia para com o papado francês! Sim, o papa que, em Roma, simbolizava a Igreja universal, agora parecia muito mais francês que símbolo da Igreja como um todo.

Mas coisas piores seguiram. Finalmente, em 1377, o Papa Gregório XI, sob a insistência de Catarina de Siena, voltou a Roma. Quando Gregório morreu no ano seguinte, o povo italiano insistiu num papa italiano, e os cardeais cederam. Mas o novo papa italiano, Urbano VI, iniciou um programa de reforma tão vigoroso que os cardeais que acabaram de elegê-lo se reuniram novamente e elegeram Cardeal Roberto de Genebra (francês) que, como Clemente VII, retornou a Avinhão. Começara-se o Grande Cisma Papal com um Papa

legalmente eleito em Roma e um outro em Avinhão. Esta situação era desastrosa à Igreja e à Europa cristã. Por exemplo: era necessário estar sujeito ao papa para garantir a salvação — mas, a qual dos dois?

Depois de três décadas de confusão e prejuízo, os próprios cardeais tomaram a iniciativa de convocar um Concílio Gerai para sanar o cisma. O concílio, reunido em Pisa (1409), depôs os dois papas e elegeu um outro. Mas nenhum dos antigos papas reconheceu a decisão — portanto, de 1409 até o novo Concilio, em Constança (1415), havia três papas, cada um deles reclamando para si a chefia universal e governo da Igreja! Assim, por aproximadamente 40 anos, o papado, que era tido como o símbolo da *unidade* da Igreja, foi realmente o motivo da sua *desunião.* Nesta confusão ocasionada pelo Cisma Papal surgiu o grande pregador, nacionalista e campeão dos direitos do povo, João Hus, o qual pelas idéias derivadas de Wiclif sobre Igreja e Papado foi condenado e sentenciado a ser queimado durante o mesmo Concilio que, com a força do Imperador Sigismundo, sanou o Cisma.

Assim, a Igreja passa por 70 anos do envergonhado papado de Avinhão, papas avarentos e subservientes à França, e 40 anos de Cisma Papal. Não apenas pensadores como Wiclif e Hus questionam a validade da Igreja Papal (eles idealizavam uma Igreja que é essencialmente povo, onde leigos também proclamam as boas-novas do Reino) e da tradição (Wiclif e seus colaboradores deram a Bíblia aos ingleses no seu próprio idioma), mas passa a haver um clamor generalizado pela reforma da Igreja. O grito era "Reforma no cabeça (Papa) e membros".

O método tentado foi reforma por meio de Concílios, e alguns resultados houve. Mas, para o desapontamento geral, no fim do século XV e começo do XVI os papas da Renascença* não apresentaram nenhum sinal de renovação! No final do século XV apareceu o espanhol da família Borgia, Alexandre VI, pai e protetor dos notórios Césare e Lucrécia Borgia, e no início do século XVI figuras como o Papa Guerreiro Júlio II.

A Reforma, porém, só viria com Martinho Lutero, a partir de 1517, o que examinaremos na lição seguinte.

Escolha a melhor resposta

1) O Novo Testamento deixa muito evidente:
   a) que a Igreja, sendo divina, não precisa de uma reforma.
   b) que o elemento divino nem sempre dominava na vida da Igreja. Por isso, a Igreja precisa pensar em medidas saneadoras.
   c) que a Igreja apenas precisava fazer alguns acertos mínimos na sua estrutura e organização.
   d) que uma Igreja bem governada nunca precisa se preocupar com uma reforma.

2) No sistema monástico surgiram movimentos tais como o de Cluny e o de Cister, visando reformas.
   a) Tais reformas trouxeram benefícios, não apenas para a vida dentro dos mosteiros e conventos mas mudanças de grande alcance para a Igreja toda.
   b) Todavia, as autoridades sufocaram todos estes esforços.
   c) Contudo, não conseguiram deixar saldo positivo na vida da Igreja.
   d) Tais esforços trouxeram benefícios para os conventos e mosteiros, mas os efeitos positivos não atingiram a vida da Igreja em geral.

3) Colocar as duas colunas em correspondência correta. Os itens numerados de um a quatro na coluna esquerda têm uma descrição correspondente entre os sete itens no lado direito. Colocar o número correspondente no espaço deixando os três itens em branco que não têm correspondência na coluna esquerda.

1. A bula UNAM SANCTAM	( ) centro de estudos para combater as heresias
2. Avinhão	( ) "O Cativeiro Babilônico do Papado"
3. Wiclif	( ) Marca o auge das pretensões papais declarando que é absolutamente necessário para a salvação que a pessoa esteja sujeita ao pontífice romano
.4. João Hus	( ) companheiro de Lutero e seu colega de seminário
	( ) Pregador, campeão de direitos do povo, questionou questionou a validade de uma igreja papal; condenado e queimado pelo Concilio de Constança (1415)
	( ) Um documento afirmando que o verdadeiro Deus é um só e é Santo, portanto condenando os ídolos.
	( ) Inglês que deu ao seu povo uma tradução da Bíblia na sua própria língua e citava como modelo de papado homens simples e pobres como Pedro em contraste com a riqueza e a pompa dos chefes da Igreja em Avinhão.

Para se aprofundar mais

Trabalhando em grupos, preparar uma lista de reformas que a Igreja necessita hoje. Levantar algumas sugestões de como estas reformas pode acontecer.

XIV - A REFORMA

Há três coisas que devemos dizer bem no começo, à guisa de introdução.

Primeira:

A Reforma Protestante é um *movimento* de grandes proporções. Por falta de espaço, teremos que nos ater quase só à fase *luterana* do movimento, mas há a fase *Reformada* (de Zuínglio e Calvino), *Radical* (dos chamados "Anabatistas*", como os Menonitas), e a *Reforma Inglesa.*

Mas a Reforma não se restringiu aos Protestantes: há um movimento paralelo dentro do Catolicismo Romano, parcialmente espontâneo (Reforma Católica) e parcialmente uma reação à Reforma Protestante (Contra-Reforma).

Naturalmente, também, a Reforma não para no ano de 1600 (na verdade, muitos historiadores datam a Reforma de 1517 a 1648), mas ela, como uma nova expressão do Cristianismo, permanece viva até hoje.

Segunda:

Apesar de ser *um movimento religioso mais do que qualquer outra coisa,* o seu contexto a marcou profundamente. Muitos dos fatores já foram vistos nas três últimas lições. Novas cidades e a crescente influência dos comerciantes (burguesia) e o desassossego dos camponeses prenunciavam o fim do feudalismo*. Contribuiu para esse processo também o nacionalismo, com o enfraquecimento da nobreza e a centralização da autoridade nas mãos dos reis. Assim, nasceram fortes estados nacionais (como por exemplo, Inglaterra, França e Espanha) que resistiam às pretensões absolutistas do Papa.

A Renascença* desperta o interesse no estudo das *fontes,* e a Bíblia é lida novamente nas línguas originais, enquanto o surgimento da imprensa facilita a multiplicação da Bíblia e de livros em geral. O crescente desencantamento com o papado, após 70 anos do "Cativeiro Babilônico" e 40 de cisma papal, leva os intelectuais como João Wiclif e João Hus a questionar a própria estrutura da Igreja e papado e alguns dos seus dogmas* (como a transubstanciação) enquanto insistem nos direitos do *povo de Deus,* inclusive de pregar e receber a Santa Ceia completa (inclusive o vinho).

Muitos, de índole mais contemplativa, simplesmente deixam de lado a Igreja institucional, buscando a união com Deus diretamente por meio de contemplação e purificação, sem se preocupar com hierarquia ou mesmo com o ritual da Igreja.

Paralelamente, há um ressurgimento de religião popular em muitas formas, inclusive a dos flagelantes, os quais, num ascetismo* extremo, flagelam os seus corpos, assim criando quase um novo sistema litúrgico e sacramentai que escapa ao da Igreja Papal tão desacreditada.

Todos estes — os intelectuais, os "pré-reformadores" como Wiclif e Hus, os místicos; os flagelantes — constituem vozes de protesto que diziam claramente: "A Igreja como está, dominada pela hierarquia, inteligível só à elite, não responde nem às nossas necessidades e nem às nossas aspirações. Queremos uma Igreja renovada, mais nos moldes de Cristo e seus apóstolos".

A Terceira:

A Reforma Protestante é mais um glorioso exemplo (e eu creio que seja o maior exemplo) da ação divina; mais uma vez Deus renova Sua Igreja. Infelizmente, no processo, houve ruptura.

A reforma

Voltemos nossa atenção para tentarmos entender o que Lutero queria fazer. Há basicamente duas maneiras de ver a obra de Lutero: uma basicamente negativa (polêmica) e a outra basicamente positiva. A primeira tem sido mais usada e, penso eu, com prejuízo para nós e para o cristianismo. Podemos esboçar esta posição assim:

a) Justificação só pela fé *e não pelas obras;*
b) Só a Bíblia como regra de fé e prática, *e não a tradição;*
c) O sacerdócio universal dos crentes, *e não só da hierarquia.*

Ou como alguns preferem:
- Fé X Obra;
- Palavra de Deus X Palavra do homem;
- Povo X Hierarquia.

Reconhecemos que há alguma validade nessa abordagem, mas questionamos se é a maneira mais correta de ver a obra de Lutero e o seu significado para nós, hoje. Questionamos se realmente foi isto o que Lutero descobriu naqueles anos *antes de 1517* quando buscava tão ardentemente, como Monge Agostiniano, "um Deus gracioso" (amante e perdoa dor) a ele.

Creio que é inegável que a Reforma realmente ocorreu no coração de Martinho Lutero quando, depois da meditação, não apenas percebeu em Romanos 1.17 uma chave para atender toda a revelação de Deus na Bíblia, como também recebeu o próprio Cristo através da Palavra. Será uma deturpação desta experiência de Lutero concebê-la em termos polêmicos! É claro que Lutero e os outros Reformadores se dedicaram à tarefa de dizer com a maior clareza possível o sentido e as conseqüências desta redescoberta!

1) É quase impossível evitar o termo "JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ" por causa da longa tradição. Podemos, pelo menos temporariamente, tentar ver o que está por baixo ou por trás destas palavras?

No caso de Lutero, não é difícil. Ele, quase morto por um raio, prometeu tornar-se monge se Santa Ana o poupasse da morte. A vida monástica* em si era vista como a maneira mais certeira de chegar aos céus. E nos anos que Lutero passou no mosteiro, ele fazia o máximo para agradar a Deus e ganhar a sua aprovação. Confissões intermináveis, sacrifícios (tentava dormir no inverno sem cobertor), obediência rigorosa a todas as exigências de sua ordem. Mas, depois de tudo, Deus parecia ainda lhe condenar. Não havia meios para agradar a Deus — Lutero chegou a odiá-lo!

O que aconteceu para mudar isto? Na sua leitura da Bíblia, ele descobriu: "O justo viverá pela fé" (Rm 1.17). Mas o que é fé? Lutero descobriu que a fé que salva não é *principalmente* crer ou acreditar. Não é aceitar uma proposição intelectual. Crer é mais propriamente *confiar.* Confiar tem a ver com relacionamento! Cristo Jesus lhe chegou através da Sua Palavra e tornou-se não mais aquele juiz que lhe acusava e lhe lembrava as suas falhas e culpas. Pela Palavra, ele percebeu Jesus como seu Salvador. Daí, Deus não era realmente aquela figura distante, austera. Na face de Cristo, Lutero viu pela primeira vez o

Deus gracioso que há tanto tempo procurava. Ele diz que era como que Deus lhe houvesse aberto as portas do próprio Paraíso, tão grande foi sua alegria!

E o resultado de tudo isso? JUSTIFICAÇÃO. Mas, há uma palavra melhor: PERDÃO! Afinal não é uma transação legal ou legalista. Em Cristo, o ser humano, desorientado, alienado de Deus e do seu semelhante, descobre Deus, reconcilia-se com seu semelhante e com seu mundo, descobre direção e sentido na vida. Assim foi com Lutero.

E tudo isso realmente é *iniciativa de Deus!* Como Lutero diria, SOLA GRATIA (só graça). Nem por esforço e nem por merecimento do ser humano, mas pela bondade do "Deus Gracioso."

Quando Lutero fala de Justificação pela fé, então, ele não está, em primeira instância, armando uma polêmica contra os "romanistas". Pois tudo isto que acabamos de descrever, conhecida como sua "Experiência na Torre", ocorreu quando ele era monge e fiel aderente à Igreja Católica Romana! Ele está nos convidando para confiar nossa própria vida nas mãos de Cristo para experimentar o perdão dos nossos pecados e conhecer a liberdade em Cristo — e livres de culpa e do egoísmo, realmente livres para servir a Deus através do serviço ao próximo.

2) *SOLA SCRIPTURA* — Escritura contra tradição? Sim, mas há muito mais! Lutero é apenas um dos muitos que, mediante a leitura (ou o ouvir) da Palavra, Deus o alcança. Assim foi com Agostinho, no jardim de Milão. A voz de uma criança lhe chegou dizendo: "Toma e lê..." — ele pegou no livro de Romanos e leu novamente (Rm 1313-14) e Deus lhe veio através da Palavra. João Wesley também teria sua experiência enquanto alguém lia do prefácio à Epístola aos Romanos (escrito por Lutero). Afinal, Paulo havia escrito: "a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus" (Rm 10.17). Para Lutero, Cristo nos vem através da Sua Palavra. Não devemos procurá-Lo onde ele não nos prometeu nos encontrar.

Mas para Lutero, "Palavra" e "Bíblia" não são exatamente a mesma coisa. "Palavra", para Lutero, é sempre Cristo. Portanto, a Bíblia não é tanto lei, como o é para muitos. Mas, através das suas páginas, Cristo nos chega, nos instrui, nos orienta, nos mostra quem somos. A Bíblia é como um espelho, para nos revelar *realmente* quem somos — não necessariamente aquele bom homem ou bondosa mulher, mas muitas vezes aquele homem egoísta, aquela mulher orgulhosa, aquele jovem acomodado!

Por nos trazer Cristo e sua revelação, é também "a única regra de fé e prática". Mas para Lutero e para nós, Metodistas, isto nunca significou rejeitar o Credo Apostólico (que não é da Bíblia) e nem desprezar as formulações dos Primeiros Concílios Ecumênicos (conclaves "católicos") e suas decisões sobre Deus (Trindade) e Jesus (Encarnação, Cristologia).

A *Sola Scriptura,* de Lutero, é um desafio constante ao cristão de reexaminar *hoje* a Palavra para ver o que o Espírito diz à Igreja. Não basta saber o que disse a Lutero e mesmo a João Wesley, por mais importante que seja. O desafio é discernir o que Cristo diz a seu povo em nosso dia!

3) O Sacerdócio Universal dos Cristãos. Muitos entendem isto no sentido de:

"Eu posso orar a Deus e confessar meus pecados diretamente. Não preciso de nenhum intermediário". Mas a doutrina* é muito mais profunda que isso. Realmente, é uma nova visão da Igreja! Wiclíf e Hus, antes da Reforma, totalmente desencantados com a Igreja hierárquica e papal naquele tempo, ensinavam que a Igreja é o conjunto dos predestinados. Não creio que devemos enfatizar os *predestinados* — a Igreja para os pré-reformadores era o POVO e não a HIERARQUIA (ou simplesmente, como alguns pensavam, o Papa).

Lutero retoma a mesma idéia.

O Credo fala da Comunhão dos Santos; para Lutero, isto era uma definição de Igreja! Igreja é povo, não hierarquia. Quando Lutero percebeu isto, muitas coisas começaram a se mudar.

Então, o POVO é importante no culto; tem que participar ativamente. Daí, tem que *entender* o que se passa, no seu próprio idioma. E Lutero traduz-lhes a Bíblia em alemão.

O *povo* tem que louvar a Deus em cânticos, e não só o coro! E Lutero compõe hinos *congregacionais* apropriados ao espírito da Reforma. O culto passa a ser essencialmente o Culto da Palavra.

Uma vez que a Igreja não é hierarquia, Lutero nem estabelece uma nova hierarquia. Para ele, a Igreja é essencialmente o povo, "a Comunhão dos Santos"; por isso, a questão de ordens passa a ser coisa secundária. Há igrejas luteranas com bispos, outras sem — pois a Igreja não é hierarquia, e sim povo!

Talvez o maior desafio da Reforma para nós hoje seja o de tornar mais concreto em cada igreja local de nossa denominação o sentido de cada crente — homem, mulher, jovem, criança — ser um sacerdote ou sacerdotisa do Deus Vivo!

Para Refletir e aprofundar o assunto

Dividir o grupo em três grupos menores. O grupo 1 examina o estudo e completa o seguinte de acordo com os pontos levantados:

Grupo 1 - Parece-nos que Lutero quis dizer o seguinte com a "JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ .....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

O grupo 2 examina o estudo e completa o seguinte de acordo com os pontos levantados:

GRUPO 2 - Parece-nos que Lutero quis dizer o seguinte com a frase SOLA SCRIPTURA .....

.....

.....

.....

.....

O grupo 3 examina o estudo e completa o seguinte de acordo com os pontos levantados:

GRUPO 3 - Parece-nos que Lutero pensava assim em torno do SACERDÓCIO UNIVERSAL DOS CRISTÃOS

.....

.....

.....

.....

Compartilhar os pensamentos essenciais com o grupão. Perguntas gerais para o grupão pensar e aprofundar mais através da discussão das perguntas a mais:

a) É comum ver pessoas hoje com sérios problemas de sentimento de culpa. Que diz a doutrina da JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ que possa ministrar a tais pessoas?

b) O grupo percebe a diferença entre um simples acreditar e CONFIAR?

c) Por que é importante reconhecer que nossa justificação vem por iniciativa de Deus e é resultado da sua graça?

d) SOLA SCRIPTURA significa que a gente só deve ler a Bíblia e nenhum outro livro?

e) O SACERDÓCIO UNIVERSAL DOS CRISTÃOS significa que não deve haver ordenação de ministros ou estudos ou preparação teológico para exercer o pastorado?

f) Qual o relacionamento entre os Dons e Ministérios e a idéia do SACERDÓCIO UNIVERSAL DOS CRISTÃOS?

g) Sua congregação local é clericalizada ou viive a realidade do SACERDÓCIO UNIVERSAL DOS CRISTÃOS?

XV - METODISMO NA INGLATERRA, NOS ESTADOS UNIDOS E NO BRASIL

Talvez a primeira coisa a estabelecer é que o Metodismo faz parte integrante do movimento Protestante. Somos herdeiros da Reforma, mediante a Igreja da Inglaterra, cujos Trinta e Nove Artigos formam a base dos Artigos de Religião do Metodismo e cuja liturgia (O *Livro de Oração Comum)* exerceu muito mais influência na liturgia metodista do que muitos metodistas imaginam.

Podemos dizer que o Metodismo aceitou as três colunas principais da Reforma, a saber:

— A autoridade das Escrituras,
— a Justificação pela Fé
— e o Sacerdócio Universal dos crentes

Ou seja, aceitou os pelos Três “P" da Reforma Protestante: *Palavra, Perdão* e *Povo.*

Tendo dito isso, temos que notar que, pela ênfase wesleyana na Santificação e Perfeição Cristã, o Metodismo também tem uma afinidade básica com o Catolicismo. Aliás, alguns estudiosos do Metodismo consideram essa ênfase dupla de JUSTIFICAÇÃO/SANTIFICAÇÃO uma de nossas principais características (vejam, por exemplo, W. Hinson, *A Dinâmica do Pensamento de Wesley.* Assim, podemos pensar em mais um "P", a *Perfeição Cristã,* cuja essência é perfeição em amor.

I. O METODISMO NA INGLATERRA NO TEMPO DE WESLEY: CINCO CHAVES PARA COMPREENDER NOSSA HERANÇA METODISTA

Nesta parte, ao invés de tentar contar uma história do movimento metodista na Inglaterra do século XVIII, o século de Wesley, tentaremos detectar algumas características chaves que nos poderão ajudar a compreender este movimento, do qual nós metodistas brasileiros somos herdeiros.

1. A experiência religiosa de Aldersgate.

É quase inevitável começarmos no dia 24 de maio de 1738. A famosa experiência de João Wesley numa reunião à Rua Aldersgate, em Londres, a exemplo de Martinho Lutero, na torre de Wittenberg, marcou o clímax de uma longa busca de um relacionamento satisfatório com Deus em Cristo. Qual é o sentido desse evento? Pela descrição do próprio Wesley, os metodistas têm, tradicionalmente, enfatizado o "coração quente". E certamente a emoção fez parte da experiência; afinal, o ser humano não é só cérebro, mas os sentimentos e emoções lhe são molas de ação. Mas uma das coisas mais importantes da descrição do próprio Wesley sobre sua experiência em "Aldersgate" é que houve uma *íntima ligação entre sua experiência religiosa e a sua doutrina.* Uma outra maneira de dizer a mesma coisa seria dizer que a compreensão doutrinária de Wesley (muito embora profundamente fundamentada na Palavra de Deus) surgiu de sua experiência. Teologia, em Wesley, não é algo distante, especulativo, divorciado da vida; pelo contrário, ela nasce da vida religiosa, ou seja, da experiência da salvação. É uma teologia que nasce da oração e da experiência de Deus e uma oração que brota da sua teologia.

Por isso vale a pena estudarmos o registro de Wesley sobre o que aconteceu no dia

24 de maio. Podemos fazer isso em poucas linhas, mas cada uma poderia fornecer matéria para uma boa discussão.

a) A experiência de Wesley *nasceu da Palavra de Deus.* Alguém lia do Prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos. Foi no momento que Wesley ouviu da "mudança que Deus opera no coração pela fé em Cristo" que ele experimentou a fé! Confirmou o que Paulo dissera que "a fé é pelo ouvir e o ouvir pela palavra de Deus" (Rm 10.17).

b) A experiência foi fundamentalmente o *dom da fé.* Mas Wesley aprendeu, com Lutero, de que consiste a verdadeira fé — é *confiança* (não crença). "Senti que confiava em Cristo, Cristo tão somente para minha salvação...". Fé, então, é confiar a vida nas mãos de Cristo, estabelecer aquele relacionamento pelo qual Cristo se torna Senhor e Salvador pessoal.

c) Com o ato de confiar sua vida a Cristo, estabelecendo um novo relacionamento, *Wesley foi perdoado* (o que Lutero chamava de "justificação pela fé", conforme Rm 1.17), ou seja, percebeu que Cristo havia tirado seus pecados — não era apenas" o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29), mas o Salvador que tirava concretamente os pecados de João Wesley (e os nossos!).

d) Daquilo que Cristo lhe fizera, *o Espírito Santo testificou* (cf. Rm 8.16), pois no mesmo momento *"uma segurança"* lhe foi dada de que Cristo havia tirado seus pecados e o havia salvado "da lei do pecado e da morte".

e) Só? Não, há mais! Wesley diz que começou a orar pelos inimigos e perseguidores! Sem mencionar *o Novo Nascimento,* Wesley demonstrava nesta nova capacidade de perdoar que Deus não havia apenas lhe perdoado, mas também transformado o seu íntimo. Como nós cantamos: "Tu não somente perdoas, purificas também, ó Jesus".

Concluímos, então, nesta primeira parte, com a afirmação, que uma das principais características do metodismo wesleyano era, ao invés de uma teologia especulativa, *uma íntima conexão entre a doutrina* e a experiência.*

2. A segunda chave é a evangelização*.*

Devemos lembrar que não foi apenas João Wesley que teve uma experiência religiosa transformadora em maio de 1738. Carlos Wesley, seu irmão, também recebera o dom da fé, no domingo anterior. Carlos traduziu sua experiência, que ocorrera no Domingo de Pentecostes, num hino que lembra as línguas de fogo do primeiro Pentecoste — "Mil Línguas eu Quisera Ter".

Em certo sentido, enquanto João viajava por toda parte proclamando através da pregação as boas novas de vida nova em Cristo, Carlos Wesley também proclamava o evangelho através de seis mil e quinhentos hinos de sua autoria.

Há certas características da evangelização wesleyana que deviam ser notadas. Primeiro, o século XVIII presenciou o nascimento de uma nova classe social, a dos operários. Os primeiros representantes dessa nova classe eram os mineiros. Oprimidos pelas longas horas de trabalho árduo e pelo baixo salário, os mineiros não eram levados em conta pela Igreja oficial, e poucos deles procuravam a mesma. A Igreja não os enxergava e eles não sentiam falta da Igreja.

Foi aos mineiros de Kingswood e Bristol que os metodistas primeiro foram para lhes oferecer vida em Cristo! Mais tarde, com o crescimento das fábricas, os operários e operárias seriam objeto da mensagem metodista, e fariam parte integrante das sociedades e classes metodistas. Muito antes de a Igreja Anglicana tomar consciência da própria existência dessa nova classe, os metodistas já lhes ministravam.

A segunda coisa a notar é que havia necessidade de descobrirem-se novos métodos e agências para atender a essa nova situação. A pregação ao ar livre provou ser o meio para atingir esta nova classe. George Whitefield e João Wesley pregavam aos mineiros ao saírem estes das minas, pois os mineiros não procuravam a Igreja. Nas praças de Londres, Bristol e Newcastle, os metodistas ofereciam Cristo ao público atônito com essa inovação!

Mas se a pregação ao ar livre provou ser o instrumento, os agentes, muito mais do que ministros ordenados, passaram a ser os pregadores *leigos.* Desde a pregação do jovem leigo Tomás Maxfield, que trabalhava com João Wesley como "filho no Evangelho" no seu centro em Londres (a "Fundição") e que Susana Wesley considerava tão vocacionado como seu próprio filho João! — pessoas com "graça" (experiência pessoal de fé), "dons" (capacidade para proclamar claramente as boas novas) e "frutos" (resultados positivos da sua pregação em termos de despertamento e conversão) e que se dispunham não apenas a trabalhar nos lugares onde Wesley indicava, mas que se comprometiam a ler pelo menos seis horas por dia, militavam como "profetas" (proclamadores) sob a orientação de João Wesley.

A terceira coisa a ser notada nesta evangelização metodista é sua estreita ligação com o serviço ao povo e à ação. Talvez baste lembrarmos que a última carta que o velho Wesley escreveu foi endereçada a William Wilberforce, encorajando-o na sua luta no Parlamento Inglês contra a escravidão.

3. *A terceira chave: o povo*

João Wesley nunca teve a intenção de que o Metodismo passasse a ser uma nova Igreja; ele pretendia que fosse um movimento dentro da sua amada Igreja Anglicana (da qual *nunca* saiu) para seu despertamento e capacitação para o exercício da missão de Deus. A preocupação de Wesley era sempre o POVO e os seus seguidores, ele os chamava de "o *povo* chamado Metodista". Já vimos acima que deste povo Wesley conseguiu seus pregadores e pregadoras — pois Wesley permitia que mulheres como Mary Bosanquet pregassem. De Mary, Wesley dizia que sua palavra era tudo "luz" e fogo". Assim, Wesley descobriu um modo prático de expressar a doutrina de Lutero, o "Sacerdócio Universal do Crente".

Mas a ênfase no povo não para com a pregação de leigos e leigas, por mais importante que fosse; o Metodismo via sua missão como uma obra realizada pelo povo e em prol do povo. É por isso que nos principais centros do metodismo wesleyano surgiram escolas, orfanatos, ambulatórios, fundos de empréstimo, centro de artesanato, etc. Foi por isso que Wesley e os metodistas lutavam contra a escravidão, que degradava e explorava o povo africano.

Foi para poder servir ao povo que o próprio Wesley procurava ganhar todo o dinheiro possível, economizar o máximo — não para ficar rico, mas para ter recursos para "dar tudo possível". Por isso, já nos seus dias de professor em Oxford, ele havia economizado o dinheiro que normalmente teria gasto com carvão para sua lareira. Ele agüentava o frio dos invernos ingleses para ter dinheiro para pagar uma professora de uma classe de crianças pobres da cidade de Oxford.

4. *A quarta chave é a ênfase na santificação/perfeição cristã.*

Para João Wesley, a santificação é um processo de crescimento em graça que começa no momento que, pela fé, Deus perdoa o pecador arrependido e inicia o processo da sua transformação íntima. A perfeição é um dom de Deus pelo qual aperfeiçoa sua obra no crente, enchendo-o de amor para com Deus e para com o próximo. A chave para entendermos a perfeição cristã é o AMOR.

Wesley tinha muitos sinônimos para a perfeição, sinônimos estes que não inventou mas achou na Palavra de Deus. Perfeição é *pureza de coração* (Mt 5.8, Tg 1.27); é *"imitação de Cristo"* (Fp 2.5 ss); é *comunhão ininterrupta com Deus e com seus propósitos* (1Ts 5.16-18); mas mais do que qualquer outra coisa, é *o amor* (Mt 5.43-48; Mt 22.37-40; etc). O estudo do livro aos Hebreus o convenceu da absoluta necessidade de santidade na vida do discípulo de Jesus (especialmente Hb 12.10 e 14).

Já Carlos Wesley ensinou aos metodistas a doutrina* através dos seus hinos, poucos dos quais chegaram a nós. Talvez a mais clara expressão da doutrina* se encontra no seu hino "Amor Divino que Excede todos os Amores" ("Grande Amor", o hino de número 293 do Hinário Evangélico). Infelizmente, quase toda a ênfase na perfeição cristã da letra do hino desapareceu na tradução feita do inglês para a língua portuguesa. A terceira estrofe ,numa tradução literal, diz o seguinte:

"Vem, ó Todo-Poderoso para libertar
Deixa-nos *toda* a Tua vida receber
Volta de repente e nunca
Nunca mais no templo abandones
Queremos *sempre* Te abençoar
E servir-Te como Tuas hostes no Céu
Orar e louvar-Te sem cessar
Gloriar-nos no Teu perfeito amor.

Para Wesley, a Primeira Epístola de João é talvez o melhor comentário sobre a perfeição cristã. Nesta epístola, a ligação entre o amor e a vida cristã autêntica é patente. "Aquele que diz que está na luz, mas odeia seu irmão ainda está nas trevas até agora" (1Jo 2.9). O mesmo autor adverte: "Filhinhos, não amemos de palavras, nem de língua, mas por ações e em verdade" (1Jo 3.18), o que muito nos lembra de Tiago que questiona a fé daquele que nada *faz* em prol do irmão ou irmã sem roupa nem alimento (Tg 2.14-15).

5. *Uma quinta chave é a ênfase missionária do Metodismo Wesleyano.*

Os metodistas definiram a razão de sua existência (ou o porque Deus ter levantado os metodistas) com o objetivo "reformar a nação, particularmente a Igreja, e espalhar a santidade bíblica por toda a nação". Acabamos de ver como os metodistas se viam impulsionados a levar as boas novas aos operários e aos pobres, geralmente negligenciados pela Igreja oficial.

Mas havia também algo dentro do metodismo que o fez vencer as barreiras dos mares, pois logo ele é levado, espontaneamente, para Irlanda, Escócia, as Ilhas do Canal, para o Continente Europeu e para o Novo Mundo (para Antigua, no Caribe; para as colônias inglesas na América que viriam a ser os Estados Unidos; para Terra Nova, que é parte do atual Canadá). Aliás, uma Igreja que não é missionária é ou morta ou moribunda.

Mas o Metodismo norte-americano constitui um novo capítulo.

Para refletir e aprofundar mais

1) Examinar com o grupo cada uma das cinco chaves indicadas no estudo, a saber:
- A experiência religiosa de comunhão e confiança em Deus;
- A evangelização;
- O compromisso com o povo;
- A ênfase na santificação/perfeição cristã;
- Ênfase missionária do Metodismo.

2) Discutir as perguntas abaixo em relação a cada uma das 5 chaves:
a) Esta ênfase está presente em nossa igreja local?

b) Como fazer para tornar mais evidente esta ênfase em nossa Igreja Local?

XVI - O METODISMO NO NOVO MUNDO

O Impulso Missionário

A primeira "Sociedade" metodista surgiu em Londres em fins de 1739; vinte anos depois já se implantava nas colônias inglesas no Novo Mundo. Pois em 1760, Natanael Gilbert, convertido através de João Wesley na Inglaterra, ao voltar para Antigua, no Caribe, começou a compartilhar as boas novas com a população escrava.

O mesmo impulso de missão espontânea fez o metodismo em Virgínia e Maryland mediante a pregação de Roberto Strawbridge, o qual levantou "sociedades", construiu rudes capelas de pau roliço, itinerou diversas das "Treze Colônias", e até despertou vocações entre jovens norte-americanos!

Pouco depois, numa outra família de metodistas imigrantes da Irlanda, a Sra. Barbara Heck estaria pressionando seu primo e pregador metodista, Filipe Embury, a iniciar uma missão de proclamação em New York.

Bem mais para o norte, encontrava-se um jovem imigrante, Guilherme Black, engajado na pregação leiga na Terra Nova, hoje parte do Canadá.

Sim, a conclusão é quase irresistível de que uma das qualidades do metodismo nos primórdios era o seu impulso missionário, o qual o levaria, de modo próprio, a muitas partes do mundo e, com o tempo, faria do Metodismo um movimento verdadeiramente mundial. Só alguns anos depois dos começos mencionados é que, a pedido dos metodistas arrebanhados do Novo Mundo, João Wesley e os metodistas ingleses enviaram obreiros à guisa de missionários.

1 - *O Metodismo norte-americano se transforma em Igreja: a Igreja Episcopal*

João Wesley enviou alguns dos seus melhores pregadores como missionários para a América. Embora tenha ele os mandado para todos os locais mencionados acima, vamos ficar agora só com o território que passaria, anos depois, a ser os Estados Unidos.

Quando Wesley começou a enviar obreiros para as colônias inglesas na América, já estava bem adiantado o movimento de independência e, a partir de 1775, o movimento já tomava a forma de uma Guerra de Independência. Nos oito anos de guerra, todos os missionários que Wesley havia enviado voltaram, menos um, Francis Asbury.

Asbury, que nunca mais voltou para sua Inglaterra nativa, tornou-se um dos principais líderes do Metodismo nas Colônias, ao lado dos pregadores leigos que haviam surgido durante os anos do conflito.

Um fato curioso é que João Wesley, um inglês, não apoiara o movimento de independência, o que gerava suspeitas que os metodistas das colônias também não apoiavam-no, o que não era verdade.

Apesar desta dificuldade e desassossego causado pela guerra, o número de metodistas aumentava rapidamente. Ao fim da guerra, já contavam com uns 15.000 e mais de 80 pregadores.

O próprio Wesley, que não aprovara a revolução, agora deu pleno apoio na nova situação. Na realidade, ele preparou uma liturgia (baseado no *Livro de Oração Comum,* o qual ele considerava a melhor liturgia do mundo) e ainda um livro canônico (a Disciplina) e *ordenou* dois pregadores como presbíteros e o Dr. Tomás Coke como "superintendente geral " para os Metodistas na América. Isto é, tomou os passos para que os Metodistas na América se tornassem Igreja autônoma em relação à Igreja Anglicana (da qual os metodistas faziam parte) como do próprio movimento metodista inglês.

João Wesley tomou um outro passo nessa direção, chegando a nomear também Francis Asbury como Superintendente (ou seja, Bispo). Asbury, porém, reconheceu o espírito da independência dos metodistas na América; daí ele só aceitou a liderança mediante *eleição* pelos pregadores, e não apenas mediante a nomeação por Wesley, distante há tantos mil quilômetros! Os pregadores leigos votaram e o elegeram superintendente.

Sim, por volta de Natal, 1784, os pregadores se reuniram e, sob a direção de Coke, fundaram a Igreja Metodista Episcopal (antes o metodismo era, como já dito, movimento que era parte da Igreja Anglicana, não Igreja); elegeram Asbury, ainda leigo, Diácono, Presbítero e Superintendente em três dias sucessivos; e, dos seus parcos recursos humanos e financeiros, estabeleceram uma faculdade, *Cokesbury* College (aproveitando os nomes de Coke e Asbury, os dois "superintendentes" ou bispos) e mandaram missionários para Antigua e Terra Nova, apesar do fato de só existirem pouco mais de 80 pregadores metodistas no país.

Assim nasceu a Igreja Metodista Episcopal, a menor denominação no continente norte-americano; meio século depois era destinada a ser a maior. Algumas das razões para isto se seguem:

2 — *A Igreja Metodista Episcopal descobre a "Fronteira"*

Devemos lembrar que os Estados Unidos, em 1784, era, na realidade, uma pequena faixa de terra desde Geórgia (não incluía Flórida, pois esta pertencia à Espanha) até Canadá no Norte, ao longo da costa do Atlântico. Mas a população branca estava emigrando para o Oeste em busca de novas terras. O "Oeste" sempre se “afastava” mais e mais, pois a expansão territorial do país foi espantosa, e as fronteiras dos EUA alargavam-se mais e mais sobre os territórios do Oeste. Por compra (território de Louisiana, comprado da França, em1803, e território da Flórida, comprado da Espanha, 1819), conquista militar e compra (Texas e o Sudoeste, do México — uma das páginas mais sujas da história do país, pois os Estados Unidos realmente tomaram o território através duma guerra totalmente injustificável) e diplomacia (o território do Nordeste, negociado com Inglaterra), os Estados Unidos passaram a ser um país de dimensões continentais em apenas 70 anos!

Certos fatores fizeram com que os metodistas pudessem acompanhar a marcha para o Oeste, ou seja, a "Fronteira", mais eficientemente que qualquer outro grupo. Uma destas razões, sem dúvida, é o seu vigor espiritual e um outro é a sua auto-imagem.

Já em 1784, os 80 e poucos pregadores metodistas reunidos na Capela de *Lovely Lane* em Baltimore (Natal de 1784) haviam concluído que Deus os colocou na América para "reformar o continente e espalhar a santidade Bíblica por toda a parte." Sim, estavam imbuídos de um profundo senso de missão, que os impulsionava. Também o tipo do ministério metodista era admiravelmente adaptado à fronteira.

O pregador metodista era chamado de *circuit rider,* ou seja, "cavaleiro de circuito", sendo que seu circuito (ou seu “território paroquial”) poderia ter 30, 50 ou mais lugares (cidades, vilarejos, fazendas, etc) regulares de pregação. Assim, um pregador ordenado, auxiliado por muitos leigos e leigas, atendia a uma grande área na fronteira, esparsamente povoada.

E, finalmente, os metodistas aprenderam dos presbiterianos um tipo de evangelização muito apropriado à fronteira, a *camp meeting* (reunião de acampamento), na qual famílias vinham de consideráveis distâncias, de carroça, e acampavam durante uma semana ou mais, assistiam pregação pelo menos três vezes por dia e em que se realizavam conversões em grande número.

Havia, muitas vezes, manifestações emocionais; estas espantaram os presbiterianos, mas Bispo Asbury via nos acampamentos "o tempo de safra" dos metodistas!

3 — O *Metodismo Americano e a Escravidão*

Hoje a condenação da escravidão é universal; no Brasil veio sua emancipação formal (abolição) com a "Lei Áurea", e instaura-se agora uma luta sem trégua contra o mal mais sutil do racismo. Mas outrora, poucas foram as vozes que se levantaram contra a instituição, praticada no mundo inteiro.

Os primeiros escravos negros foram introduzidos em territórios que seriam os EUA nos primórdios da colonização inglesa, a saber: 1619! Passou a ser ponto pacífico que a agricultura nas colônias dependia do escravo. Longe dali, o próprio Padre Antônio Vieira diria no mesmo século: "Sem Angola, não há Brasil" (ou seja, o desenvolvimento do Brasil depende do escravo Angolano). Os primeiros a questionarem o sistema foram os "Amigos" (ou *Quakers).* João Wesley também condenava a escravidão como uma "vilania execrável". Ele não admitia, sob hipótese alguma, que um ser humano fosse dono de um outro; daí escreveu contra a escravidão e encorajava Wilberforce (parlamentar e depois primeiro ministro da Inglaterra) na sua luta no parlamento inglês contra o mal.

Mas nas colônias americanas, quem laborava nas fazendas de arroz eram os negros e, apesar da Declaração da Independência (1776) afirmar como uma "verdade auto-evidente" que todos foram dotados pelo Criador do Direito da *Liberdade,* no novo país (EUA) a escravidão não foi abolida na época!

As poucas vozes de protesto ao sistema não foram suficientes para levantar a consciência da Igreja de modo geral; e, com o tremendo aumento da produção do algodão, para a qual pensava-se indispensável o labor negro, criou-se um argumento tanto filosófico (baseado em Aristóteles, que cria que a escravidão era essencial ao equilíbrio social) como da Bíblia (na qual fica patente que havia escravos e seus donos nas mesmas igrejas do Novo Testamento e onde Paulo mandava ex-escravos de volta para os seus antigos senhores) que apresentava a escravidão não como um mal, senão como bem positivo!

Foi só de 1830 em diante que o movimento de abolição começou a crescer; e nesta luta muitos metodistas participaram plenamente.

Mas a tragédia foi que a Igreja como um todo (e especialmente no Sul dos EUA, onde havia a grande concentração dos escravos por causa do cultivo do algodão) não aderiu logo

ao movimento. As grandes denominações chegaram até a se racharem, resultando em Igrejas "do Norte" e "do Sul", Igreja Metodista do Norte (abolicionista) e Igreja Metodista do Sul (que não se opunha à escravidão).

Isto atingiu o Metodismo em 1844 e nasceu a Igreja Metodista Episcopal, Sul (de onde viria, 23 anos depois, o Metodismo para o Brasil).

No Norte do país, freqüentemente os abolicionistas metodistas (como em outras denominações) eram também seus melhores evangelistas (avivalistas); no Sul, infelizmente, a defesa da escravidão foi como uma cunha, separando as coisas consideradas espirituais (ética pessoal, evangelização, culto) das seculares (política, instituições sociais, ação social, escravidão). Esta infeliz dicotomia iria influenciar o pensamento e a ação das missões destas Igrejas (Metodistas, Presbiterianas, Batistas), por exemplo, no Brasil. Aliás, parte do desafio para o Metodismo hoje é identificar, retomar e reapropriar a visão e a práxis de Wesley (veja lição anterior).

4 — *Metodismo e a Educação*

Convencionou-se atribuir a Robert Raikes o privilégio de organizar a primeira escola Dominical. Essa escola, organizada em 1780, na verdade não foi a primeira. Antes dela, em 1769, surgiu a escola dominical metodista organizada por Hannah Ball, que funcionou durante muitos anos. Nascida em março de 1733, Hanna Ball se tornou líder da sociedade metodista de High Wycombe, sua cidade natal. Reunindo-se com as crianças no domingo e na segunda-feira, seu objetivo era dedicar o restante de sua vida caminhando ao lado de Deus, num trabalho de amor a favor dos estudantes, instruindo na fé, nos princípios da religião e na importância da salvação. É o que observamos numa carta que ela escreveu a John Wesley em 1770, descrevendo a Escola Dominical: “As crianças se reúnem duas vezes por semana, aos domingos e segundas-feiras. É um grupo meio selvagem, mas parece receptivo à instrução. Trabalho entre eles com a ânsia de promover os interesses de Cristo.”

Enquanto muitos questionavam o uso do Domingo para ensinar crianças a ler e escrever, João Wesley e o metodismo apoiaram a Escola Dominical desde o início com Hanna Baal e mais tarde quando Robert Raikes criou a partir da Escola Dominical um primeiro projeto de educação popular! Francis Asbury, superintendente do metodismo nos EUA fundou uma das primeiras Escolas Dominicais nos Estados Unidos.

Já vimos como na "Conferência de Natal" (1784) a Igreja Metodista Episcopal fundou *Cokesbury College* que, entanto, foi de curta duração. A partir de 1820, quando o Concilio Geral permitiu a nomeação de itinerantes metodistas como reitores de instituições de ensino, o Metodismo começou a contribuir significativamente para a educação superior do país.

Demoramos em organizar seminários teológicos por causa do nosso conceito de vocação (veja lição anterior) e métodos de treinamento, a saber: o sistema de aprendiz, pelo qual um jovem pregador aprendia o ofício acompanhando um mais experiente no seu trabalho, e abundantes leituras.

Brevemente, porém, o Metodismo, ao lado de outras denominações, povoaria os EUA de escolas de todos os níveis, inclusive o universitário. A escola passaria a ser uma das

suas mais evidentes contribuições às missões que fundava em todos os continentes.

5 — *O Metodismo e as Missões*

A era de missões protestantes modernas foi inaugurada por William Carey, batista, no final do século XVIII. Já vimos a ênfase missionária no metodismo wesleyano. Apenas em esboço, vejamos como o metodismo na América do Norte seguiu esta tendência:

a) A evangelízação da "Fronteira";
b) A evangelização de indígenas, a partir de 1820;
c) A evangelização de escravos negros, desde a mesma época;
d) Missões no além-mar, a partir da missão na Libéria, África, fundada em 1832.

EXERCÍCIOS

Para aprofundar mais

Considerar: Na época das colônias inglesas na América do Norte os metodistas tiveram muita disposição para acompanhar o povo nas fronteiras na sua marcha para o Oeste. A imagem popular do pregador itinerante metodista se reflete nestas observações atribuídas aos povos migrando para o Oeste.

Os ministros presbiterianos chegam também ao Oeste somente depois do término da construção da estrada de ferro e o estabelecimento de horários regulares dos trens em cidades e outros lugarejos dali. Os ministros da Igreja Episcopal (Anglicana) chegam somente depois de instalado o serviço de carro-leito nos trens. Mas como já dito, os ministros itinerantes metodistas vêm junto com o povo, os colonos, a pé e a cavalo.

Responder:

1 - O que significa isto para nós hoje?

2 - Conservamos este mesmo espírito evangelístico hoje?

3 - Acompanhamos o povo nas suas migrações hoje?

4 - Ministramos aos diversos grupos nas suas "fronteiras" hoje, tais como: nas favelas, nas escolas, nas universidades, nos sindicatos, nos parques industriais, nos pólos comerciais, nos conjuntos habitacionais, na zona rural etc?

5 - De que maneira que os Dons e Ministérios podem ajudar a igreja a recuperar o espírito evangelístico e o impulso missionário?

XVII - O METODISMO BRASILEIRO

Os metodistas ao redor do mundo compõem uma grande família. Os laços e os traços familiares são fortes, mas há também muita variedade! O Metodismo inglês do tempo de Wesley, que nunca teve bispos, não é idêntico ao Metodismo norte-americano, que nasceu já "Episcopal" (ou seja, com a existência da função do Bispo), e nem é o metodismo brasileiro apenas uma cópia deste.

O próprio João Wesley não nos chegou "puro", mas mediado via a cultura e a teologia dos metodistas dos Estados Unidos.

Que dizer sobre o Metodismo no Brasil?

Obviamente, não podemos contar toda a sua história no curto espaço de uma lição. Tentaremos, porém, fazer três coisas:

1ª) Destacar, com brevidade, alguns dos momentos que marcaram nossa história.

2ª) Apreciar o alcance do Plano para a Vida e Missão da Igreja como um momento novo em nossa Igreja.

3ª) Procurar descobrir juntos subsídios para nossa renovação continuada.

I — *Momentos marcantes da nossa história*

a) A primeira tentativa de implantar o metodismo no Brasil

O movimento de libertação da América Latina (1810-1825), inspirado em parte na conquista da independência dos EUA e pelo estabelecimento de um Haiti independente (1804), despertou vivo interesse da Junta Missionária Metodista.

Daí, em 1835, Foutain Pitts foi enviado para fazer uma viagem de reconhecimento. Ele visitou as capitais da costa oriental da América do Sul e até fundou pequenos núcleos metodistas no Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Aires.

Quase imediatamente o casal Justin Spaulding e esposa foram enviados como missionários para o Rio de Janeiro. Durante a curta vida (o pouco tempo que durou) da missão, Daniel Kidder se destacou pela ousada distribuição da Bíblia por todos os principais centros de população do país.

A missão metodista no Brasil foi encerrada bruscamente e os missionários metodistas norte-americanos voltaram ao EUA por causa da Guerra da Secessão entre os estados do Sul e do Norte.

b) A implantação definitiva do metodismo no Brasil

O trabalho permanente só teve início em duas etapas após a Guerra de Secessão (1861-65):

Após a Guerra, sulistas americanos, buscando refúgio em outras terras onde pudessem reconstruir suas vidas, emigraram para a área de Santa Bárbara d'Oeste, no Estado de São Paulo. Entre eles estava o Rev. Junias Eastham Newman, veterano itinerante metodista, formou um "circuito" onde todo o trabalho era realizado em inglês.

Pela insistência do próprio Newman, a Junta Missionária da Igreja Metodista Episcopal do Sul (igreja que surgiu da separação da Igreja metodista entre os do norte e os

do sul dos EUA) enviou J. J. Ransom (1876) para formar uma "missão".

A missão, fundada na cidade do Rio de Janeiro, teve regular expansão a ponto de, em 1886, receber sua primeira visita episcopal. Na ocasião, o Bispo Granbery organizou a missão em Conferência Anual (Região Eclesiástica), o que seria o núcleo da Igreja Metodista como instituição brasileira e que, como pessoa jurídica, teria custódia das propriedades.

Desdobra-se o trabalho em três "Conferências" (Regiões), respectivamente Norte, Centro e Sul, as quais são organizadas em Igreja Autônoma a 2 de setembro de 1930, ocasião em que um velho missionário, João Tarboux, é eleito o primeiro bispo.

Passo importante para a verdadeira autonomia e maturidade da Igreja foi a eleição de César Dacorso Filho (1934), como o primeiro bispo brasileiro, o homem que marcaria profundamente a Igreja durante seu longo episcopado.

O Concilio Geral de 1938 cria, dos seminários existentes em Juiz de Fora e Porto Alegre, a Faculdade de Teologia para o preparo do seu ministério pastoral, com o intuito de assim construir uma Igreja mais coesa.

No espírito ecumênico de Wesley, a Igreja Metodista Brasileira adere ao Conselho Mundial de Igrejas, ainda "em formação", em 1942, a primeira Igreja da América Latina a ser membro do CMI.

Os anos 60 presenciaram muitos acontecimentos da maior importância. Entre outros:

— O Metodismo se firma na nova capital, Brasília, e começa uma obra significativa no Nordeste (Recife) e sucessivamente no Norte e no Noroeste;

— Dois secretários gerais, missionários, renunciam seu cargo em favor de elementos nacionais: o Gabinete Geral, órgão diretor da Igreja Metodista Brasileira, passa a ser realmente nacional;

— Em 1964: o golpe de Estado desferido pelos militares desorienta profundamente o metodismo brasileiro, já em "crise de identidade" frente ao catolicismo romano em franca renovação após Vaticano II e ao Pentecostalismo subitamente em evidência.

— Em 1970-71: começa a nacionalização definitiva da Igreja Metodista, a busca de uma nova identidade e do sentido da sua missão enquanto Igreja nacional.

— No mesmo período, o trabalho das diaconisas é substituído pela nova oportunidade de ministério feminino pleno, pela abertura do presbiterado (pastorado) à mulher. Em 1974, Zeni Soares, torna-se a primeira pastora metodista no Brasil.

II — *O Plano para a Vida e a Missão da Igreja — (PVMI)*

A Autonomia da Igreja Metodista Brasileira proclamada em 1930 era apenas parcial, pois a "Igreja Mãe" ainda exercia um grande grau de controle sobre finanças e nomeação dos obreiros missionários, por meio do Conselho Central, elo de ligação entre as Igrejas Brasileira e Norte-americana. O Gabinete Geral, também detentor de muito poder, havia

sido também dominado pelos missionários. A programação da Igreja Metodista Brasileira (IMB) tinha sido principalmente controlada pelas Juntas Gerais de Educação Cristã, de Missões e Evangelização e de Ação Social. O Concilio Geral de 1970-71 da Igreja Metodista do Brasil mexeu na organização e estrutura da Igreja e eliminou o Conselho Central, o Gabinete Geral e as 3 Juntas Gerais. A proposta era centralizar as funções, tarefas e responsabilidades dos órgãos eliminados no Conselho Geral. Na realidade, porém, devemos confessar que muitas tarefas importantes antigamente desempenhadas pelas Juntas Gerais simplesmente deixaram de ser realizadas.

Como escrevi na minha História Documental do Protestantismo no Brasil, “A Igreja Metodista vem buscando, especialmente a partir de 1974, um direcionamento pastoral que se formaliza nos seus ‘planos de ação quadrienais’. Em 1974 o Concilio Geral adotou um plano para 1975/78, cujo tema foi ‘missão e ministérios’, implantado muito parcialmente. Novamente, em 1978, adotou-se um plano para 1979/82, ‘Unidos pelo Espírito, metodistas evangelizam’. O plano previa uma evangelização ‘do ser humano na sua totalidade’, libertação e ‘transformação dos seres humanos e das estruturas sociais’. Pretendeu envolver todas as áreas de vida e trabalho da igreja na missão de Deus. Especificamente, na área de educação, entre outras coisas, propôs o ‘estabelecimento de uma filosofia educacional...’ (Elaborou-se, em 1980, tal filosofia). Ainda que nos limites de um plano educacional, sua fundamentação teológica e política deixaram evidente que a implantação significa uma clara opção pelos pobres e por uma teologia centralizada no conceito do Reino de Deus (p. 362).”

O Concilio Geral de 1982 aprovou o Plano para a Vida e Missão da Igreja (PVM), o qual constitui um capítulo dos *Cânones da Igreja Metodista.*

O primeiro parágrafo do Plano é importante:

O "Plano para a Vida e a Missão da Igreja" é continuação dos Planos Quadrienais de 1974 e 1978 e conseqüência direta da consulta nacional de 1981 sobre a Vida e a Missão da Igreja, principal evento da celebração de nosso 50º aniversário da Autonomia do Metodismo Brasileiro.”

O texto prossegue dizendo que há evidência de "que o metodismo brasileiro está saindo da profunda crise de identidade que abalou nossa Igreja após a primeira metade da década dos sessenta".

O que é o significado essencial do Plano para a Vida e a Missão da Igreja Metodista? Eu creio que o sentido real é que ele representa o momento em que nossa Igreja pergunta, enquanto Igreja Metodista *brasileira,* solene e conscientemente:

— Qual é a razão de ser do metodismo no Brasil?

— Qual será sua participação específica na Missão de Deus no Brasil hoje?

E, tendo feito esta pergunta, ela responde em termos de quatro grandes ênfases. A saber:

1º) "Herança Metodista".

O PVM não propõe nenhum programa saudosista no sentido de uma "volta a Wesley" e, sim, propõe entender o sentido da nossa herança naquilo que contribui à nossa obediência à Missão de Deus hoje. Muitos são os elementos desta herança: firmeza doutrinária ligada ao amor e tolerância, a experiência pessoal da fé e a disciplina levando à santificação e a perfeição cristã (perfeição em amor), paixão evangelística que se preocupa com o bem-estar da pessoa total, e tantos outros.

2°) Compromisso com o Reino.

"A Missão de Deus no mundo é estabelecer o seu Reino. Participar da construção do Reino de Deus em nosso mundo, pelo Espírito Santo, constitui-se na tarefa evangelística da Igreja."

3°) Compromisso com a vida com paz, justiça e reconciliação.

Engajamento na luta de denúncia da morte e tudo que a gera e em prol de tudo que gera a vida.

4.°) Participação na Missão de Deus

Nós participamos na Missão de Deus, especificamente por "produzir atos de piedade e obras de misericórdia". O metodista, com Wesley, participa do culto, pois a própria Igreja é a comunidade de adoração, e de todos os meios da graça; pratica as "obras de misericórdia", traduzindo em prática o amor ao próximo, sem o qual ninguém pode ser reconhecido como cristão.

Talvez valeria a pena ver estas quatro ênfases ainda mais sucintamente. Elas seriam:

— o Equilíbrio da Herança Wesleyana;
—Compromisso com o *Reino;*
— o tema Vida/Morte;
— o tema Piedade/Misericórdia.

EXERCÍCIOS

A) *Descobrindo juntos alguns subsídios para nossa renovação continuada*

Uma sugestão prática, para professores e alunos, seria uma leitura mais atenta e conseqüentemente mais demorada de todo o PVM. Talvez vão querer depois promover uma reunião à parte para sua Escola Dominical e/ou igreja local.

Eis algumas perguntas para estimular o estudo e reflexão em aula:

1. Como pode nossa igreja assumir plenamente sua autonomia sem repudiar o aspecto mundial do Metodismo?

2. Quais são alguns meios para nós expressarmos a paixão evangelística que visa o bem-estar total das pessoas e da sociedade?

3. Como implementar o espírito missionário que sempre caracterizou o Metodismo?

4. Como expressar nosso compromisso com o Reino frente aos problemas de fome, opressão baseada em raça, classe social, sexo, idade, etc?

5. Que mudanças devem ocorrer em mim e na minha igreja local para que sejamos mais aptos para participar na missão de Deus aqui e agora?

B) Examinar as seguintes afirmações em grupo e colocar CERTO ou ERRADO no espaço de acordo com o consenso:

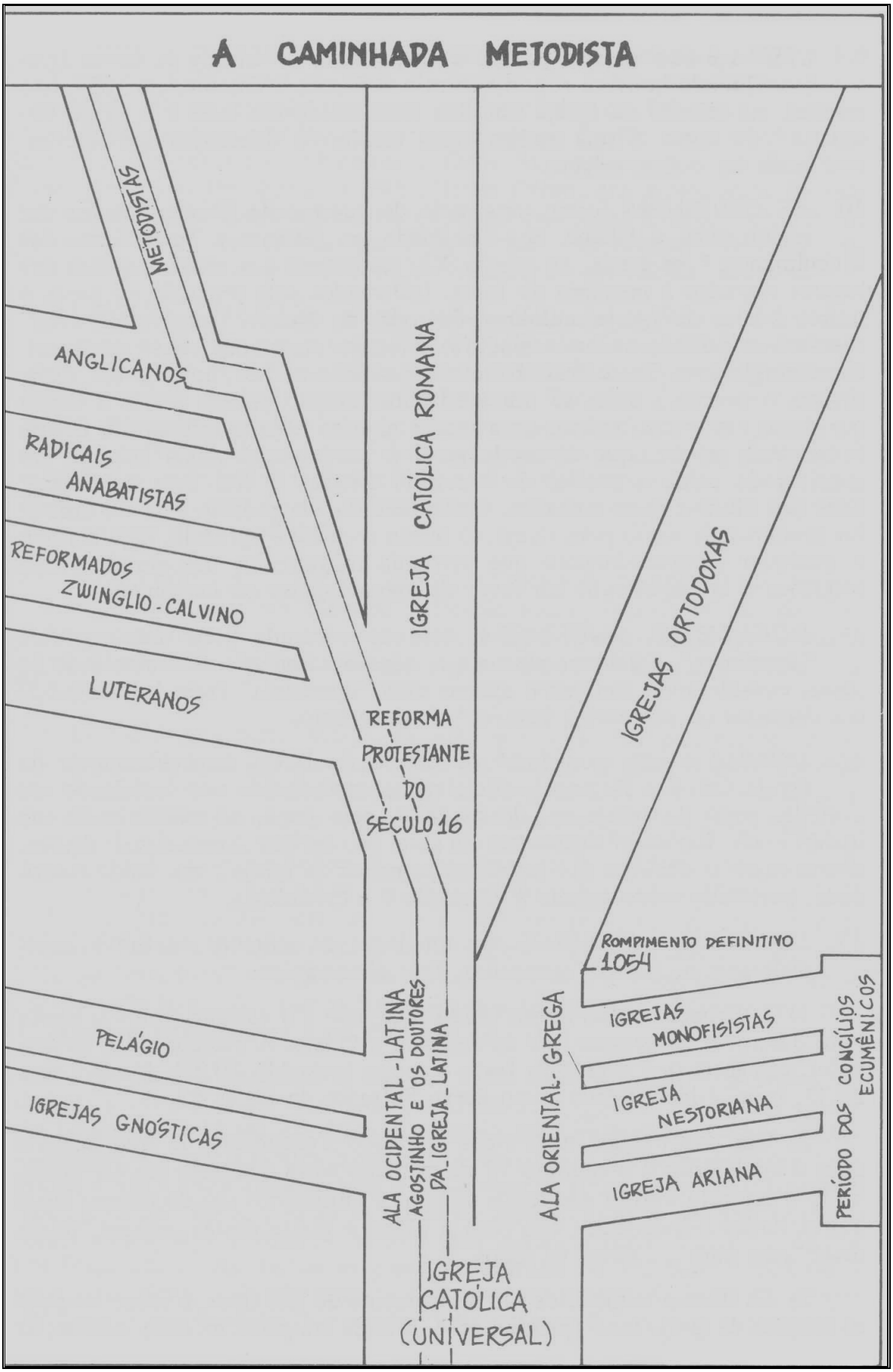
1 - (.....) O metodismo brasileiro é idêntico ao metodismo da Inglaterra, pois a doutrina e a ênfase wesleyanas chegaram diretas e puras.

2 - (. .....) A eleição de um bispo brasileiro foi um passo importante para a verdadeira autonomia e maturidade da Igreja Metodista.

3 - (. .....) A Igreja Metodista sempre teve lugar para o trabalho das mulheres em caráter voluntário ou como diaconisas, mas um ministério pleno das mulheres com possibilidades de ordenação como presbiteras (na Igreja Metodista essa nomenclatura quer dizer pastora!) se tornou uma realidade a partir de 1971.

4 - (. .....) A autonomia da Igreja Metodista Brasileira foi proclamada em 1930. Desde aquela data nenhuma influência de fora e nenhum controle sobre as finanças e nenhuma ajuda externa têm ocorrido na vida da Igreja.

5 - (.....) Na herança metodista aparecem "os atos de piedade" e "as obras de misericórdia", mas, oficialmente, os "atos de piedade" sempre pesavam mais.


A CAMINHADA METODISTA
METODISTAS
ANGLICANOS
RADICAIS ANABATISTAS
REFORMADOS ZWINGLIO-CALVINO
LUTERANOS
IGREJA CATÓLICA ROMANA
IGREJAS ORTODOXAS
REFORMA PROTESTANTE DO SÉCULO 16
ROMPIMENTO DEFINITIVO 1054
IGREJAS MONOFISISTAS
IGREJA NESTORIANA
IGREJA ARIANA
PERÍODO DOS CONCÍLIOS ECUMÊNICOS
PELÁGIO
IGREJAS GNÓSTICAS
ALA OCIDENTAL-LATINA
AGOSTINHO E OS DOUTORES DA IGREJA LATINA
ALA ORIENTAL-GREGA
IGREJA CATÓLICA (UNIVERSAL)

GLOSSÁRIO

Os termos e conceitos que aparecem neste Glossário como verbetes são assinalados com um asterisco (*) e são organizados em ordem alfabética para facilitar a referência. Este Glossário pode ser um instrumento valioso para melhor acompanhar os estudos. O leitor individual e os grupos coletivamente devem sempre consultar as palavras, trocar idéias sobre os conteúdos e assim aprimorar seus conhecimentos da História da Igreja com estes recursos.

1. ***ALEGORIA*** é uma história ou tratado que quer ensinar verdades ou valores que vão além do sentido literal. Por exemplo, *o Peregrino,* de João Bunyan, é uma alegoria da vida cristã, suas lutas, tentações e vitórias. Mesmo na Bíblia, a Epístola aos Hebreus é uma *interpretação alegórica* do Antigo Testamento. Resumidamente, sua mensagem é que Jesus Cristo é o Sumo Sacerdote ideal que oferece o sacrifício ideal no santuário ideal, garantindo-nos a salvação eterna.

2. ***ANABATISTA*** é o apelido que foi aplicado aos cristãos, no tempo da Reforma Protestante, que procuraram estabelecer uma Igreja segundo o modelo da Igreja Primitiva, como a imaginavam. Eles criam que a Igreja e o Estado deveriam estar separados, como nos anos antes de Constantino. Repudiavam a guerra e muitos deles praticavam literalmente Atos 2.44 (o de ter tudo em comum). Entendiam que o batismo, conforme a Bíblia, devia ser só de pessoas conscientes da sua fé em Cristo; não criam que o batismo de crianças fosse válido e, por isso, eles rebatizavam (anabatista significa literalmente "re-batizador"). A radicalidade da sua fé e prática parecia a muitos uma ameaça à sociedade, e por isso foram severamente perseguidos por Protestantes e Católicos.

3. ***APÓSTOLO*** é o título do núcleo dos seguidores de Jesus, os quais, após Sua morte e ressurreição, ele *enviou* ao mundo para proclamar o seu Reino (a palavra apóstolo vem do verbo grego que significa *enviar).* Embora seja comum falar-se em "os Doze" apóstolos, Atos 14.4 chama Barnabé e Paulo de "apóstolos" e o próprio Paulo identifica Andrônico como apóstolo e Júnia como apóstola (Rm. 16.7).

4. ***APOSTÓLICO****(A)* se refere à obra e ensino dos apóstolos(as) e sua continuação pelos legítimos sucessores destes. Entendia-se que os originais apóstolos tinham privado com Jesus, tendo assim acesso ao seu verdadeiro ensino e tendo a obrigação de transmiti-lo fielmente. Por isso, cria-se que o *ensino apostólico* era o mesmo ensinado pelo próprio Jesus. Mas a Igreja, como *apostólica,* não era apenas uma Igreja que ensinava a verdade; ela era essencialmente missionária, por ser enviada ao mundo pelo seu Senhor (Mt 28.18-20).

5. ***ÁRIO*** (c 256-336), teólogo da Líbia (África), ensinou que Deus Pai criou o Filho antes do resto da criação. O Filho, por sua vez, foi o agente do Pai na criação posterior e o revelador do Pai para o mundo. Mas, como criatura, o Filho não era nem eterno (houve um tempo quando Ele não existira) e nem plenamente Deus. No entanto, pela glória divina com que o Pai lhe dotou, o Filho, Jesus Cristo, era muito mais do que um ser humano. Resumindo, Ário ensinava que Jesus Cristo, longe de ser Deus encarnado, era menos que Deus e mais que homem. Ário foi condenado como herege pelo I Concilio Ecumênico em Nicéia, 325 d.C.

A QUESTÃO ARIANA se refere a toda a discussão de Ário e da sua doutrina antes, durante e depois do Concilio de Nicéia, 325. Os *Arianos* eram, primeiro, os defensores de Ário em 325. Muitos continuaram a esposar tais idéias, inclusive com apoio imperial. Também Ülfilas, missionário ariano, evangelizou os Godos e outros povos germânicos. Estes, quando invadiram o Império Romano, estabeleceram estados arianos. Pouco a pouco estes povos germânicos iam deixando o seu arianismo e aderindo à Igreja de Roma, os últimos sendo os Lombardos, cuja conversão só se completou mais ou menos em 660 d.C.

6. ***ASCETISMO*** *ou* ***ASCESE*** significa literalmente disciplina, mas no uso comum ele significa, além de dedicação a uma vida de oração, devoção e abnegação, práticas como a abstinência, o jejum, a rejeição do casamento, a pobreza voluntária — tudo visando o pleno desenvolvimento espiritual e a sujeição do corpo.

7. ***BULA*** é uma carta oficial, na história eclesiástica, geralmente de um papa, e que define para a Igreja Católica uma determinada questão.

Por exemplo: a bula *Unam Saneiam,* do Papa Bonifácio VIII, estabeleceu que fosse necessário para a salvação concordar com o ensino do papa.

8. ***CATÓLICO*** é um termo que tem uma história própria. Foi primeiro usado por Inácio de Antioquia para significar A IGREJA UNIVERSAL. Com o surgimento das heresias* (erros doutrinários), dos gnósticos* e de cismas* como o Montanismo, o termo Igreja Católica passou a significar a Igreja "ortodoxa",* a qual não seguia os erros dos gnósticos* e nem se separava da Igreja dos bispos legitimamente constituídos. (Muitos preferem se referir à Velha Igreja Católica nesse período.)

Um terceiro momento e uso do termo ocorre quando da separação definitiva entre a Igreja Ocidental e a Oriental, em 1054. Até então, a sede da Igreja no Ocidente era Roma; a Igreja Ocidental passou a ser conhecida como a Igreja Católica Romana, enquanto a do Oriente, com sua sede principal em Constantinopla, veio a ser conhecida como a Igreja Ortodoxa.* Nós metodistas temos profundas raízes na Igreja Católica, nos três sentidos mencionados, pois afirmamos sermos uma parte da Igreja Universal criada por Jesus Cristo. Aceitamos as grandes doutrinas da Trindade e da Cristologia (repudiadas pelos hereges*) e, finalmente, somos da linha Ocidental (Romana) e não Oriental (Ortodoxa). Veja a figura A Caminhada Metodista.

9. ***CISMA*** é uma divisão profunda, que resulta na criação de novas Igrejas. Quando houve a ruptura entre o Ocidente e Oriente, em 1054, isto resultou na criação da Igreja Católica Romana de um lado e a Igreja Ortodoxa* do outro. Cisma muitas vezes resulta de diferenças doutrinárias, mas pode ter outras origens.

10. *AS* ***CRUZADAS*** foram uma série de guerras de Cristãos contra seu maior rival, o Islã. Sua finalidade era retomar a Terra Santa dos Muçulmanos,* os quais, no século XI, recusavam aos cristãos acesso aos lugares sagrados à memória de Jesus. Inflamados pela pregação de papas e outros líderes da Igreja, milhares, de todas as classes, "tomavam a cruz" (usavam-na pintada na sua armadura) e foram lutar numa causa que consideravam gloriosa. Seu sucesso foi muito parcial e muitos, hoje em dia, questionam o processo todo, se um verdadeiro cristão poderá servir a Cristo por pegar em armas, mesmo para atacar alguém julgado inimigo de Cristo. É inegável, porém, que de modo geral a participação numa cruzada era considerada como a prática de heroísmo cristão. O Rei Luiz da França, líder das últimas duas cruzadas, tendo perdido sua própria vida na última, foi pronunciado santo pela Igreja. O termo *cruzada é* aplicado, hoje em dia, a qualquer empreendimento que pretenda movimentar um grande grupo (digamos a Igreja inteira) em favor de alguma causa ou movimento.

11. ***DOCETISMO, DOCETISTA,*** vem do vocábulo grego que significa “aparência". Qualquer pessoa que negava a verdadeira humanidade de Jesus, considerando sua carne apenas uma "aparência" (veja I João 4.2-3) era *docetista* ou aderente à heresia* de *docetismo.*

12. ***DOGMA*** é uma doutrina* ou ensino da Igreja (especificamente da greja Católica Romana), oficialmente estabelecida por decisão de um Concilio geral da Igreja ou, desde 1870, pelo papa, no exercício da sua inalibilidade. Embora Protestantes em geral não aceitem o conceito de dogma, eles aceitam as decisões dos primeiros concílios da Igreja como tendo autoridade, particularmente quanto à Trindade e à Cristologia.

13. ***DONS E MINISTÉRIOS*** têm um lugar de sentença na Bíblia, especialmente no Novo Testamento. Três observações:

a) *Liderança:* termo muito usado hoje, não é a categoria bíblica usada para descrever as pessoas que se dedicam a Cristo. A categoria é a de servo(a), categoria que o próprio Jesus assumiu (veja Mt 20.28). Já em Lucas 22.37, Jesus é identificado como Servo Sofredor de Isaías 53.

b) Um dos trechos mais ricos no Novo Testamento no que tange a dons e ministérios é o capítulo 12 da primeira carta de Paulo aos Coríntios. Todo o capítulo mostra que todos os dons e ministérios são do mesmo Deus Trino, dados a indivíduos não para a glória e honra destas pessoas "talentosas" mas para o serviço de todos.

c) Os dons e ministérios são basicamente de três tipos, a saber:

c.1) para as funções da *igreja local* (proclamação, liturgia em geral, música), edificação (educação cristã, transmissão da fé, visitação, cuidado de doentes, encarcerados, pessoas inválidas, etc), serviços de caridades, ação social etc.

c.2) Serviços de *outreach,* como evangelização, missões (atravessando barreiras de todos os tipos — raciais, sociais, nacionais, sexuais, geográficas, serviços à comunidade de saúde, recreação, educação e alfabetização, serviço a grupos necessitados — idosos,

toxicômanos, prostitutas, menores, pobres, imigrantes etc...).

c.3) Serviços visando mudanças estruturais, através da política, atuação no sindicato, luta contra a poluição do meio ambiente, luta em prol da paz e contra a corrida armamentista, discriminação (racial, de sexo). Em outras palavras, ministérios ligados à Justiça, Paz e a Integridade da Criação. Sem dúvida, há muitas outras categorias de serviço (dons e ministérios), mas esta lista é, pelo menos, sugestiva.

14. ***DOUTRINA*** significa "ensino". Os Protestantes entendem que toda a doutrina deve ser baseada nas Sagradas Escrituras. Falamos, por exemplo, na Doutrina de Deus, na Doutrina do Espírito Santo, na Doutrina da Redenção, querendo significar "que a Bíblia nos ensina sobre Deus, o Espírito Santo, a Salvação, etc.

15. *O* ***ECUMENISMO*** é uma busca de manifestarmos a unidade da Igreja, por todos os meios: diálogo, cooperação, unidade orgânica. O termo vem de uma palavra grega que significa "o mundo habitado", de modo que se refere ao conceito da Igreja como universal e não dividida ou sectária.

O **MOVIMENTO ECUMÊNICO** data da Conferência Missionária Mundial em 1910, primeiro entre Protestantes, depois Ortodoxos* e, por último, depois de Concilio do Vaticano II, Católicos Romanos. O ecumenismo leva a sério o ensino bíblico sobre a unidade da Igreja de Jesus Cristo e se norteia pela oração sacerdotal de Jesus, especialmente em João 17.21.

Um **CONCILIO ECUMÊNICO** é uma reunião que pretende reunir as autoridades (principalmente os bispos) da Igreja toda para tomar decisões vitais sobre a vida e a doutrina* da Igreja. A partir de 325 d.C e até a divisão de 1054, em ocasiões de sérias disputas doutrinárias, os bispos eram convocados para decidir as questões conjuntamente. Suas decisões eram válidas para a Igreja toda. Após 1054, é claro, a Igreja Católica Romana ainda fazia realizar *Concílios Ecumênicos* para decidir questões que perturbavam seus adeptos. O Concilio de Vaticano II foi um Concilio Ecumênico, mas nenhum ortodoxo* ou nenhum protestante tinha voz ou voto no plenário do Concilio, embora houvesse *observadores* dessas Igrejas presentes. As decisões também só tem força de lei para católicos romanos.

16. ***ENCARNAÇÃO****:* a doutrina* da *Encarnação* de Jesus Cristo se baseia, entre outros textos, em João 1.14: "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós...". Isto é, *Deus,* o Filho, assumiu a humanidade na pessoa de Jesus Cristo. Afirmamos com esta doutrina* que Jesus foi *realmente* humano (ele realmente assumiu e compartilhou nossa natureza e vida) mas ele era, ao mesmo tempo, Deus, plenamente Deus, na única pessoa de Jesus. A discussão dessa questão, especialmente *COMO* pode Jesus ser ao mesmo tempo humano e divino, exercitou as melhores mentes da Igreja por mais de um século. A doutrina nada tem a ver com a idéia oriental e espírita de reencarnação, o que afirma o ser humano, depois da presente vida, volta a existir em outro corpo (carne).

17. ***FEUDALISMO*** é um sistema sócio-econômico baseado na posse da terra. No sistema, a maior autoridade (rei ou imperador) investe seu imediato com a sua propriedade, que tem a designação de feudo. Quem concede o feudo é "o senhor", quem o recebe é o "vassalo" daquele e lhe presta serviços e tributos em troca de proteção e outros serviços. O FEUDALISMO ocorre num tempo de fraco poder central (o rei, por exemplo, tem pouco mais poder que os grandes nobres, os quais possuem seus castelos e exércitos próprios); os pobres, chamados servos, são pouco mais que escravos. Uma vez que os bispados e os

grandes mosteiros tornavam-se grandes proprietários na Idade Média, eles também eram considerados vassalos dos nobres da terra (veja *"Investidura leiga").*

18. ***GENTIOS*** é um termo usado por israelitas ou judeus para se referir a todos que não são judeus racialmente. Os Gregos também se referiam a todos os outros como bárbaros etc. (Curiosamente, os Portugueses (cristãos) chamavam os povos nativos (os índios) de *gentios* aqui no Brasil no tempo colonial).

19. *Os* ***GNÓSTICOS****,* que surgiram principalmente no II século, se consideravam mais evoluídos que os demais. Ao invés de salvação por fé em Cristo Jesus eles criam que a salvação dependia da aquisição de certo *conhecimento* secreto (gnósis em grego significa conhecimento). Criam, de modo geral, que o espírito é bom, a matéria, má. Negavam, portanto, a doutrina* bíblica da criação, pois seria impossível para Deus (espírito) criar a matéria, a qual é, por natureza, má. Por isso mesmo, não criam que Jesus fosse realmente humano. Seu corpo teria de ser apenas aparente e não realmente carne (daí os gnósticos eram chamados de docetistas,* do vocábulo grego que significa "aparência"). Os gnósticos geralmente rejeitavam o Antigo Testamento, pela sua valorização da criação e da matéria em geral.

20. *O* ***HELENSIMO****:* devido às conquistas de Alexandre, o Grande, o *Helenismo* (a língua, filosofia e cultura gregas) dominavam culturalmente o Império Romano, exercendo também grande influência na Igreja, no seu modo de pensar, na elaboração da sua teologia e até na sua literatura sagrada (pois o próprio Novo Testamento foi escrito em grego).

21. ***HERESIA*** é erro doutrinário ou opinião contrária à posição oficial da Igreja. Na Igreja Antiga, as *heresias* geralmente eram opiniões inadequadas sobre a questão "Quem é Jesus Cristo?". Agostinho chamava a *heresia* de "pecado contra a verdade".

22. ***INDULGÊNCIA*** é um documento que declara a remissão da punição de pecados cometidos. Ê relacionada à Penitência que consiste de contrição ou tristeza pelos pecados, confissão a um sacerdote, absolvição ou perdão, e satisfação — pagamento ou restituição. A indulgência só se relaciona a esta última parte (satisfação), sendo a remissão da punição do pecado em troca de algum ato do pecador (orações, uma romaria, até participação de uma Cruzada*) ou de transferência do mérito de Cristo e dos seus santos à conta do pecador. No tempo de Lutero, vendiam-se indulgências as quais eram tidas como remissão de punição de pecados atuais e futuros, válidas até no purgatório e com eficácia transferível a pais e parentes já sofrendo o fogo do purgatório.

23. ***A INVESTIDURA LEIGA****:* a Igreja, na Idade Média, pelas suas propriedades, estava integrada no sistema sócio-econômico do tempo; daí seus bispos e abades eram investidos com sua autoridade por reis e nobres leigos. A Reforma de Cluny, desejando libertar o clero do controle secular, se opôs à *Investidura Leiga,* em particular à entrega do anel e báculo ou cajado (símbolos de autoridade espiritual) ao bispo por mão de leigo. Na famosa Concordata de Worms (1122), ficou estabelecido que só a Igreja concederia os símbolos de autoridade espiritual; o Estado participaria só da parte secular da investidura.

24. *O* ***MONARQUIANISMO*** resultou de respostas inadequadas à questão "Quem é Jesus Cristo?". Uma resposta foi que, por ocasião do batismo de Jesus, Deus O adotou como seu Filho, assim concedendo-lhe uma espécie de divindade que Ele não possuía por natureza. Em outras palavras, Jesus Cristo era essencialmente humano e não plenamente divino. Uma outra tentativa de responder à pergunta era que Deus é uma só pessoa. Mas,

como um ator pode aparecer em cena usando diferente máscara, o único Deus apareceu no palco da história atrás de três "máscaras": no Antigo Testamento como Deus Pai, nos Evangelhos como Deus Filho, e após o Pentecoste como Deus Espírito Santo. Assim Jesus Cristo seria apenas uma manifestação temporária do único Deus, não a Segunda Pessoa da Trindade. Estas duas formas de Monarquianísmo foram rejeitadas pela Igreja.

25. O ***MONASTICISMO****,* também chamado de **MONAQUISMO**, é a prática por homens (monges, frades) e por mulheres (monjas, freiras) de uma vida inteiramente devotada a Jesus, comumente aceitando *a pobreza* voluntária, abrindo-se mão do casamento (castidade) e *obediência* ao abade ou abadessa do mosteiro ou convento como ao Deus Pai. Quem adere ao monaquismo é chamado de religioso(a).

26*.* ***MUÇULMANOS*** são os seguidores de Maomé, fundador da religião Islame ("submissão" ao Deus Alá; "muçulmano" vem da mesma raiz). A rivalidade entre Cristãos e Muçulmanos chegou ao ponto de guerra aberta no período das Cruzadas*.

27. ***ORTODOXO*** é um termo que significa reta ou correta doutrina*. Aplicado a uma pessoa, um *ortodoxo* é um cristão que pertence a uma Igreja Ortodoxa, como a Igreja Ortodoxa Grega ou Russa (veja Cisma).

28. *A* ***RENASCENÇA*** (renascimento) marca o fim da Idade Média e início do período moderno da nossa história. Ela é caracterizada pelo Humanismo (a volta à literatura clássica da Grécia e Roma e a adoção dos seus ideais) e o florescer das artes plásticas. O humanismo literário facilitou a introdução da Reforma Protestante, mas muitos humanistas, como Erasmo, não aderiram à Reforma.

29. *A* ***SEPTUAGINTA*** (também chamada LXX, ou seja, setenta em algarismos romanos) foi a primeira versão do Antigo Testamento, do hebraico para o grego, com o acréscimo dos livros apócrifos. Ela se tornou necessária pelo fato de que muitos judeus da Diáspora (espalhados pelo mundo) não mais sabiam ler o hebraico. Seu nome vem de uma lenda que a versão fora feita por 70 sábios em 70 dias. O LXX também constituía a Bíblia dos cristãos durante os primeiros séculos da era cristã.

30. *O* ***SINÉDRIO*** de Jerusalém foi o supremo Conselho dos judeus; seus 71 membros, presididos pelo Sumo Sacerdote, exerciam jurisdição civil e religiosa sobre os judeus da Judéia e, até certo ponto, do mundo inteiro. Nos tempos de Jesus, a sentença de morte pelo *sinédrio* tinha que ser ratificada pelo Procurador Romano.

31. ***TRANSUBSTANCIAÇÃO****,* declarado dogma* (doutrina oficial) da Igreja Católica Romana no IV Concilio de Latrão (1215), define *a maneira* de Cristo se fazer corporalmente presente na Santa Ceia. Quando o sacerdote consagra o pão e o vinho, a essência ou *substância* deles é transformada literalmente em corpo e sangue de Cristo, mas os *acidentes* (gosto, cor, forma, etc.) não são alterados.